

# LING

## **Pesquisas em Linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos**

**Maria Cristina Parreira  
Suzi Marques Spatti Cavalari  
Lília Abreu-Tardelli  
Odair Luiz Nadin  
Daniel Soares da Costa  
(Org.)**

**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

**PESQUISAS EM  
LINGUÍSTICA NO SÉCULO XXI:  
PERSPECTIVAS E DESAFIOS  
TEÓRICOS-METODOLÓGICOS**

*SÉRIE*  
**TRILHAS LINGUÍSTICAS**  
n° 27 – 2015

**Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Univ Estadual Paulista,  
Campus Araraquara**

Reitor: Julio Cezar Durigan

Vice-reitora: Marilza Vieira Cunha Rudge

Diretor: Arnaldo Cortina

Vice-diretor: Cláudio César de Paiva

**Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa**

Coordenadora: Marina Célia Mendonça

***SÉRIE TRILHAS LINGUÍSTICAS Nº 27***

**Comissão Editorial da Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa**

Alessandra Del Ré

Anise de Abreu G. D'Orange Ferreira

Arnaldo Cortina

Bento Carlos Dias da Silva

Cristina Martins Fargetti

Luiz Carlos Cagliari

Renata Maria Facuri Coelho Marchezan

Rosane de Andrade Berlinck

**Diagramação:** Eron Pedroso Januskevictz

**Normalização:** Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras

**PESQUISAS EM LINGUÍSTICA  
NO SÉCULO XXI:  
PERSPECTIVAS E DESAFIOS  
TEÓRICOS-METODOLÓGICOS**

Maria Cristina Parreira  
Suzi Marques Spatti Cavalari  
Lília Abreu-Tardelli  
Odair Luiz Nadin  
Daniel Soares da Costa  
(Org.)

**CULTURA  
ACADÊMICA**   
*Editora*

Copyright © 2015 by FCL-UNESP Laboratório Editorial  
Direitos de publicação reservados a:  
Laboratório Editorial da FCL

Rod. Araraquara-Jaú, km 1  
14800-901 – Araraquara – SP  
Tel.: (16) 3334-6275

E-mail: [laboratorioeditorial@fclar.unesp.br](mailto:laboratorioeditorial@fclar.unesp.br)  
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

P438

Pesquisas em linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-  
metodológicos / Organizado por: Maria Cristina Parreira; Suzi Marques  
Spatti Cavalari; Lília Abreu-Tardelli; Odair Luiz Nadin; Daniel Soares  
da Costa. –

São Paulo, SP : Cultura Acadêmica, 2015.

186 p. ; 14x21 cm. – (Série Trilhas Linguísticas; 27)

ISBN: 978-85-7983-640-4

I. Linguística -- Séc. XXI. 2. Linguística -- Pesquisa. 3. Sociolinguística.  
I. Parreira, Maria Cristina. II. Cavalari, Suzi Marques Spatti.  
III. Abreu-Tardelli, Lília. IV. Nadin, Odair Luiz. V. Costa, Daniel Soares da.  
VI. Série.

CDD 410

# SUMÁRIO

## *Apresentação*

Maria Cristina Parreira, Suzi Marques Spatti Cavalari, Lília Santos Abreu-Tardelli, Odair Luiz Nadin e Daniel Soares da Costa .....7

## *Uma breve retrospectiva da pesquisa sociolinguística*

Roberto Gomes Camacho .....13

## *Desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista*

Raquel Meister Ko. Freitag .....29

## *Por uma abordagem etológica e ecológica da variação linguística*

Marco Antonio de Oliveira.....45

## *Aspectos teóricos e metodológicos do curso on-line: sociolinguística, recursos de análise para o contexto da sala de aula de L1, L2, L3*

Marisela Colín Rodea .....71

## *Ciências brasileiras de lingua(gem): teorias de discurso*

Roberto Leiser Baronas.....91

## *A autoria criadora/enunciativa em enunciados do gênero carta do leitor: estudo de cartas publicadas nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo*

Simone Ribeiro de Avila Veloso .....109

## *Reflexões metodológicas sobre a análise de dados longitudinais: prosódia e primeira sintaxe*

Christelle Dodane .....129

*Opções e soluções metodológicas na construção do Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII E XVIII*  
Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa .....159  
*Sobre os autores e organizadores* .....181

# APRESENTAÇÃO

*Não há impasse quando se está imbuído de desafio. Não se anda porque existe um caminho; por andar é que se abre o caminho.*

(Daisaku Ikeda)

Este livro reúne alguns trabalhos apresentados no V SELIN – Seminário de Estudos Linguísticos, com o tema **PESQUISA EM LINGUÍSTICA NO SÉCULO XXI: PERSPECTIVAS E DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**, organizado por professores de dois programas de Pós-Graduação da UNESP, a saber, “Estudos Linguísticos” (PPGEL) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) de São José do Rio Preto e “Linguística e Língua Portuguesa” (PPGLLP) da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) de Araraquara.

Com o objetivo de promover o diálogo entre os participantes dos dois programas (docentes e discentes) e entre pesquisadores de outros programas nacionais e internacionais, o evento contou com uma programação que permitiu, a partir de um panorama geral e atual sobre as pesquisas em Linguística, uma discussão sobre as questões que envolvem teoria e metodologia, apontando as perspectivas e desafios para o século XXI. Para tanto, partiu-se de uma visão retrospectiva do que se tem feito na área para tratar dos desafios e perspectivas que se colocam para o linguista na atualidade, apontando as especificidades concernentes às diferentes áreas de atuação.

Nesse contexto, Roberto Gomes Camacho, com “Uma breve retrospectiva da pesquisa sociolinguística”, resgata alguns aspectos relevantes da história recente da linguística no processo de conso-

lidação do método, pelo viés da sociolinguística variacionista. Para isso, o autor recupera dois princípios essenciais da linguística do século XX: o de plenitude formal e o da natureza autônoma da linguística como ciência. O autor apresenta uma resolução possível do conflito entre atitudes predominantemente formais e funcionais com a defesa de um caráter mais radicalmente social para a (sócio) linguística.

Ainda com o tema da sociolinguística, no texto intitulado “Desafios teóricos-metodológicos da Sociolinguística variacionista”, Raquel Meister Ko. Freitag discute os atuais desafios para essa área de estudo, sobretudo no que concerne ao tratamento da dimensão estilística da variação, o futuro dos bancos de dados e os aspectos éticos envolvidos na coleta dos dados. Considerando a variação linguística sob duas perspectivas, a social e a estilística, a autora afirma que as escolhas metodológicas na atualidade “[...] rumam para uma incorporação dos aspectos qualitativos à sua tradicional metodologia quantitativa.” e conclui que tal procedimento “[...] produz resultados mais completos, com uma descrição mais ampla e integrada dos fenômenos linguísticos no contexto social.”

Ao tratar da variação linguística numa perspectiva que concebe as línguas naturais como sistemas adaptativos complexos, retomando como evidência principalmente casos de natureza fonológica, Marco Antonio de Oliveira busca avançar numa perspectiva ainda nova para o tratamento da variação linguística. Assume que é necessário estabelecer uma distinção clara entre a origem da variação e sua propagação. O objetivo principal de suas colocações foi o de tentar responder às seguintes questões: “Por que a variação linguística acontece? Qual é a sua causa?” O autor considera a variação linguística como um conjunto de emergências diferentes, controladas por atratores que operam tanto dentro quanto fora de um espaço fase. Sob esta perspectiva, a variação linguística é vista como inevitável, fazendo parte da natureza da linguagem, com causas internas a ela, embora sua propagação seja controlada por fatores externos a ela.

Uma abordagem com foco na relação entre língua e ensino é apresentada por Marisela Colín Rodea, que descreve um curso

online dirigido a professores de línguas interessados em explicar as mudanças linguísticas do idioma que ensinam e em compreender como lidar com a aproximação das variantes. O curso fornece as teorias, os conceitos, a metodologia e as técnicas básicas da sociolinguística, especificamente da sociolinguística interpretativa (GUMPERZ, 1982<sup>1</sup>), para facilitar a compreensão do aspecto social e heterogêneo da linguagem, suas variantes e mudanças, bem como os elementos e mecanismos de interação gerada em sala de aula presencial e *online*. A proposta estende-se ao estudo da interação do espaço da sala de aula através do modelo de Seedhouse (1994<sup>2</sup>, 2005<sup>3</sup>) e das propostas de Bortoni (2004<sup>4</sup>).

Em “Pesquisas em ciências brasileiras de lingua(gem): teorias de discurso”, Roberto Leiser Baronas organiza seu texto em torno de hipóteses que comprovam que já temos teorias linguísticas e discursivas brasileiras próprias, que devem ser expandidas, testadas, reproduzidas e retomadas analiticamente. O autor evoca o trabalho pioneiro de estudiosos brasileiros, defendendo a tese de que, em nosso país, há as teorias do idioma e das línguas faladas que tomam o português brasileiro como objeto de estudo, analisando-o em todos os níveis linguísticos, do fonológico ao textual, e também as teorias brasileiras do discurso, que devem ser incentivadas. São citados alguns modelos teóricos que foram criados por analistas brasileiros do discurso, que vão de uma semiótica da canção a uma teoria dos estereótipos e que, embora tivessem se inspirado na AD francesa, eslava ou anglo-saxônica,

---

1 GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

2 SEEDHOUSE, P. Linking pedagogical purposes to linguistic patterns of interaction: the analysis of communication in the language classroom. **IRAL**, Heidelberg, v.32, n.4, p.303-320, nov. 1994.

3 SEEDHOUSE, P. **The interactional architecture of the language classroom**: a conversation analysis perspective, language learning research. Michigan: Blackwell, 2005.

4 BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

apresentam características epistemológicas peculiares do país verde e amarelo.

Numa outra perspectiva, a autora Simone Ribeiro de Avila Veloso apresenta, em seu artigo, uma análise dos modos de inscrição da autoria criadora/enunciativa em enunciados concretos do gênero discursivo *carta do leitor*, publicados pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* em novembro de 1980, num momento de transição política no Brasil. Apoiando-se nos pressupostos teóricos de autoria desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, Volochínov e Medviédev, o estudo focaliza três vertentes de análise: a autoral que aponta para duas autorias criadoras/ enunciativas (uma institucional e outra do leitor), a dialógica, que sinaliza duas tendências (uma monologizante e outra dialogizante) no tocante a tais autorias e o enquadramento dialógico, delineado por meio de três categorias discursivas: polêmicas abertas, polêmicas veladas e denúncia. Segundo a autora, as análises evidenciam dois diferentes modos de instauração da autoria criadora na relação autor/editor/jornal com seus outros.

No que concerne às escolhas que o linguista deve fazer para estabelecer critérios metodológicos, Christelle Dodane apresenta suas escolhas metodológicas para trabalhar com a análise da prosódia e a aquisição da primeira sintaxe. Seu objetivo é mostrar que é uma tendência conciliar as abordagens quantitativas e a qualitativa no estudo da aquisição da linguagem, pois cada uma delas fornece informações diferentes, mas complementares. Após um trabalho de levantamento e tratamento de dados, a autora demonstra que uma análise quantitativa permite estudar as fases de evolução da sintaxe em cada criança, possibilitando uma comparação com outras crianças mais tarde. Por outro lado, a análise qualitativa serve para descrever os detalhes das primeiras estruturas sintáticas e a organização prosódica delas. Em síntese, as análises quantitativas têm por objetivo a descrição das diferentes fases de desenvolvimento, enquanto as análises qualitativas centram-se na descrição do processo de aquisição.

Por fim, o trabalho apresentado por Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, “Opções e soluções metodológicas na cons-

trução do *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*”, reúne as questões concernentes à execução do projeto recentemente concluído, traçando seu percurso teórico-metodológico, que foi sendo construído à medida que os fatos novos se apresentavam. O *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB) incorpora e ilustra vários aspectos concernentes à pesquisa linguística no Brasil: trata-se de um dicionário histórico baseado em um *corpus*, com um banco de dados de dez milhões de ocorrências, constituído somente para esse fim, com documentos de gênero e natureza variados; trata-se de um projeto que lançou mão dos recursos computacionais mais modernos, tendo por base as teorias lexicográficas de linha francesa e espanhola. A autora detalha os princípios básicos para a elaboração dos verbetes, apontando as informações obrigatórias e as facultativas, ilustrando com unidades lexicais as opções para descrever a homonímia, indicando as dificuldades encontradas para realizar a definição lexicográfica, bem como para a inclusão de expressões sintagmáticas, para a datação das acepções e para o registro dos fraseologismos. O resultado é uma obra que buscou registrar o repertório lexical que deu origem ao português do Brasil, obtendo êxito em meio a tantos desafios.

A breve apresentação desses trabalhos evidencia os inúmeros desafios dos quais o pesquisador se imbuí com o objetivo de abrir caminhos e ampliar as perspectivas na área de estudos linguísticos. Espera-se que este livro traga contribuições para aqueles que aceitaram o desafio de fazer pesquisas em Linguística no século XXI.

Os Organizadores



# UMA BREVE RETROSPECTIVA DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA<sup>1</sup>

Roberto Gomes CAMACHO

## Palavras iniciais

Minha intenção, com este texto, é levantar alguns aspectos relevantes da história recente da linguística no processo de consolidação do método, pelo viés da Sociolinguística Variacionista (CAMACHO, 2013). Para tal, pretendo resgatar aqui dois princípios essenciais da linguística do século XX, o conceito de plenitude formal, o da natureza autônoma da linguista como ciência. Esses postulados, apesar da carga positiva que costumeiramente a eles se atribui, têm uma contraparte negativa, como o *phármakon* de Platão em Derrida (1991).

O livro *A Farmácia de Platão*, uma das obras mais consagradas de Jacques Derrida, toma como ponto de partida *Fedro*, um dos diálogos de Platão. Trata-se, à primeira vista, de uma genealogia da escritura, encaminhada por Sócrates e desdobrada por Derrida (1991).

A escritura é apresentada como um *phármakon*, uma medicina, um remédio. Como nos faz notar o autor, *phármakon* é um termo ambíguo, de duplo sentido, podendo significar tanto remédio quanto veneno. Visto por esse ângulo, na escritura em que se

---

<sup>1</sup> Texto apresentado em *Pesquisas em Linguística: uma retrospectiva*, mesa-redonda de abertura do V SELIN, realizado de 2 a 4 de setembro de 2013.

desenvolve a história da teoria da linguagem, um princípio, aparentemente benéfico, tem também um lado maléfico. Um deles é o conceito de plenitude formal e o outro o de autonomia da gramática vinculado à idealização. Vou discuti-los ligeiramente, juntamente com e a superação da autonomia da gramática patrocinada pelos modelos sociolinguístico, funcional e textual-discursivo.

## O conceito estrutural de plenitude formal

É possível afirmar que o surgimento da linguística moderna se deu na segunda metade do século XIX com a posição imanentista assumida pelos neogramáticos para a explicação da mudança linguística, e que teve seu apogeu com a publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral* por Saussure.

Amplamente reconhecido como o pai da linguística moderna, Saussure (1977) deu sustentação à interpretação da linguagem como um objeto sincrônico em si mesmo e por si mesmo. Essa sustentação representou, na realidade, um gesto de criação que propiciaria a construção de um estatuto de autonomia para a linguística no conjunto das ciências humanas.

Saussure rompeu com a tradição diacrônica do século XIX, em especial a de linhagem neogramática, em que ele próprio se formou, definindo a linguagem no jogo de relações de oposição no interior do sistema ou língua. O princípio formal que deu suporte a essa visão sincrônica, também deu, segundo Faraco (2004), consistência à intuição de que as línguas humanas são totalmente organizadas, como a que já se vê em Sapir (1969). Esse linguista postulou que, em qualquer momento de estabilidade sincrônica, uma língua, ou qualquer uma de suas variedades, sempre se encontra em um estágio de plenitude formal, o que significa, portanto, estarem sempre aptas, línguas e variedades, a todas as tarefas a que se destinam como instrumento de interação e comunicação.

Hoje, é praticamente um lugar comum dizer que nenhuma língua ou variedade é inerentemente inferior a outra língua ou variedade similar. Para a linguística, toda língua ou variedade é, na realidade, um sistema altamente estruturado, mediante o qual

é plenamente possível transmitir, lógica e coerentemente, qualquer conteúdo a respeito da realidade social.

Tanto o estruturalismo europeu quanto o norte-americano contribuíram igualmente para a consolidação dessa posição não preconceituosa sobre a linguagem. O estruturalismo europeu tratou de construir um aparato teórico para a explicação da linguagem nas célebres dicotomias saussurianas. Já o norte-americano se encarregou primariamente de um exaustivo trabalho descritivo, principalmente com o estudo das línguas indígenas, uma tarefa de grande urgência, que já vinha sendo objeto de preocupação desde a década de 1920 por autores como Franz Boas e Edward Sapir.

Os estudos descritivos patrocinados por esses linguistas só reforçaram o princípio de plenitude formal por demonstrarem que nenhum estágio da evolução de uma língua representa uma forma de degeneração (SAPIR, 1969). Por essa razão, o compromisso com a tarefa descritiva era proporcional, em grau de relevância, ao compromisso de evitar a interferência do conhecimento acumulado com o estudo das línguas ocidentais indo-europeias.

A orientação subjacente ao compromisso de que cada língua tem sua própria organização gramatical foi, segundo Ilari (2004), reforçada pela hipótese Sapir-Whorf, derivada, por sua vez, da vertente relativista da antropologia cultural. Segundo Durham (1986) o estudo de Malinowski realizado nas Ilhas Trobriands fez dele um inovador. A partir dele, os estudos sociais envolveram uma relação mais íntima entre o investigador e o objeto de pesquisa em função da participação direta do pesquisador no cotidiano social observado.

No início do século XX, antropólogos, como Malinowski, em contato com uma realidade diferente e ao mesmo tempo altamente complexa, reagiram contra as medidas avaliativas de seus predecesores nas ciências sociais, que descreviam culturas não-ocidentais justamente com a régua das culturas ocidentais. Essa atitude foi denunciada como uma visão etnocêntrica que não mais se sustentava.

Esse processo propiciou ocasião oportuna para que se desencadeasse reação similar dos linguistas. A insistência dos antropólogos,

na análise descritiva de culturas diferentes, em contornar os problemas da visão evolucionista favoreceu o abandono da posição discriminatória de classificar algumas culturas ou mesmo línguas como se estivessem num estágio comparativamente inferior, simplesmente porque não se achavam associadas a avanços próprios de outras civilizações ocidentais em estágio tecnologicamente avançado.

O conceito de língua ou cultura primitiva foi, portanto, denunciado como o produto ideológico de uma visão etnocêntrica, cujo olhar partia sempre da lente das civilizações ocidentais. Para Sapir, como para qualquer outro linguista estruturalista das gerações seguintes, passou a ser evidente que cada língua, devidamente dotada de plenitude formal, deveria ser enfocada segundo a natureza de sua própria organização estrutural, não mediante um padrão de referência, geralmente o de uma língua flexional com base na distribuição de prestígio cultural.

Afirma Ilari (2004) que um dos saldos mais positivos da implantação do estruturalismo no Brasil foi justamente ter instaurado a crença de que a língua portuguesa deveria ser tomada como objeto de descrição, atitude que contrariou em grande medida a longa tradição normativa.

Os princípios de pertinência, que mais viam a língua como um sistema imanente do que ligado à comunidade social, provocaram representações confiáveis do sistema fonológico e do morfológico, como se vê em Câmara Jr. (1975). Além disso, a adoção de uma atitude descritiva desencadeou uma nova percepção das variedades estigmatizadas, que acabaram se tornando objetos legítimos de análise.

A orientação normativa conduz ao entendimento equivocado de que somente a variedade prestigiada é sistemática e regular. Tudo quanto dela foge constitui formas corrompidas que sempre cumpre corrigir. Já a orientação descritiva permite descobrir naturalmente que as variedades estigmatizadas não têm uma estrutura ilógica ou ineficiente, mas é apenas diferente da organização disponível na variedade de prestígio (ILARI, 2004). Considero que esses postulados interligados constituem uma herança inegável do pensamento estrutural que sempre vale a pena lembrar agora que

olhamos para o futuro, especialmente nesses primeiros treze anos do século XXI. Esse importante postulado, o fãrmaco, derivou-se, todavia, de um processo de idealização do objeto da linguística, o veneno. Passemos, agora, a refletir sobre ele.

## **Um idealismo neoplatônico na concepção do objeto de estudos**

Um dos princípios que têm caracterizado a linguística contemporânea como uma disciplina científica consiste na necessidade de estabelecer uma seleção entre os fenômenos da realidade passíveis de descrição. O argumento comumente empregado para assegurar a aplicação desse postulado se fundamenta no paradoxo de base segundo o qual toda descrição é necessariamente finita em face do objeto de estudos, suscetível de se apresentar infinitamente complexo.

A característica contraditória entre ciência e realidade parece ainda mais complexa quando o fenômeno a ser representado é a linguagem, tão complexa que acaba se tornando discutível delimitar um objeto específico para seu estudo.

Dando a Saussure a importância que tem como um dos fundadores da linguística moderna, é preciso reconhecer seu papel fundamental na tentativa de dar um estatuto diferencial e autônomo para a linguística. Nessa tarefa criadora, prepondera, entre suas preocupações básicas, o gesto de constituição de um objeto de estudo bem delimitado e bem definido para a linguística. Por isso, pode-se dizer que, nesse procedimento, ele o idealiza ao mesmo tempo em que o cria.

O procedimento de idealização projetado sobre a natureza heteróclita da linguagem encontra sua mais completa tradução na noção de sistema, visto como um conjunto de unidades e categorias inter-relacionadas. Como fenômeno complexo e, portanto, multifacetado, a linguagem seria plenamente suscetível de ser validamente descrita pelo físico, pelo fisiologista, pelo psicólogo, pelo sociólogo e por outros investigadores das mais diversas áreas de estudo.

No entanto, seria perfeitamente possível isolar um enfoque unicamente linguístico e distingui-lo dos demais, com base na projeção de um ponto de vista determinado sobre os fatos da linguagem, que, segundo Martinet (1972), guia o critério de pertinência. “Um determinado traço descritivo é pertinente [...] se couber no ponto de vista escolhido por essa ciência.” (MOUNIN, 1972, p.90). Assim são pertinentes os traços que contribuem para garantir uma função de comunicação, como se a linguagem em uso se reduzisse unicamente à função referencial. Esse princípio de pertinência, que guia as dicotomias tipicamente estruturalistas, tem uma inspiração nitidamente platônica, segundo Bagno (2011), uma vez que sempre cada par tem uma entidade perceptível e uma entidade abstrata, idealizável. Basta olhar para os conceitos de fonema e alofone, de morfema e de alomorfe, que foram as unidades analíticas fundamentais do estruturalismo.

Em suma, o estabelecimento do objeto a partir de um ponto de vista determinado permitiu, por um lado, identificar a natureza e delimitar a extensão do objeto da linguística. Permitiu, por outro, distingui-la de outras áreas do conhecimento para lhe dar, por fim, um estatuto de ciência autônoma. No entanto, esse corte acabou por focalizar apenas um aspecto da realidade, na medida em que privilegia a função cognitiva ou referencial da linguagem.

A interpretação relacional do sistema tem uma importância fundamental para a história recente da linguística, já que sua elaboração teórica e sua implementação metodológica conduziram ao estruturalismo. Por um lado, o conceito de estrutura, derivado da noção de sistema, apresenta um valor puramente teórico, ao identificar a natureza formal, relacional e opositiva das unidades linguísticas; por outro, a dimensão operacional da noção de sistema, transformada em procedimento rigoroso de análise e descrição, acaba por resultar no próprio método estrutural, que, depois, acabou por contaminar, para o bem e para o mal, as ciências humanas como um todo.

Mais tarde, no final da década de 50, Chomsky provoca uma ruptura com o pensamento estruturalista, mas não necessariamente no que se refere à delimitação do objeto. Chomsky (1975) con-

corda explicitamente com o critério saussuriano, ao afirmar que a idealização do objeto coincide com a “[...] posição dos fundadores da moderna linguística geral, e nenhuma razão convincente foi alguma vez proposta para a modificar.” (CHOMSKY, 1975, p.83).

A idealização operada por Saussure se completa com a noção de competência, em oposição à de desempenho, postulada por Chomsky. Alinhando-me a Bagno (2011), diria que o idealismo chomskyiano mal esconde uma nova atitude platônica, mas destinada, agora, a postular não entidades virtuais de um mundo social, como o faz Saussure, mas de uma psicologia cognitiva, que separa o que se processa na mente do falante, a competência, e o que se expressa concretamente na realização falada, o desempenho.

Como os conceitos de alofone e de fonema do estruturalismo, os de estrutura superficial e profunda convocavam os linguistas para ver entidades mais virtuais que reais como verdadeiros objetos de estudo. A atividade real e concreta de linguagem, e que de fato a constitui como fenômeno observável, foi mantida no exterior dos limites do objeto de estudos, sob o nome não mais de fala, mas de desempenho e seu enfoque só seria possível a partir do esclarecimento das regras da competência. Nesse caso específico, o falante é identificado como o sujeito cartesiano, lógico e universal, abstraído das relações sociais que estabelece com seu interlocutor no processo de interação verbal.

Adotada como procedimento epistemológico, a idealização dos dois paradigmas mais bem sucedidos no século XX – o estrutural e o gerativo – resultou de uma versão muito forte do “axioma da categoricidade”, segundo o qual os dados de base para a análise linguística deveriam ser regularizados de modo a eliminar a variabilidade de fato existente na linguagem enquanto fenômeno real (CHAMBERS, 1996).

Uma das premissas que dão suporte a esse axioma é que seria necessário abstrair a linguagem da variação do mundo real, para torná-la coerente e controlável, e o melhor caminho para isso é, segundo Joos (1950 apud CHAMBERS, 1996) aproximar a linguística da matemática, para a qual a inconsistência é, por definição, impossível. Desse modo, para as duas tendências, a linguagem

humana se reduz a um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma e as leis que governam esse sistema estável são especificamente linguísticas, internas, por estabelecerem ligações entre signos, formas e relações no interior de um sistema fechado (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1979, p.68).

Apoiando-se em Bakhtin/Voloshinov, pode-se afirmar que, ao espírito cartesiano, orientado para a matemática, que caracteriza a posição de Joos (apud CHAMBERS, 1996), não é a relação do signo com a realidade que interessa, mas a relação do signo com outro no interior de sistemas fechados. A história, deixada para segundo plano por Saussure e também por Chomsky, é, portanto, um domínio irracional que corrompe a pureza lógica do sistema, cujas unidades linguísticas são os signos matemáticos (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1979) formulados por um sujeito lógico, cartesiano.

A necessidade de dar à linguística um lugar autônomo, em relação às outras disciplinas científicas, emergentes como ela no início do século XX, teve, como consequência mais evidente, o corte metodológico que separou o sistema do discurso. Se esse traço tem um lado negativo, a contraparte positiva é que permitiu ver qualquer estágio ou variedade de uma língua como dotada de plenitude formal, especialmente porque o valor das unidades no sistema depende de uma relação formal, interna.

Essa separação significou também a abertura de espaços para a constante renovação do objeto de estudos, como uma presença obstinada do excluído – o discurso – às margens do sistema (MAINGUENEAU, 1990). E ainda hoje, diga-se de passagem, a linguística moderna continua a se defrontar com o excesso de linguagem que teimosamente transborda dos limites impostos pelo axioma da categoricidade.

## **A abertura do objeto para o discurso**

A Sociolinguística representou um dos principais esforços para romper com essa dicotomia ao considerar a heterogeneidade como princípio constitutivo da linguagem. Mais importante ainda que

isso, a alternativa teórica, introduzida por Labov (2008), para resolver os problemas de estrutura linguística identificou o fenômeno empírico, coletado na comunidade de fala, como a base sobre a qual se deve apoiar o substrato concreto de análise, operando uma diluição, digamos assim, de dicotomias como língua/fala e competência/desempenho.

Não há dúvida de que a Sociolinguística está bem acompanhada em postular, como objeto de estudos, a língua em uso no contexto social, o discurso, que foi praticamente posto à roda, como uma criança enjeitada, até a década de 70 do século anterior, como não passível de descrição pelo platonismo formalista de base estrutural ou gerativa. O fato é que proliferaram estudos da língua em uso. Uma delas, a Linguística Textual, quando se lançou, postulava ampliar, para o nível do texto, a competência, que, na teoria gerativa, aplicava-se apenas ao nível da sentença.

Hoje, totalmente liberada do arcabouço que a formatou inicialmente, trata da organização sócio-interacional, que organiza, em especial, o texto falado e, nesse empenho, cruza armas com a Análise da Conversação e com a Sociolinguística Interacional. Podem-se incluir nesse domínio todos os funcionalismos como legítimos pesquisadores da língua em uso no contexto social e as vertentes múltiplas da Análise do Discurso.

Esse panorama reflete apenas as mudanças paradigmáticas nos estudos da linguagem das últimas três ou quatro décadas, que têm ampliado o objeto da linguística – da gramática, no sentido gerativo, para a linguagem no sentido social, ou seja, para as práticas de uso em relação a áreas antes consideradas extralinguísticas. Concordo com Kleiman (1998) que é essa concepção ampliada do objeto que explica, em parte, a ausência crescente de fonólogos e sintaticistas atuando nas universidades brasileiras e o crescente interesse por áreas periféricas em relação ao núcleo rígido original.

A Sociolinguística representou a abertura de uma pequena trilha, que, no final, desembocou numa grande avenida por onde desfilam hoje blocos das mais diversas colorações. E a base desse desenvolvimento, a meu ver, se assenta na explicação da língua enquanto objeto constitutivamente heterogêneo.

A Sociolinguística Variacionista, no âmbito específico em que atua, se alinharia, assim, com as outras tendências não formalistas no mesmo desejo de superar a parcialidade imposta ao objeto de estudo em razão de sua idealização. Principalmente em sua fase de implantação, a Sociolinguística Variacionista sustentava posições teórico-metodológicas que a distanciavam da tendência formalista, inclusive como um modelo alternativo. Se esse alinhamento parecia estar claro no final da década de 60, os debates que envolveram a extensão da regra variável para a sintaxe, nos anos 80, encaminham essa corrente mais para o polo formal do que para o funcional.

Labov (1987) concorda com os funcionalistas que há uma parte considerável do comportamento verbal sujeita ao controle consciente e à escolha deliberada. Esses fenômenos, contudo, não constituem, para ele, o principal componente da faculdade de linguagem e tem, por isso, influência relativamente reduzida no desenvolvimento de longo prazo da estrutura linguística. Afirma, portanto, que “[...] a sintaxe é autônoma e pode ser estudada separadamente da semântica e que a função contrastiva dos sons não determina o sistema fonológico e pode ser suspensa por algum tempo sem romper a ordem do sistema.” (LABOV, 1987, p.313, tradução nossa).

O coroamento desse postulado de autonomia, que se assentaria no caráter arbitrário das regras e a natureza opaca da relação entre forma e função, acaba por identificar a Sociolinguística Variacionista com o estruturalismo clássico e suas dicotomias. As variáveis são dependentes de fatores internos, ou sistêmicos, e externos, ou sociais, e o valor dos internos é sempre explanatoriamente superior aos externos.

Segundo Bagno essa dicotomia revela uma dissociação entre entidades que deveriam ser vistos como uma coisa só, como parece, paradoxalmente, a diluição da diferença entre sistema e discurso, já que o objeto postulado é o da língua em uso no contexto social.

O postulado de comparabilidade funcional, sustentado por Lavandera (1984) como a única forma de compatibilizar variantes de uma variável sintática, não sensibilizou Labov (1987), que, afas-

tando esse cálice, para ele amargo, preferiu sustentar o princípio de equivalência referencial para o significado e reiterar o caráter formal das motivações para a variação e a mudança.

No entanto, uma vez mais, abriu-se uma nova avenida com o afrouxamento do critério usado para o agrupamento de formas variantes, postulado por Lavandera (1984), que passou, portanto, a ser empregado para agrupar parâmetros discursivos de um mesmo processo gramatical. Berlinck (2002) entende que a extensão da análise variacionista para a sintaxe e a perda da operacionalidade do conceito de “mesmo significado referencial” postulado por Labov abriram caminho para uma perspectiva mais ampla do conceito de variação, que passou a integrar estratégias interacionais na dimensão textual.

Paradoxalmente, o exame dessas estratégias interacionais na sociolinguística brasileira acabou por fortalecer justamente a abordagem funcional, o efeito contrário da tendência mais formal que Labov pretendeu imprimir à pesquisa variacionista a partir da década de 80. O fármaco e o veneno ou o veneno e o fármaco, a depender do ponto de vista.

Uma onda ainda mais recentemente instaurada centra o foco na variação, vista não como o reflexo do lugar social num ponto da escala sócio-econômica, mas como um recurso para a construção de significado social. Os estudos de Eckert (2000) têm-se justamente voltado para a necessidade de conectar essas categorias sociais mais abstratas, arraigadas na experiência do falante, com as comunidades imaginárias mais amplas, e o conceito-chave é o de comunidade de prática.

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento social comum. Na esteira desse engajamento, a comunidade desenvolve práticas sociais que envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta – uma definição tácita que assume um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática.

O conceito-chave para o processo de construção é o de prática estilística. Até aqui, nos estudos variacionistas, o estilo tem sido

tratado como ajustes da variação ao grau de formalidade da situação. A face renovada do conceito de estilo o define com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade. A identidade consiste, por sua vez, em tipos particulares explicitamente localizados na ordem social. Continuamente, os falantes atribuem significado social à variação de um modo consequente, situação que implica certo grau de agentividade, que o trabalho de Eckert (2000) parece querer recuperar.

### **Palavras finais**

Para finalizar esta reflexão, diria que, ao olhar para a construção da identidade social, a sociolinguística de Eckert vai ao encontro da proposta de Moita Lopes (2006). Essa proposta está voltada para a criação de uma ética de investigação para a linguística de natureza “indisciplinar”, que envolva crucialmente um processo de renarração da vida social, diretamente vinculado à necessidade de compreendê-la. A questão crucial parece radicar na reinvenção de formas de produzir conhecimento, tendo em vista ser a pesquisa um modo mesmo de construir a vida social ao mesmo tempo em que tenta entendê-la.

Uma dimensão como essa não deveria ficar circunscrita, na atual organização compartimentada e fragmentária do conhecimento, apenas aos analistas do discurso. E os efeitos de sentido, de que resultam sempre a escolha de uma construção gramatical, devem ter pertinência também para o sintaticista. É crucial entender que resposta o linguista tem a dar para a nova era de exigências de cidadania e política que se refletem no clamor das ruas.

Penso que já não basta fazer as afirmações costumeiras de que a gramática licencia tal construção inovadora; é preciso também pensar no trabalho histórico e social dos usuários, que é, em primeira instância, o que licencia a gramática, não um tipo de autonomia formal que parece dar à língua uma sustentação meramente interna. Espero que os linguistas do século XXI, na esteira das conquistas patrocinadas pelos estruturalismos do século XX, sejam

visionários o bastante para olhar o discurso com esse olhar sempre renovado, o que, com certeza, não os exime de olhar também sempre para a configuração formal do sistema.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1979.

BERLINCK, R. A. Sobre o lugar do 'funcional' na análise sociolinguística variacionista. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.31, p.1-9, 2002.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1996.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução de J. A. Meireles; E. P. Raposo. Coimbra: Armênio Amado, 1975.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DURHAM, E. R. Uma nova visão da antropologia. In: DURHAM, E. R.; FERNANDES, F. (Org.). **Bronislaw Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986. p.7-23.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v.3. p.27-32.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v.3 p.53-92.

KLEIMAN, A. B. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traço de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.51-77.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, M. Scherre, C. S. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. The overestimation of functionalism. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (Ed.). **Functionalism in linguistics**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1987. p.311-332.

LAVANDERA, B. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

MAINGUENEAU, D. L'unité de la linguistique. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.6. n.2. p.127-138, 1990.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos contrutos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p.85-105.

MOUNIN, G. **Introdução à linguística**. Tradução de José Mendes. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1972.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**: ensaios. Tradução de J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de A. Chelini; J. P. Paes; I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.



# DESAFIOS TEÓRICOS- METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

**Raquel Meister Ko. FREITAG**

## **Introdução**

Após sessenta anos, a Sociolinguística variacionista tem garantido seu espaço no campo dos estudos da linguagem. Acompanhando as mudanças pelas quais passou a sociedade, o modelo cuja gênese concebe uma coarticulação com a linguagem precisa, também, se adequar aos novos parâmetros. São atualmente desafios de base teórico-metodológica para a Sociolinguística o tratamento da dimensão estilística da variação, o futuro dos bancos de dados frente às novas tendências de análise e os aspectos éticos envolvidos na coleta de dados, os quais são percorridos a seguir.

## **A volta do estilo**

Dadas as suas dimensões continentais e do resultado de ações de planificação linguística que remontam ao período pombalino, o campo da Sociolinguística, especialmente a vertente variacionista, tem se mostrado produtivo no Brasil, na medida em que vem fomentando o desenvolvimento de estudos descritivos da variedade linguística falada (e escrita) em diferentes regiões do país, atrelados

a uma estratificação social mais ou menos padronizada. Resultados de investigações variacionistas têm respaldado a identificação de normas linguísticas brasileiras – em oposição à norma padrão de base portuguesa do final do século XIX que perpassa a tradição gramatical brasileira (FARACO, 2008) – em função de sua replicabilidade: a metodologia variacionista implementada inicialmente pelo Programa de Estudos da Língua (PEUL), no Rio de Janeiro, na década de 1980, foi replicada por outros projetos, em diferentes regiões do Brasil, o que, em tese, permite traçar um panorama linguístico mais realista daquilo que se fala (ou escreve) em relação ao que a gramática preconiza.

A variação linguística pode ser abordada sob duas perspectivas: a social e a estilística. A perspectiva estilística investiga como o falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Já a perspectiva social tem como objetivo identificar traços da língua que caracterizam subgrupos em uma sociedade heterogênea. Tal distinção é colocada por Labov (1972), que encaminha seu trabalho para a dimensão social da variação, com o desenvolvimento de técnicas de coleta de dados, estratificação e seleção de informantes, alinhado ao aparato analítico de base quantitativo. Foi por essa perspectiva que a sociolinguística chegou ao Brasil e se difundiu, e é fácil perceber o porquê: a replicabilidade da metodologia de coleta, com estratificações padronizadas para as amostras em diferentes regiões, permite a comparação de resultados, a fim de identificar o que é estável e o que é variável na comunidade linguística brasileira. Baseada em comunidades de fala – agrupamento de indivíduos não por seus usos linguísticos, mas pelo compartilhamento de crenças e atitudes linguísticas – a metodologia da sociolinguística variacionista subsidia pesquisas de larga escala que visam identificar relações sistemáticas entre a estrutura linguística e a dinâmica social. Para otimizar recursos e também possibilitar uma abordagem ampla, a sociolinguística no Brasil tem investido na constituição de bancos de dados que subsidiam a descrição do português brasileiro, dada a padronização metodológica que permite comparabilidade de resultados.

No entanto, a generalização da metodologia pode levar ao esvaimento do valor “social”, especialmente se a amostragem da sociolinguística não corresponder à realidade da população sob análise. Discuti a questão da representatividade social da amostra sociolinguística em “O social da Sociolinguística: o controle dos fatores sociais” (FREITAG, 2011) e a validade da generalização de resultados. Por questões de padronização, bancos de dados costumam alocar dois informantes por célula; será que podemos tomar os mesmos dois informantes para amostras em uma cidade do interior e em uma capital? O qual representativo é um resultado sociolinguístico que considera em suas células sociais analfabetos, hoje em dia, na mesma quantidade e proporção, em uma capital e em uma cidade do interior? Tais questões sugerem que os resultados de investigações que usam bancos de dados sociolinguisticamente estratificados contribuem mais para a descrição da estrutura linguística do que para a definição de fronteiras sociais das variedades. Essa crítica, de modo mais aprofundado e consistentemente embasado, é corroborada pela discussão de Camacho (2013), em “Da linguística formal à linguística social”, ao questionar o grau de influência do social no linguístico no tratamento da heterogeneidade constitutiva da linguagem.

O esvaimento do valor social decorre de opção metodológica. Se a variação linguística apresenta duas perspectivas, a opção por uma delas sempre dará uma visão parcializante do processo. O resgate do valor social da sociolinguística requer o comprometimento com a perspectiva do estilo, como o falante se adapta linguisticamente às diferentes situações de contexto (participantes e seus papéis sociopessoais, lugar, etc.).

Atualmente, a abordagem da dimensão estilística da variação requer metodologia para aferição científica e replicabilidade em larga escala, tal como a abordagem para a dimensão social da variação. A proposta laboviana de estilo como atenção à fala (LABOV, 1972, 2001) foi desenvolvida para ser controlada dentro da entrevista sociolinguística – protocolo de coleta que é utilizado na constituição de bancos de dados sociolinguísticos – e não considera os aspectos interacionais, tais como participantes (só o entrevistador)

e contexto (sempre no mesmo lugar). Explicações para o estilo advêm de outros campos, como a teoria da acomodação (GILES, 1973), nascida na psicologia social, ou de estudos que não seguem a metodologia de coleta de dados por meio do protocolo da entrevista sociolinguística, a exemplo da proposta de *audience design* (BELL, 1984), que analisou a fala de radialistas em diferentes programas, para diferentes públicos.

Na tensão entre o social e o estilístico, Penelope Eckert (2012) traça um panorama retrospectivo dos estudos sociolinguísticos, dividindo-os não em ordem sequencial, mas em ondas, entendidas como tendências, não melhores ou superiores às outras.<sup>1</sup> Os estudos de 1ª onda visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas, a partir de coleta de dados rápidas em comunidades de fala estratificadas com base em categorias sociodemográficas amplas. Exemplo prototípico é o estudo da estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, realizado por Labov na década de 1960.

Estudos de 2ª onda também tomam como amostra comunidades de fala e visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas em abordagem quantitativa. No entanto, diferem da outra abordagem por seguirem uma perspectiva de base mais etnográfica, com coletas de dados que requerem maior envolvimento com a comunidade e tomam categorias sociodemográficas mais abstratas, não identificáveis em uma coleta rápida, como o julgamento de pertencimento à comunidade, valores, atitudes, etc. Exemplo é o estudo laboviano do inglês afroamericano em Nova Iorque.

Os estudos de 3ª onda continuam quantitativos, valendo-se da experiência metodológica das ondas anteriores. A diferença está em inverter a ordem da pergunta: não mais buscar correlação entre o padrão linguístico e as categorias sociais, mas identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico. É uma proposta

---

<sup>1</sup> Em "Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações" (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012), discutimos detalhadamente cada uma das três ondas apresentadas por Eckert (2012), com exemplos de estudos realizados no Brasil.

de retomada do significado social da variação, mudando o foco da estrutura para a prática linguística. Estudos dessa natureza tomam como unidade comunidades de práticas – grupo de indivíduos engajados em função de um propósito – ao invés de comunidades linguísticas, permitindo investigar o papel do indivíduo, em termos de hierarquia, inovação e adesão a variáveis linguísticas. Camacho (2013), ao clamar pelo resgate da linguística social, sugere que a 3ª onda dos estudos sociolinguísticos, como postulada por Eckert (2012), seria o ponto de vista mais consistentemente aderente ao postulado funcionalista adaptativo da linguagem.

Assim como a dimensão social, cuja metodologia foi consolidada nos últimos 50 anos, de modo a garantir a replicabilidade e eficiência, a dimensão estilística precisa voltar ao foco dos estudos sociolinguísticos, a fim de que, integradas as abordagens, tenhamos uma visão mais ampla do fenômeno da variação. Afinal, resultados de uma investigação sociolinguística são muito mais a consequência de escolhas metodológicas do que o comportamento de informantes (BAILEY; TILLERY, 2004).

## **O futuro dos bancos de dados sociolinguísticos**

Bancos de dados sociolinguísticos são, como vimos, a espinha dorsal da Sociolinguística brasileira. Estudos de 3ª onda não os suplantam; ao contrário, são deles dependentes.

A continuidade na constituição de bancos de dados sociolinguísticos se justifica, em primeiro lugar, pela manutenção da série histórica que possibilita pesquisa diacrônica, já que desde 1980 vêm sendo coletados dados de fala. Em bancos de dados podemos identificar tendências amplas de correlação entre variáveis e estrutura social, ao mesmo tempo em que essas tendências podem ser comparadas em outras comunidades, dada a padronização da coleta pelo protocolo da entrevista sociolinguística e de estratificação sociodemográfica, permitindo a identificação de contextos potenciais ao estudo da dimensão da prática. No entanto, novas coletas ou mesmo novos bancos de dados precisam considerar a incorporação de novas categorias sociodemográficas nas estratificações e revi-

são das já existentes. Em “Faixa etária: uma variável sociolinguística complexa” (FREITAG, 2005), aos moldes do que fez Eckert (1997), discuti as interações a que o controle da variável “faixa etária” está sujeita no cenário sociolinguístico brasileiro, como a quebra da ortogonalidade das células sociais compostas por escolarização e o padrão curvilíneo decorrente do efeito do mercado de trabalho. A generalização de resultados a partir da gradação por faixa etária pode mascarar efeitos de outras variáveis, evidenciando a necessidade de ampliação de categorias sociodemográficas a serem analisadas, como a ocupação, perfil de consumo, etc. A escolarização como variável sociolinguística também precisa ser repensada, ou melhor, o modo como vem sendo controlada atualmente. Resultado de políticas de estado, especialmente Bolsa Família – que está atrelado à matrícula e frequência dos filhos na escola – e Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Brasil rumou a uma quase universalização da escolarização básica e ampliou significativamente o acesso à educação superior. Encontrar informantes com ensino fundamental incompleto, em grandes centros urbanos, não é tarefa simples; e, quando encontrados, não são representativos da realidade. Talvez seja mais produtivo o controle da instituição cursada (pública ou privada), da área do curso superior escolhido (humanidades, engenharias, saúde, etc.), ou até mesmo utilizar um critério métrico, como a nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O controle do fator sexo, tal como tem sido feito nos bancos de dados, também apresenta problemas, especialmente se considerarmos a tendência assumida a partir da perspectiva proposta por Eckert (1989) do controle não do sexo, mas do gênero. Sexo é uma categoria biológica; gênero é uma categoria social. Na sociolinguística variacionista, a interação entre as categorias é tão forte que a variável tem sido denominada de “sexo/gênero” por conta de recobrir muito mais do que a dimensão biológica, na tentativa de considerar os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres ou, em outros termos, a maneira pela qual a construção da identidade de gênero (feminina ou masculina) é perpassada por questões linguísticas. Tal situação leva ao parado-

xo do sexo/gênero: o controle do sexo como uma variável categorizada do ponto de vista civil/biológico, mas com uma explicação predominantemente cultural, e não biológica. O controle do sexo ainda incorre em outro desafio: o recorte sociolinguístico tradicional tem concebido uma sociedade bipolarizada, onde só existem homens e mulheres, tanto na perspectiva biológica como na perspectiva social. Ou, pelo menos assim a sociedade tem sido representada nas amostras sociolinguísticas. Como captar nuances de gênero desatrelado de sexo e que efeitos de sexo (e de gênero) podem influenciar a coleta de dados são questões em aberto e que exigem o desenvolvimento de estratégias metodológicas aderentes a propostas de estudo na perspectiva de 3ª onda. Homens, mulheres e gays? Gradações de papéis sociais públicos? Tais questões dependem de reflexões mais aprofundadas acerca da relação entre sexo e gênero e o modo como a orientação, a identidade e a expressão de gênero pode ser controlado em amostras sociolinguísticas.<sup>2</sup>

A questão do sexo/gênero está envolvida em outro aspecto da constituição dos bancos de dados sociolinguísticos: quase não há informações acerca do entrevistador. Tomando a dimensão estilística da variação, com os pressupostos da teoria da acomodação, saber quem é o entrevistador e qual sua relação com o entrevistado é essencial para entender resultados, especialmente quando o comportamento de um indivíduo da amostra desafia a tendência da célula social. Saber se o entrevistador era homem ou mulher, por exemplo, pode explicar resultados em função dos Efeitos de polidez decorrentes das relações de poder e de solidariedade estabelecidas com os entrevistados em relação ao sexo/gênero. O estudo de Holmes (1995) mostra que a relação H/H ou M/M na entrevista sociolinguística gera uma interação mais confortável, produtiva, enquanto a relação H/M ou

---

<sup>2</sup> Poucos estudos sociolinguísticos no Brasil saem do padrão binário para o controle do sexo/gênero; o estudo de Mendes (2012) constata que homens (gays ou não) que tendem a marcar sua masculinidade, bem como lésbicas que dizem preferir uma autoprojeção social “menos feminina”, parecem restringir seu emprego de diminutivos.

M/H resulta em uma interação mais formal, mais curta. É preciso controlar, também, a experiência em pesquisa de campo do entrevistador e a diversidade de entrevistadores em um banco de dados, para evitar o “efeito Rutledge”, um ótimo exemplo de o quanto o entrevistador pode influenciar a prática do entrevistado, em termos de postura linguística.<sup>3</sup>

Refinar o controle da entrevista sociolinguística considerando aspectos textuais-interativos, com a segmentação de sequências discursivas/tipos textuais e do tópico discursivo, pode auxiliar a identificar traços de natureza estilística. Não há, ainda, uma proposta de controle de segmentação da entrevista sociolinguística que seja pautada em critérios homogeneamente definidos, de modo a garantir a confiabilidade e intersubjetividade da análise: sequência discursiva, tópico discursivo, a audiência e a pergunta gatilho, combinados entre si, podem auxiliar a segmentar a entrevista sociolinguística em unidades em que seja perceptível a mudança de estilo (FREITAG, 2014).

---

<sup>3</sup> O “efeito Rutledge” é resultado do re-exame do estudo de Montgomery (1998 apud BAILEY; TILLERY, 2004) sobre a distribuição da construção de duplo modal “might could” em dados do Linguistic Atlas of Gulf States (LAGS). Para explicar o fato de que a construção de duplo modal é duas vezes mais frequente com entrevistadoras do que com entrevistadores, Montgomery (1998) argumenta que é uma tendência de informantes serem mais polidos com mulheres do que com homens. No entanto, Bailey e Tillery (2004), ao reverem os resultados do estudo, observaram que a frequência da construção era muito maior nas entrevistas realizadas por uma pesquisadora do projeto LAGS chamada Barbara Rutledge, a mais produtiva da equipe no processo de coleta de dados (realizou 200 das 1121 entrevistas que compõe o projeto). Como a coleta de dados seguia os moldes da dialetologia, com perguntas de um questionário objetivo, em certas ocasiões o entrevistador costuma fazer uso de mecanismos linguísticos para elucidar a resposta; era o caso de Barbara Rutledge, que frequentemente sugeria a resposta, com a forma “migh could”. Quando as entrevistas realizadas por Barbara Rutledge foram retiradas da análise, a distribuição da construção “migh could” perde significância quanto ao sexo/gênero dos informantes. O efeito do sexo/gênero no fenômeno, constatado por Montgomery (1998), é, na verdade, o efeito de um entrevistador (e suas estratégias linguísticas) sobre seus entrevistados (BAILEY; TILLERY, 2004).

## **Desafios da 3ª onda**

Estudos de 3ª onda dependem de resultados identificados em análises sociodemográficas amplas, subsidiadas por bancos de dados sociolinguísticos. Mas, para observar a dinâmica das relações em microuniversos, como as comunidades de práticas, e identificar as personas, imagem social elaborada pelo falante, o modo como ele pretende ser compreendido pelos outros falantes, nas relações intra e inter comunidade de práticas, é preciso adotar procedimentos de coleta alinhados à perspectiva microetnográfica, o que exige, no mínimo, mais tempo (e esse “no mínimo” vem com todas as ênfases possíveis). A título de exemplo, relato a experiência de coleta de dados em uma comunidade de práticas. A fim de contribuir para a descrição do português falado em Sergipe, o banco de dados “Falares Sergipanos”, quando finalizado, contará com 20 entrevistas sociolinguísticas em cada uma das seis comunidades de fala estabelecidas para coleta. E, para cada comunidade de fala, são previstas amostras de três comunidades de práticas (religiosa, recreativa e escolar).<sup>4</sup> A amostra *Praesidium* Mãe da Divina Graça da Legião de Maria é de uma comunidade de práticas religiosa, que fica no povoado Açuzinho, município de Lagarto/SE.<sup>5</sup> É composta por 13 membros (apenas um homem, o mais velho e menos escolarizado), com faixa etária e escolaridade diversificadas. A coleta de dados foi realizada em um período de 12 meses de visitas, que foi viabilizada pelo fato de a avó, já falecida, de uma pesquisadora de campo ter feito parte da comunidade. Após um período de três meses de apenas observação, seis reuniões do grupo – que seguem um protocolo: de preces iniciais, leitura de um trecho do manual da Legião

---

<sup>4</sup> Projeto *Bases interinstitucionais de pesquisa do PPGL* (CAPES/FAPITEC 2013-2015) CAAE 0386.0.107.000-11

<sup>5</sup> A Legião de Maria é uma organização católica, cuja menor célula são os *presidia*; na região há 20 *Praesidia* vinculados a três *Curia* de um *Comitium* na cidade de Lagarto, subordinado à única *Regia* do Estado, na capital Aracaju, que é subordinada a um *Senatus* em Salvador/BA e todos os *Senatus* são vinculados ao *Concilia*, na Irlanda.

de Maria, realização da chamada, aprovação da ata anterior, distribuição dos trabalhos, realização de preces, acompanhamento dos trabalhos da semana e preces finais – foram gravadas, com duração entre 1h30 e 2h cada. As reuniões apresentam diversidade de seqüências/tipos textuais (relato, preleção, etc.), registros (leitura, fala espontânea, oração) e de participantes, em situação real de uso da língua. Além disso, toda reunião tem uma ata, que foi também incorporada à amostra, por possibilitar a comparação entre fala e escrita.

Dos 13 membros da comunidade, apenas oito foram participantes ativos nas reuniões, tiveram mais de dois minutos de fala nas seis gravações. Com esses oito, foram realizadas entrevistas sociolinguísticas, seguindo o roteiro de foco na história pessoal do entrevistado, e também incorporando a história do grupo. A coleta resultou em 28 horas de gravação validada para o banco de dados, posteriormente transcritas e revisadas. Não foram poucas as dificuldades, que multiplicaram por três a quantidade de dados efetivamente coletados, mas que, por restrições técnicas dos equipamentos (posicionamento para os microfones, ruídos, etc.), não foram considerados na amostra.

Uma coleta de dados dessa natureza apresenta riscos. Por conta do longo tempo despendido, não é recomendável para uma investigação em nível de mestrado. Não há como prever os efeitos do pesquisador de campo sobre os dados. E, por ser modelada pela realidade da comunidade, não há garantias de comparabilidade de resultados, levando à reflexão acerca da importância de descrições particulares, face às limitações da generalização dos resultados. No entanto, riscos há em todo o empreendimento investigativo; cabe ao pesquisador cerca-se de estratégias que o minimizem. As abordagens das 1ª e 2ª ondas – comunidade de fala – e da 3ª onda – comunidades de práticas – apresentam características diferenciadas, que estão sumarizadas no quadro 1.

**Quadro 1** – Comparação entre abordagens sociolinguísticas de comunidades de fala e de comunidades de práticas

<b>Abordagem de comunidade de fala</b>	<b>Abordagem de comunidade de práticas</b>
– estratificação baseada em fatores sociodemográficos amplos	– estratificação baseada em valores localmente estabelecidos
– distribuição homogênea, tanto quanto ao tamanho quanto às categorias controladas	– distribuição variável, definida caso a caso
– categorias definidas a priori	– categorias definidas a posteriori
– permite captar tendências amplas da comunidade	– permite captar valores sociais localmente estabelecido nas relações
– coleta padronizada (entrevista sociolinguística)	– coleta etnográfica (observação participante, interações entre grupos)
– constituição da amostra em curto prazo	– constituição da amostra em longo prazo

**Fonte:** Freitag, Martins e Tavares (2012, p.931).

As reflexões decorrentes da proposta de 3ª onda levam a uma sociolinguística, com o perdão da palavra, mais “humanizada”, com foco também no indivíduo e em suas atitudes. Tal abordagem requer uma metodologia mais maleável, flexível à coleta de dados em contexto, considerando a influência do interactante, ou mesmo do entrevistador. A sociolinguística ruma à abordagem de comunidade de práticas, mas sem abandonar a abordagem de comunidades de fala.

### **Embargos éticos**

O balanceamento entre os riscos e os benefícios decorrentes da atividade de pesquisa científica é mediado pela adoção de um código de princípios éticos estabelecidos, compartilhados e, por hipótese, seguidos pela comunidade acadêmica. Quando pensamos em riscos associados à participação em pesquisa científica,

normalmente associamos a investigações no campo da medicina, biogenética, etc., sem considerar que na área dos estudos da linguagem também enfrentamos em questões que podem esbarrar em princípios éticos.

Desde 1996, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde), pela resolução 196, define diretrizes norteadoras para pesquisa envolvendo seres humanos, entendida como a que “individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos”, colocando, entre outras exigências, a previsão de procedimentos de privacidade e confidencialidade dos dados e não estigmatização dos participantes da pesquisa, quanto à autoestima, prestígio e/ou de aspectos econômicos e financeiros, além de exigir que o participante seja esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios, ficando os dados obtidos restritos ao uso aprovado pelo participante no termo de esclarecimento livre e consentido. Mais: a resolução prevê que as agências de fomento à pesquisa e o corpo editorial das revistas científicas deverão exigir documentação comprobatória de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e que, para tal, faz-se necessário seguir as diretrizes delineadas.

Dentro dos estudos da linguagem, o campo da Linguística Aplicada vem travando discussões acerca das questões éticas envolvidas nas suas investigações, decorrentes da natureza qualitativa de suas atividades de pesquisa, como o consentimento informado e a posse dos dados (CELANI, 2005; PAIVA, 2005). No campo da Sociolinguística, a discussão ainda não tem sido travada, mas se faz necessária, dado que os impasses metodológicos decorrentes da adoção das diretrizes da Resolução 196/96 podem influenciar nos resultados. Questões como o impacto do termo de consentimento livre e esclarecido na obtenção do vernáculo do informante; a classificação do informante quanto à sua variedade linguística (falante “popular” vs. “culto”); e os procedimentos de transcrição e a estigmatização do informante, entre

outras, prescindem de um protocolo padrão, pois os bancos de dados sociolinguísticos, tendo em vista a homogeneidade e comparabilidade, devem assumir os mesmos preceitos éticos no trato com os participantes da pesquisa, para garantir a confiabilidade das análises contrastivas.

## **Balanco final**

As escolhas metodológicas da Sociolinguística Variacionista hoje rumam para uma incorporação dos aspectos qualitativos à sua tradicional metodologia quantitativa. Tal interface produz resultados mais completos, com uma descrição mais ampla e integrada dos fenômenos linguísticos no contexto social e que refletem de modo mais realista a sociedade, permitindo avanços no detalhamento da relação entre variação linguística e a identidade, permeada pelo estilo.

## **REFERÊNCIAS**

BAILEY, G.; TILLERY, J. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOUGHT, C. **Sociolinguistic variation: critical reflections**. New York: Oxford University, 2004. p.11-30.

BELL, A. Language style as audience design. **Language in Society**, Cambridge, v.2, n.13, p.145-201, 1984.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.8, n.1, p.101-122, 2005.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

\_\_\_\_\_. Ages as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. (Ed.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997. p.151-167.

\_\_\_\_\_. The whole woman: sex and gender differences in variation. **Language Variation and Change**, Cambridge, v.1, n.3, p.245-267, 1989.

FARACO, C. A. **Norma culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L., SOUZA, C. M. N. (Org.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p.125-141.

\_\_\_\_\_. O social da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v.8, p.43-58, 2011.

\_\_\_\_\_. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, Cascavel, v.6, n.11, p.105-121, 2005.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São José do Rio Preto, v.56, n.3, p.917-944, 2012.

GILES, H. Accent mobility: a model and some data. **Anthropological Linguistics**, Bloomington, v.15, p.87-105, 1973.

HOLMES J. **Women, men and language**. London: Longman, 1995.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge Press, 2001. p.85-108.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic Patterns.** Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.113-124, 2012.

PAIVA, V. L. M. O. Reflexões sobre ética na pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v.5, n.1. p.43-61, 2005.



# POR UMA ABORDAGEM ETOLÓGICA E ECOLÓGICA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Marco Antonio de OLIVEIRA

## **Introdução: Algumas questões sobre a variação linguística**

Não seria nenhuma novidade dizer que a mudança e a variação linguísticas têm sido duas das maiores preocupações da linguística desde muito tempo. A preocupação com a mudança linguística é mais antiga, por várias razões, e está bem no centro do nascimento da linguística moderna, com os avanços feitos pelos neogramáticos há quase dois séculos. A variação linguística tem uma história mais recente e um pouco diferente. Na verdade ela foi excluída da linguística, por razões várias, conforme se pode ler em Saussure, nos estruturalistas e nos gerativistas de primeira hora. Com o advento do modelo laboviano e, principalmente, após o texto seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a preocupação com a variação linguística assumiu um *status* diferente e tem sido alvo de considerações e propostas bastante interessantes na linguística. No caso da fonologia, as tentativas de se lidar com a variação foram contempladas em vários modelos, principalmente na Teoria da Otimalidade (doravante TO). Na verdade, no modelo clássico da TO não há espaço para *outputs* múltiplos, uma vez que a arquitetura da TO seleciona apenas um candidato ótimo para um dado *input*. São propostas mais recentes, dentro da TO, que tentam dar conta da

possibilidade de *outputs* múltiplos a partir de uma mesma forma subjacente. Alguns exemplos dessas tentativas podem ser vistos em Antilla e Cho (1998) (co-fonologias); Kager (1999) e McCarthy (2002) (ranqueamento livre); Coetzee (2004, 2005) (ranqueamento ordenado); Bakovic e Keer (2001) (input diferenciado), entre outros. O problema nessas tentativas é que (a) ou se prevê um *output* único, seja para a comunidade como um todo, seja para um mesmo item lexical ou para um mesmo indivíduo, muito embora *outputs* diferentes sejam virtualmente contemplados pelas propostas, ou (b) no caso de *outputs* múltiplos serem contemplados, não se consegue esclarecer as proporções diferenciadas de ocorrência das formas fonéticas, seja por região ou por item lexical (CARMO, 2013). Resumindo, o problema dessas propostas é que elas são contrárias aos fatos observados. Funcionam em abstrato, mas as coisas se mostram um tanto diferentes quando os dados reais são considerados.

Outro ponto que devemos destacar, em relação à variação linguística, é o seguinte: Qual é a origem da variação? Como a variação se propaga? Origem e propagação são coisas diferentes, ou são a mesma coisa? Esse último ponto – se são, ou não, a mesma coisa – divide nomes importantes. Por exemplo, para Labov a origem e a propagação de uma variação não devem ser separadas. Seu argumento é que só se sabe que uma variação se originou **após** a observação de sua propagação dentro de uma comunidade linguística. E o que Labov se propõe fazer, como se pode ver no capítulo 7 de Padrões Sociolinguísticos, é localizar os “[...] fatores empíricos que condicionam a mudança histórica.” (LABOV, 2008, p.191). Observe-se que, nesse diapasão, Labov não procura causas para a variação/mudança, mas sim fatores linguísticos e sociais que a condicionam. Curiosamente, essa passagem de Labov vem logo em seguida a uma citação de Meillet, onde se lê: “[...] resta-nos descobrir as condições variáveis que permitem ou provocam a realização das possibilidades assim reconhecidas.” (LABOV, 2008, p.191). Note-se que Labov usa o termo **condicionam**, enquanto Meillet usa os termos **permitem** e **provocam**, o que revela uma perspectiva diferente com relação a essa questão. Meillet parece reconhecer que

há causas que provocam o surgimento de uma variação, enquanto Labov está mais interessado no modo como sua propagação é condicionada. Já no quadro gerativista, alguns teóricos abraçaram a questão das ‘causas’ da mudança, deixando de lado a questão da variação e sua propagação numa comunidade, uma vez que essas preocupações não caberiam dentro do modelo adotado. O principal nome dessa empreitada é, sem dúvida, Kiparsky, com propostas realmente interessantes em dois textos, *Linguistic Universals and Linguistic Change* (KIPARSKY, 1968) e *Historical Linguistics* (KIPARSKY, 1971). Kiparsky fala de princípios que ‘orientam’ as mudanças, tais como ‘maximização da ordenação feeding’, ‘minimização da ordenação bleeding’, ‘maximização da utilização das regras’ e ‘minimização da opacidade das regras’. Note-se que todos esses princípios têm residência fixa no sistema de regras que compõe a gramática de uma língua, ou seja, todos eles são de natureza formal. Acho importante destacar, em tentativas como as de Kiparsky, por exemplo, uma atitude bastante comum no modo de se fazer linguística dos dias de glória do modelo gerativo clássico: não obstante o fato de o modelo gerativo clássico ter inserido a linguística dentro da psicologia, e a psicologia dentro da biologia, é exatamente o falante que fica excluído de todas essas propostas, exceto, é claro, o falante nativo ideal. É como se a língua tivesse vida própria e pudesse ser destacada como objeto de estudo, independentemente do falante, como algo que está fora dele. Propostas como as de Kiparsky dão uma força quase sobrenatural ao sistema de regras que, afinal, são as grandes vedetes do modelo gerativo clássico<sup>1</sup>.

Pretendo retomar aqui tanto a questão das **causas** quanto da **propagação** da variação em termos das ideias que defendi num texto anterior (OLIVEIRA, 2014). Meu objetivo maior será o de mostrar que o problema das **causas** é um falso problema, uma

---

<sup>1</sup> Um caso extremo disso pode ser apreciado em Postal (1968), onde se advoga, em função de restrições fonotáticas maiores do inglês, pela existência de sequências impossíveis, porém ocorrentes! Os exemplos de Postal são palavras como ‘sphere’, ‘sphinx’ e ‘sphincter’, todas elas com um cluster inicial em que um / s / **não** é seguido de uma consoante oclusiva surda.

vez que a variação é parte da natureza das línguas, em termos de Língua-I, concebidas como sistemas complexos. O fato de as estruturas linguísticas poderem apresentar, no espectro amplo de suas manifestações, características que podem ser descritas em termos probabilísticos decorre de sua natureza, mas **não é** a sua natureza. Ou seja, estruturas probabilísticas são um fato que pertence ao nível descritivo, levando-se em conta os dados analisados num momento específico. Dito de outra forma, elas são uma propriedade dos *corpora*. Por outro lado, a possibilidade de haver variação deve ser tratada num outro nível, num nível explicativo. Afinal, por que a variação ocorre? Aliás, essa preocupação com um nível explicativo já havia sido colocada por Chomsky (1965), há quase 50 anos, sugerindo que o problema da linguística não estava situado na falta de dados, mas na falta de explicação para esses dados. E me parece que continua sendo assim.

Com relação à **propagação** da variação, pretendo recolocar o problema em termos de atratores e das noções de nicho e de *affordance*, alocando-a, como já propus anteriormente (OLIVEIRA, 2009), na Língua-E. Além disso, pretendo me referir também à questão da **resolução** da variação.

Minha intenção final é, na verdade, advogar por uma abordagem fonológica de natureza etológica (referindo-me ao comportamento de um organismo, em condições naturais) e ecológica (referindo-me às interações entre um organismo e seu nicho). As perguntas às quais quero me remeter são três:

- 1- Por que a variação ocorre?
- 2- Por que a variação se resolve em alguns casos, mas não em outros?
- 3- Por que a variação se propaga de forma diferenciada? Como explicar as tendências observadas?

O caso que vou utilizar, como pretexto para comentar as três perguntas, é o caso da variação na realização fonética das vogais médias pretônicas do PB, embora meu objetivo final não seja o de oferecer nenhuma nova análise para esse fenômeno. Meu objetivo principal é o de comentar a variação linguística, qualquer que seja sua manifestação. Mais especificamente, pretendo defender a

seguinte posição: qualquer análise linguística deve ser feita numa perspectiva de 1ª Pessoa, e não de 3ª Pessoa, como tem sido feito na maioria das vezes.

## **Os fatos considerados**

Um dos problemas mais estudados no vocalismo do português brasileiro é o da realização fonética das vogais pretônicas. Resumindo a questão, o que temos aí é uma variação nas vogais médias, que podem aparecer na série anterior como {[ε, e, i]}, e na série posterior como {[ɔ, o, u]}. Alguns exemplos disso podem ser vistos, a partir de dados do português falado na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), na lista a seguir:

	[e,o]	[i,u]
<i>bebida</i>	*	OK
<i>bebível</i>	OK	*
<i>coar</i>	*	OK
<i>coala</i>	OK	*
<i>cochilo</i>	*	OK
<i>coxilha</i>	OK	*
<i>domingo</i>	*	OK
<i>domínio</i>	OK	*
<i>notícia</i>	*	OK
<i>notista</i>	OK	*
<i>pedido</i>	*	OK
<i>pedinte</i>	OK	*
<i>peludo</i>	*	OK
<i>pelúcia</i>	OK	*
<i>polícia</i>	*	OK
<i>polido</i>	OK	*
<i>serviço</i>	*	OK
<i>servil</i>	OK	*

Além disso, também ocorrem vogais médias abertas, [ɛ] e [ɔ], sendo sua ocorrência licenciada pela presença de uma vogal aberta na sílaba tônica, como em m[ɔ' tɔ]ca, p[ɛ' rɛ]ba, f[ɔ' fɔ]ca e s[ɛ' kwɛ]la. Observe-se, contudo, que a presença de uma vogal tônica aberta não garante que a média pretônica se realize como aberta, como se pode ver em:

- a- m[u' kɛ]ca (enquanto m[ɔ' kɛ]ca não ocorre na RMBH)
- b- J[u' zɛ] (enquanto J[ɔ' zɛ] não ocorre na RMBH)
- c- t[u' pɛ]te (enquanto t[ɔ' pɛ]te não ocorre na RMBH)
- d- b[u' nɛ]ca (enquanto b[ɔ' nɛ]ca não ocorre na RMBH)

Na verdade os fatos são bem mais complexos, como se pode ver na listagem a seguir:

	[ɛ,ɔ]	[e,o]	[i,u]
deserto (n.)	OK	*	*
deserto (adj.)	OK	*	OK
exéquias	OK	*	*
exótico	*	*	OK
tonel	OK	*	*
tolera	*	*	OK
moléstia	OK	*	*
moleque	*	*	OK
sequestro	OK	*	*
semestre	*	*	OK
geleia	OK	*	*
boleia	*	*	OK
coleta	OK	*	*
colher (n.)	*	*	OK
colégio	OK	OK	OK
moderno	OK	OK	OK

entre outros.

Fato é que as formas não ocorrentes na variedade de Belo Horizonte são, contudo, compreensíveis para estes mesmos falantes e, além disso, ocorrem em outras variedades do português brasileiro. Mas, como explicar o fato de que certas palavras exibem, categoricamente, a forma alçada por Redução Vocálica (RV), como em **b[ i ]bida**, **p[ i ]ludo**, **n[ u ]tícia** e **c[ u ]chilo**, enquanto outras, não, como em **p[ e ]lúcia**, **p[ e ]dinte**, **d[ o ]mínio** e **p[ o ]lido**? Como explicar o fato de que a realização aberta da média pretônica, supostamente produzida por um processo de Harmonia Vocálica (HV), não atinge todas as palavras que, em princípio, seriam suscetíveis à sua aplicação? Como explicar o fato de que alguns indivíduos produzem formas resultantes da HV, enquanto outros, não?

Conforme sabemos, a questão da forma fonética das vogais pretônicas tem sido abordada em perspectivas diferentes, seja como realizações derivadas por regras, seja por uma abordagem difusionista. E, falando francamente, as maiores dificuldades analíticas surgem exatamente naqueles estudos em que se procura tratar a questão em termos de regras calcadas em condicionamentos fonético-fonológicos. Um bom exemplo disso aparece num texto bastante interessante de Bisol (2010), onde se fala de ‘alçamento da pretônica sem motivação aparente’. Nas palavras da autora, “[...] diante dos resultados desse estudo, podemos afirmar que a redução sem condicionador fonético específico dá sinais claros de ser um processo difusionista, cujo canal de expansão é o léxico por onde se estende via grupos de palavras com uma base em comum.” (BISOL, 2010, p.78).

Note-se que uma base comum não se sustenta muito confortavelmente como condição para uma eventual expansão pelo léxico. Por exemplo, tanto **p[ i ]ludo** quanto **p[ e ]lúcia** apresentam a mesma base, **pelo**, muito embora o primeiro apresente alçamento categorico enquanto o segundo **nunca** apresenta alçamento na vogal pretônica.

Até onde pude ver, a partir de inúmeros trabalhos sobre essa questão, as três realizações aqui consideradas (aberta, fechada e alçada) ocorrem, em maior ou menor grau, em **todas** as varia-

des do português brasileiro. Ainda não vi nenhuma variedade que excluísse alguma delas. Por outro lado, é inegável que algumas variedades do português exibem uma tendência maior para uma ou outra possibilidade de realização fonética para as vogais médias pretônicas. Não se pode ignorar, por exemplo, que as variedades do Norte e Nordeste apresentam uma proporção maior de pretônicas abertas do que as variedades do Sul e Sudeste. Por outro lado, as realizações fechadas, para essas mesmas vogais, aparecem em maior proporção nas regiões Sul e Sudeste, se comparadas às regiões Norte e Nordeste. As formas alçadas, por sua vez, recobrem uma extensão territorial que vai de Porto Alegre até Recife, a julgar pelo mapa apresentado em Abaurre (2013), relativo aos dados do NURC.

Resumindo, eu diria o seguinte: (a) qualquer descrição calçada em condicionamentos fonético-fonológicos, e eventualmente encapsulada numa regra variável, está fadada a ter problemas, uma vez que sempre haverá um resíduo que não poderá ser incorporado à análise. Penso, inclusive, que qualquer tentativa de acomodar esses resíduos em termos de analogia ou empréstimo, como faziam os neogramáticos, só tende a piorar as coisas, uma vez que isso abre as portas para uma perspectiva difusionista ou lexicalista; (b) qualquer descrição de natureza difusionista terá que dar conta da existência das tendências diferenciadas, mencionadas anteriormente. Dizer apenas que o processo se propaga pelo léxico não irá esclarecer as diferentes proporcionalidades encontradas nas tendências quando diferentes variedades do português são observadas. O que precisamos, então, é de uma nova concepção para se lidar com a variação linguística, uma concepção da qual os fatos decorram como são. Ou seja, precisamos de um quadro explicativo para esses fatos, e não apenas de descrições que tentem acomodar aquilo que efetivamente se observa. E é disso que passo a tratar agora.

## **Por que a variação ocorre?**

### **A linguagem como sistema adaptativo complexo**

Tentei esboçar, em linhas gerais, aquilo que considero como sendo o maior problema das análises linguísticas: o fato de se deixar o falante fora da análise e tratar a língua como um objeto desvinculado de quem a fala. Devo esclarecer que não estou dizendo que as características sociais do falante não devam ser levadas em conta. Fazer isso é importante e inevitável, mas fazer só isso ainda é deixar o falante de fora da análise, na medida em que vamos levar em conta apenas suas dimensões temporais, espaciais e sociais. Fazer isso seria como falar de um gato, por exemplo, em termos de seu tamanho, da grossura de seu rabo, do número de pelos em seu bigode, de sua pelagem ou da cor dessa pelagem. Do gato mesmo não se diz muita coisa. Incluir o falante numa análise significa, para mim, levá-lo em conta como um organismo específico, dotado de um tipo específico de capacidade de linguagem, linguagem essa que pode emergir de várias maneiras, seja como linguagem articulada ou gestual, por exemplo. Isso significa considerar a linguagem numa perspectiva de primeira pessoa, conforme Marchetti (2010). Nessa perspectiva a linguagem passa a ser considerada do ponto de vista do falante, e não do ponto de vista de um observador externo; passa a ser considerada como atividade, manifestada em emergências, sendo suas características derivadas dessa atividade, e não como portadora de algumas características fixas a ela atribuídas por um observador externo. Conforme escreve Sinha (2009, p.296, tradução nossa), “A capacidade de linguagem é, portanto, uma relação cognitivo-comportamental entre o usuário da língua e os constituintes da língua [...]”<sup>2</sup>. Em resumo, numa perspectiva como essa (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2010) a linguagem é um órgão (assim como o fígado, o estômago, etc.) que faz parte desse organismo específico que é o ser humano. Num texto anterior (OLIVEIRA, 2014), assumi que esse órgão é

---

<sup>2</sup> “*The capacity for language is thus a cognitive-behavioural relationship between language user and the constituents of language [...]*”

um sistema adaptativo complexo (SAC) e tentei mostrar, com base em outros estudos (DI SCIULLO, 2011; TURNER, 2008; ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2009; SINHA, 2009), que a linguagem apresenta as características de um SAC. Algumas dessas características merecem ser retomadas<sup>3</sup> aqui:

- (1)- Os sistemas complexos são capazes de exibir comportamento emergente.

Um comportamento emergente é um fato novo, que não pode ser previsto a partir do comportamento isolado de nenhum dos componentes de um sistema complexo. Segundo Sinha (2009, p.297, tradução nossa)

O termo emergência é comumente usado para se referir à evolução e ao desenvolvimento de propriedades novas e/ou novos níveis de organização de sistemas comportamentais e cognitivos como consequência da operação de, ou cooperação entre, processos mais simples. Emergência é uma consequência do processo de elaboração evolucionário e desenvolvimentista que envolve um aumento na complexidade do organismo, do comportamento e da cognição.<sup>4</sup>

Para darmos um exemplo linguístico disso podemos recorrer ao conceito de refonologização (JAKOBSON, 1978), em que uma nova estrutura se forma pela utilização de um novo conjunto de traços opositivos.

- (2)- Os sistemas complexos oscilam entre um comportamento caótico e não caótico.

---

<sup>3</sup> Para uma exposição mais detalhada, ver Oliveira (2014).

<sup>4</sup> "The term **emergence** is commonly used to mean the evolution and development of new properties and/or levels of organization of behavioural and cognitive systems as a consequence of the operation or cooperation of simpler processes. Emergence is a consequence of the evolutionary and developmental process of elaboration, involving an increase in the complexity of organism, behavior and cognition".

A característica (2) nos diz que os sistemas complexos beiram o caos. Contudo, os sistemas complexos são capazes de se adaptar dinamicamente, através da auto-organização. Se pensarmos na linguagem como sendo um produto biológico e sociocultural (SINHA, 2009), segue-se daí que ela exhibe as propriedades atribuídas aos sistemas adaptativos complexos. Essa tendência à auto-organização aparece em algumas propostas estruturalistas e gerativistas, como nas premissas da fonêmica prática (PIKE, 1947), nos conceitos de nivelamento analógico e de mudança analógica (BLOOMFIELD, 1933), nos conceitos de fonologização, refonologização e desfonologização (JAKOBSON, 1978), e nas propostas de reordenação de regras em termos de *feeding* e *bleeding* (KIPARSKY, 1968, 1971).

(3)- Os sistemas complexos exibem causalidade circular e *feedback loops*.

Na causalidade circular temos uma sequência de causas e efeitos em que a explicação para um determinado padrão volta à primeira causa, sendo essa primeira causa confirmada ou alterada. Havendo alteração temos um caso de *feedback loop*, no qual uma parte do *output* realimenta o *input*. O *feedback loop* é, pois, o mecanismo central na auto-organização. Os sistemas complexos apresentam, então, *loops* que influenciam seu comportamento como um todo. Os *feedback loops* podem ser de dois tipos, negativos e positivos, sendo que o *feedback* negativo promove a estabilidade, enquanto o *feedback* positivo se relaciona ao conceito de autocatalise<sup>5</sup>. Novamente, se considerarmos a linguagem como um produto biológico e sociocultural podemos entendê-la como sendo um conjunto autocatalítico, ou seja, como uma coleção de elementos que podem ser criados por outros elementos incluídos neste mesmo conjunto. Trata-se, portanto, de um conjunto capaz de catalisar sua própria produção. E é exatamente no *feedback* positivo que a auto-

---

<sup>5</sup> A autocatalise é um tipo de catalise na qual um dos elementos de uma reação química funciona como elemento catalisador dessa mesma reação.

-organização se dá. Assim, os conjuntos autocatalíticos são capazes de se replicarem sob diferentes condições. Nesse caso a organização hierarquicamente mais alta é preservada, enquanto as diferenças aparecem nos detalhes. Assim, a autocatálise preserva as características primitivas hierarquicamente mais altas do sistema, mesmo quando sua aparência é alterada. Ou seja, a variação não destrói a identidade do sistema. Novamente, se pensarmos nos fatos da variação linguística, pode-se dizer que uma mesma língua pode emergir em diferentes formas. Ela emerge com aparência diferente, mas ainda é a mesma. Afinal, formas diferentes continuam sendo entendidas como sendo a mesma coisa. Para um exemplo mais simples podemos nos referir aos alofones (livres ou condicionados) de um mesmo fonema que, embora foneticamente diferentes, são a mesma coisa no patamar fonêmico. O mesmo vale para os alomorfes de um morfema.

### **Espaço fase e atratores**

Há ainda algumas outras noções às quais devo recorrer aqui. São elas as noções de espaço fase e atrator. Começo pela noção de espaço fase. Um espaço fase pode ser entendido como um espaço que comporta todos os estados de um sistema. Mas como é que um mesmo sistema permite diferentes estados, ou emergências? Conforme comentei antes, os sistemas complexos podem emergir em diferentes formas e, ainda assim, preservar sua identidade. Isso é assim porque as coordenadas que eventualmente definem um sistema criam um espaço de pontos, ou espaço de dispersão, e não um único ponto. Trata-se do espaço fase (ou espaço base), que apresenta duas dimensões, um estado e uma dinâmica. O estado é sempre temporário e pode ser definido como sendo a conformação do sistema num determinado ponto  $x$  do tempo. Sua dinâmica, no entanto, pode ser concebida como sendo um conjunto de restrições que controlam as alterações de estado ao longo do tempo. Um estado, portanto, dá a impressão de ordem, de estabilidade, enquanto a dinâmica dá a impressão de desordem, de instabilidade. Essa desordem, contudo, nada mais é do que o conjunto de

diferentes estados, ou emergências, permitidos num mesmo espaço fase ao longo do tempo. É por essa razão que os sistemas complexos se apresentam em constante estado de desordem. Usamos o termo entropia para nos referirmos à medida dessa desordem. E é exatamente nessa dinâmica que a variação linguística se dá. É importante observar que a linguística sempre mostrou uma tendência a produzir análises de estados, afastando-se de análises da dinâmica, como aconteceu no estruturalismo e no gerativismo. Ao mesmo tempo, a maioria das análises que procuraram se ocupar da dinâmica (dos dados da variação, por exemplo), acabaram produzindo resultados relativos a estados temporários. Acho isso curioso.

Consideremos, agora, a seguinte pergunta: o que é que impede que essa desordem se torne caótica? Conforme dissemos, um espaço fase é limitado por coordenadas e essas coordenadas limitam as trajetórias de estado dentro deste mesmo espaço fase. Em outras palavras, a desordem é apenas aparente, pois é controlada, previsível. Emergências diferentes só ocorrerão **dentro** dos limites de um espaço fase. Portanto, a dinâmica de um espaço fase converge para um conjunto limitado de possibilidades, um padrão. Esse conjunto limitado de possibilidades é controlado por coordenadas, ou balizas, que recebem o nome de atratores. Um atrator, portanto, é uma espécie de formador de padrão, uma tendência para estabelecer o comportamento de um sistema ao longo do tempo em termos do conjunto de estados que esse sistema pode assumir. Um espaço fase é delimitado por um tipo específico de atrator, conhecido por atrator *limit cycle*. Um atrator do tipo *limit cycle* tem a característica de ser periódico, na medida em que há um padrão constituído por uma série de estados possíveis que se repetem ao longo do tempo. Um exemplo simples disso pode ser dado pela órbita dos planetas em torno do sol: qualquer um dos planetas poderá aparecer em pontos diferentes de sua órbita, mas nunca fora dessa órbita. Um atrator do tipo *limit cycle* define uma área de dispersão na qual os vários estados do sistema se situam.

Mas o que é que isso tudo tem a ver com variação linguística? Em Oliveira (2009) propus que apenas um nível de representação seria suficiente para se lidar com os fatos da variação linguística.

Volto a essa ideia, aqui, apoiando-me em Hauser, Chomsky e Fitch (2010). Os autores discutem o conceito de **faculdade de linguagem**, fazendo uma distinção clara entre o seu sentido largo e o seu sentido estreito. Em seu sentido largo, a faculdade de linguagem inclui três sistemas:

- (a) um sistema computacional interno,
- (b) um sistema sensorio-motor, e
- (c) um sistema conceitual-intensional.

O primeiro deles, ou faculdade de linguagem no sentido estreito, é um sistema computacional linguístico abstrato que interage com os outros dois sistemas. Segundo os autores, esse sistema computacional “[...] gera representações internas e as mapeia na interface sensorio-motora através do componente fonológico, e na interface conceitual-intencional através do sistema semântico (formal) [...]” (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2010, p.18, tradução nossa)<sup>6</sup>. Ou seja, é ele, o sistema computacional, que gerencia o emparelhamento entre som e sentido. Esse módulo *não* incorpora a variação, conforme podemos ler em Di Sciullo (2011, p.305, tradução nossa), que afirma que “[...] a variação não é endógena à faculdade de linguagem (FL); ela requer exposição aos dados linguísticos, assim como na aquisição da linguagem”<sup>7</sup>. Hauser, Chomsky e Fitch (2010), ao comentarem a produção e a percepção da fala, dizem que os seres humanos, assim como outras espécies, mostram uma grande habilidade para fazer discriminações entre sons vocais e, além disso, para fazer generalizações sobre esses sons. As pesquisas realizadas até agora mostram, segundo os autores, que existem “[...] evidências não apenas para a percepção categórica,

---

<sup>6</sup> “We assume, putting aside the precise mechanisms, that a key component of FLN is a computational system (narrow syntax) that] generates internal representations and maps them into the sensory-motor interface by the phonological system, and into the conceptual-intentional interface by the (formal semantic system).”

<sup>7</sup> “Variation is not endogenous to the faculty of language (FL); it requires exposition to linguistic data, as for language acquisition.”

como também para uma habilidade de discriminar entre exemplares prototípicos de fonemas diferentes.” (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2010, p.26, tradução nossa)<sup>8</sup>. Podemos supor, então, que nosso sistema sensorio-motor contenha restrições que sejam determinadas pela sua própria natureza, criando, assim, um espaço fase para qualquer subsistema vocálico. Uma restrição desse tipo, para o caso das vogais átonas, poderia ser formulada como em (R1):

**(R1)- Em posição átona, discrimine primeiramente [α BAIXO] e [β POSTERIOR].**

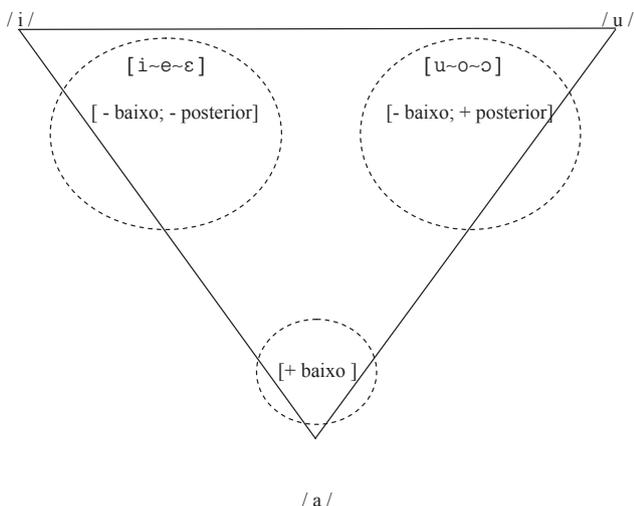
E é apenas isso o que encontramos, na maioria dos dialetos do português, para a posição átona final pela distinção entre as vogais aí ocorrentes em termos dos pontos extremos da cavidade oral (alto X baixo; frente X fundo). Em Jakobson e Halle (1967), é exatamente isso o que se prevê quando os autores falam da cisão do triângulo primário em dois triângulos secundários, o consonantal e o vocálico. No triângulo vocálico, a primeira distinção se faz entre /a/, /i/ e /u/. Portanto, parece haver uma hierarquia na aquisição desses contrastes vocálicos, uma vez que são estes os sons vocálicos que são discriminados em primeiro lugar. Uma restrição como (R1) nos informa, simplesmente, que em posição átona se faça primeiro uma distinção entre vogais que se opõem pelo traço [Baixo], [+ baixo] ou [- baixo], assim como entre aquelas que são [+ posterior] e as que são [- posterior]. Nada impede que outras distinções além dessas sejam feitas, mas, como numa escala implicacional, qualquer outra distinção deve ser precedida pela distinção prevista em (R1). Note-se, também, que a distinção, em posição átona, entre vogais altas e vogais médias, todas elas especificadas como [-BAIXO], está fora de uma discriminação inicial que possa ser feita por atratores ancorados na anatomia da cavidade oral pelo sistema sensorio-motor. O que vamos encontrar, portanto, é uma área de dispersão que irá admitir a emergência de

---

<sup>8</sup> “[These data provide] evidence not only of categorical perception, but also of the ability to discriminate among prototypical exemplars of different phonemes.”

vários estados diferentes, todos eles presos aos limites de um mesmo espaço fase. Distinguímos, aí, entre os sons [+BAIXO] (isto é, /a/) e os [-BAIXO] (i.e., /i/, /e/, /ɛ/, /u/, /o/, /ɔ/) e, em seguida, discriminamos entre aqueles que são [-BAIXO], os que são [+POSTERIOR] (i.e., /u/, /o/, /ɔ/) e aqueles que são especificados como [-POSTERIOR] (isto é, /i/, /e/, /ɛ/). No caso do português, nenhuma distinção conceitual posterior se faz entre os elementos marcados como [α POSTERIOR] em posição pretônica. Isso significa que qualquer detalhe adicional deve ser considerado línguo-específico, o que não é o caso para o PB. No PB a alternância entre { [ɛ, e, i] }, por um lado, e { [ɔ, o, u] }, por outro lado, está livre para ocorrer – como de fato ocorre – como formas emergentes de uma mesma categoria. Vejamos, então, como esse quadro teórico pode dar conta dos dados encontrados nos vários estudos dedicados à variação nas vogais médias pretônicas. Se retomarmos a restrição (R1), o que é que ela nos garante? Garante que sejamos capazes de entender, como sendo a mesma coisa, formas fonéticas diferentes como b[ɔ]neca, b[o]neca e b[u]neca, bloqueando, ao mesmo tempo, a possibilidade de variantes como \*b[a]neca ou \*b[i]neca. Ou seja, (R1), para o caso em foco, garante-nos que formas fonéticas diferentes, em posição pretônica, sejam associadas a uma mesma categoria, ou, em outros termos, a um mesmo fonema, ou ainda a um mesmo exemplar prototípico, como nas palavras de Hauser, Chomsky e Fitch (2010). Os traços encontrados em (R1) delimitam uma área de dispersão, como um atrator do tipo *limit cycle*, permitindo a ocorrência de vários estados dentro de um mesmo espaço fase. A restrição (R1) libera, por assim dizer, a variação linguística no patamar da faculdade da linguagem em seu sentido largo, e não como um fato restrito à superfície. Portanto, a variação linguística é, de fato, esperada. (R1) apenas explora os limites do espaço oral, determinando três áreas de dispersão nas quais as várias emergências podem aparecer, como se pode ver na Figura 1:

**Figura 1** – As três áreas de dispersão previstas por (R1)



Em cada uma dessas três áreas formas fonéticas diferentes podem emergir para as vogais médias pretônicas. Por outro lado, nenhuma forma fonética poderá cruzar a área de dispersão à qual ela foi alocada. Isso responde à nossa primeira questão: Por que a variação ocorre? A resposta a essa questão é simples: a variação ocorre porque o espaço fase permite vários estados, várias emergências. Suas ‘causas’ estão, portanto, na natureza da linguagem enquanto sistema adaptativo complexo.

### **Por que a variação se resolve em alguns casos, mas não em outros?**

Conforme vimos na apresentação do problema que incide sobre os fatos considerados não é verdade que cada uma das formas fonéticas pode ocorrer livremente, se considerarmos os itens lexicais e os indivíduos. Alguns itens lexicais assumem, categoricamente, uma das variantes enquanto os indivíduos, isoladamente, constroem a forma de seu léxico de maneira própria. Casos como esses sugerem que a variação tende a ser resolvida,

seja no léxico, seja no indivíduo. Em resumo, não há como impedir a ocorrência da variação, uma vez que ela é esperada, mas, uma vez surgida, criando-se algum tipo de instabilidade, ela tende a ser resolvida ou minimizada. Os vários estudos que podemos consultar nos mostram que a variação tende a ser minimizada de várias formas, tais como: (a)- Pela eliminação de uma das variantes e fixação da outra, conforme ocorre nos casos de mudança linguística; (b)- Pela acomodação das variantes em termos contextuais (variantes condicionadas) e sociais; (c)- Pela especialização semântica (como em p[O]rção e p[u]rção, f[O]gão e f[u]gão); ou (d)- Pela fixação de uma das formas fonéticas em itens lexicais específicos (as palavras assumem categoricamente uma ou outra das variantes possíveis). Essas tentativas de acomodação são sempre precedidas por uma etapa em que a variação assume uma configuração um tanto caótica, sendo difícil perceber algum tipo de padrão. As soluções listadas de (a) a (d) são exemplos de auto-organização adaptativa, com redução ou eliminação de um estágio de desequilíbrio anterior. Ou seja, fatos como estes que acabo de mencionar reforçam uma concepção de linguagem como um sistema adaptativo complexo, aberto, não linear e em constante mutação e, ao mesmo tempo, capaz de se autorreorganizar, assim como qualquer organismo vivo. A variação é, pois, uma condição para a existência da língua. Em outras palavras, as línguas estão em constante desequilíbrio, através das várias emergências, enquanto, ao mesmo tempo, preservam sua identidade ao longo do processo, delimitadas pelos atratores que configuram o espaço fase. E é exatamente nesse ponto que destacamos a necessidade de se entender uma abordagem em 1ª Pessoa: a linguagem não existe em abstrato, fora do organismo que a incorpora. Ela não existe fora do ser humano que, por sua vez, é outro sistema adaptativo complexo. Essa auto-organização, portanto, é gerenciada, em última instância, pelo indivíduo, que se decide por uma ou outra forma fonética a ser atribuída a cada vogal média pretônica em cada item léxico em particular. Pode-se dizer, então, que nenhum de nós construiu a mesma forma fonética para os itens léxicos que utiliza! Somos todos diferentes na constituição sonora dos

itens léxicos e, ao mesmo tempo, somos todos iguais. A igualdade se garante pelo espaço fase, enquanto a diferença se garante pela auto-organização diferenciada, ou resolução, por indivíduo e por item léxico. A auto-organização diferenciada explica as diferenças interindividuais. Mas não explica a variação intraindividual que, embora irrisória, existe, chegando a 1% dos casos e atingindo um número pequeno de palavras. Esses casos, sem dúvida, merecem uma investigação mais aprofundada. De qualquer forma minha proposta é a de se conceber a resolução da variação numa perspectiva de 1ª Pessoa, e não numa perspectiva de 3ª Pessoa, que atribua ao sistema a tendência à resolução, seja pela maximização das regras da gramática, seja por qualquer outro fator que se possa derivar unicamente do sistema linguístico, ignorando-se a existência de falantes reais.

### **Por que a variação se propaga de forma diferenciada? Como explicar as tendências observadas?**

Comentei na exposição do problema que a proporção de uso de uma ou outra variante para as vogais médias pretônicas não é a mesma, nem por região e nem por item lexical. Conforme salientei, os sistemas complexos têm seu espaço fase delimitado por atratores do tipo *limit cycle*. Mas os sistemas complexos podem apresentar, também, atratores de outro tipo, considerados geradores de complexidade extrema, beirando o caos. São os chamados *strange attractors*, sempre associados a processos caóticos. No caso que estamos examinando este tipo de atrator se faz presente, conforme passo a comentar em seguida, lançando mão das noções de *affordance* e nicho. O termo *affordance* é um neologismo criado por Gibson (1986) para se referir à maneira pela qual os traços interativos que envolvem um organismo e seu ambiente indiciam o comportamento que este organismo pode exibir. Conforme escreve Gibson (1986, p.127, tradução nossa), “[O que eu chamo de *affordance*] é algo que se refere tanto ao ambiente quanto ao animal, de um modo que nenhum outro termo garante. O termo implica na complementaridade entre

o animal e o ambiente.”<sup>9</sup> As *affordances* exibem, portanto, uma natureza etológica e ecológica, ou seja, uma reciprocidade e influência mútua entre um organismo e seu ambiente. *Affordances* são relações que envolvem as habilidades de um organismo e os traços de um ambiente. Elas não são inerentes nem ao organismo e nem ao ambiente; elas pertencem à relação que se estabelece entre os dois. Para fazermos uma comparação mais simples, suponhamos a seguinte frase: Pedro é mais forte que Maria. Aqui a relação **mais forte que** não é inerente nem a Pedro e nem a Maria, mas depende de ambos para sua existência. É importante notar que ao falarmos de ambiente precisamos distinguir entre os termos *nicho* e *habitat*. O termo *habitat* se refere ao **onde** um organismo vive, enquanto o termo *nicho* se refere ao **como** esse organismo vive. Nesse sentido, um nicho é, na verdade, um conjunto de *affordances*. A interação entre um organismo e seu nicho implica na concomitância entre percepção, atenção e consciência. É nessa operação sensorial que os traços do ambiente se tornam significativos. Conforme escreve Marchetti (2010, p.2, tradução nossa), “[...] cada vez que nós experienciamos algo, de modo consciente – seja uma cor, um som, uma dor, prazer ou qualquer outra coisa – temos uma experiência direta disso, nós ‘sentimos’ a sensação em pauta<sup>10</sup>”. Ou seja, é assim que ‘fazemos sentido’. O termo *nicho*, portanto, refere-se a um conjunto de situações nas quais um organismo pode exercer suas habilidades. Dito de modo diferente, havendo diferenças no nicho, podemos ter *affordances* diferentes. Portanto, cada *affordance* é uma emergência possível. Vejamos, então, como essas considerações podem nos ajudar a responder à questão 3. Se retomarmos os dados extraídos da RMBH podemos constatar que o componente lexical está envolvido no fenômeno de um modo aparentemente caótico, na medi-

---

<sup>9</sup> “[I mean by it] something that refers to both the environment and the animal in a way that no existing term does. It implies the complementarity of the animal and the environment.”

<sup>10</sup> “[..the fact that] every time we consciously experience something – whether a color, a sound, pain, pleasure, or something else –, we have a direct experience of it, we “feel” it.”

da em que ele não pode ser tratado por uma regra que diga coisa com coisa. Mas não é só isso: o componente individual também está envolvido no fenômeno. Os casos reais, a seguir, exemplificam o que acabo de dizer<sup>11</sup>:

Falante A: [buli 'tʃĩ], [dʒi 'daw], [mɔ 'dɛfnu] (RV, RV, HV)

Falante B: [bole 'tʃĩ], [de 'daw], [mɔ 'dɛfnu] (Faith, Faith, HV)

Falante C: [buli 'tʃĩ], [de 'daw], [mɔ 'dɛfnu] (RV, Faith, HV)

Falante D: [buli 'tʃĩ], [dʒi 'daw], [mu 'dɛfnu] (RV, RV, RV)

Esse é um caso de variação interindividual, que pode ser explicado conforme os comentários que fizemos sobre a auto-organização diferenciada. Mas como explicar as diferentes proporcionalidades das variantes por região e por item léxico em cada região? Aparentemente essa combinação entre item léxico e região parece estar funcionando como um atrator *strange*, cuja característica é a de ser, justamente, não periódico, beirando o caos. Embora sua trajetória seja a mesma, na medida em que é garantida pelo espaço fase, seus estados não se repetem. Ou seja, se podemos observar alguma semelhança digna de nota quando comparamos os dados extraídos de uma mesma área geográfica, principalmente quando transformamos o léxico e o indivíduo em entidades invisíveis, o mesmo não pode ser feito quando comparamos os dados de uma região com aqueles de outra região. Note-se que estou falando, aqui, de macro tendências, de proporcionalidades diferenciadas para as variantes aberta, fechada e alçada. Essa diferença existe e não há como escondê-la. Nas palavras de Sinha (2009, p.306, tradução nossa), “De uma perspectiva biocultural, a capacidade humana de linguagem, embora seguramente amparada por adaptações genéticas que maximizam a exploração do nicho biocultural humano, não é inata, mas se desenvolve epigeneticamente<sup>12</sup>”, o que

---

<sup>11</sup> Os quatro falantes em questão são de uma mesma família, sendo que o Falante A sou eu mesmo.

<sup>12</sup> “From a biocultural perspective, the human language capacity, although it is almost certainly supported by genetic adaptations to maximize exploitation of

quer dizer que o comportamento linguístico depende tanto de suas características genéticas quanto da influência direta que o ambiente tem sobre ele. Em outros termos, pode-se dizer que a linguagem é moldada pelo nicho. E aqui talvez seja importante retomar a noção de recursão. Afinal, como é que esse organismo – no caso em questão, o falante – se auto-organiza, se adapta a seu nicho? Como se dá a *affordance*? A auto-organização se garante pela recursão que, segundo Corballis (2011) é uma propriedade da mente que garante o pensamento e a linguagem. A mente/o pensamento é recursiva(o). Segundo Hauser, Chomsky e Fitch (2010) é exatamente a recursão que distingue a linguagem humana da de outros animais. E para quê usamos a recursão? Para produzir sentido. Conforme Corballis (2011, p.34, tradução nossa), “Essa adaptação [da linguagem ao cérebro], além disso, deve ter dependido de funções mentais que não eram primordialmente linguísticas e que eram fortemente influenciadas por fatores ambientais tais como a cultura e a geografia<sup>13</sup>”. Nesse sentido podemos pensar no seguinte: um organismo em seu nicho procura pela *affordance* ótima. A *affordance* ótima é aquela que reflete o melhor ajuste possível entre esse organismo e seu ambiente<sup>14</sup>. Basicamente teremos, por região, nuvens de exemplares que penderão para variantes diferentes, o que tende a perpetuar as proporções diferenciadas efetivamente encontradas. Cada falante, portanto, em busca da *affordance* ótima, irá refletir os traços de seu ambiente, de seu nicho, num padrão fractal. Isso quer dizer, em última instância, que as diferenças dialetais tendem a ser preservadas e perpetuadas. Novamente, nas palavras de Sinha (2009, p.307, tradução nossa), “A gramática é uma instituição social que regula normativamente a prática linguística, e é a habilidade prática em aderir àquilo que ela disponibiliza ou

---

*the human biocultural niche, is not innate, but epigenetically developed.”*

<sup>13</sup> “*That adaptation, moreover, must have depended on mental functions that were not themselves primarily linguistic, and that were heavily influenced by environmental factors such as culture and geography.*”

<sup>14</sup> Esse ajuste ótimo pode ser previsto, por exemplo, pelo modelo de exemplares, originalmente proposto para a psicologia da percepção e adaptado em linguística por Pierrehumbert (2001) e Bybee (2001).

restringe que o aprendiz da língua adquira<sup>15</sup>. A citação de Sinha é importante exatamente porque perspectiva a gramática numa dimensão de 1ª Pessoa, sem deixar de fora o falante. O falante deixa de ser, então, um mero fornecedor de dados para uma possível análise, passando a ser o elemento central na configuração das várias emergências da língua.

Concluindo, podemos dizer que os pontos centrais defendidos aqui são os seguintes:

1- A variação linguística deve ser alocada na Língua-I, como parte da natureza da linguagem enquanto sistema adaptativo complexo. Uma vez que a linguagem não emerge sem o falante que, enquanto organismo, também se configura como um sistema adaptativo complexo, temos aí a dimensão etológica da variação.

2- A propagação da variação deve ser alocada na Língua-E, em termos de atratores caóticos (*strange attractors*) e das *affordances* obtidas entre os organismos (os falantes) e seu nicho. Trata-se, aqui, da dimensão ecológica da variação.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013.

ANTILLA, A.; CHO, Y-M. Y. Variation and change in Optimality Theory. **Lingua**, Amsterdam, v.104, p. 31-56, 1998.

BAKOVIC, E.; KEER, E. Optionality and ineffability. In: LEGENDRE, G, S. V.; GRIMSHAW, J. (Ed.). **Optimality-Theoretic Syntax**. Cambridge: MIT Press, 2001. p.97-112.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. p.63-78.

---

<sup>15</sup> "Grammar is a social institution, normatively regulating linguistic practice, and it is the practical ability to adhere to its constraints and supports that is acquired by the language learner."

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, 1933.

BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. (Cambridge Studies in Linguistics, 94).

CARMO, M. C. **As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista**. 2013. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

CHOMSKY, A. N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

COETZEE, A. W. **What it means to be a loser: non-optimal candidates in Optimality Theory**. 2004. 494f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, 2004.

COETZEE, A. W. **Variation as accessing ‘non-optimal’ candidates: a Rank-Ordering model of EVAL**. 2005. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/863-0906/863-COETZEE-0-0.PDF>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

CORBALLIS, M. C. **The recursive mind**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

DI SCIULLO, A. M. A biolinguistic approach to variation. In: DI SCIULLO, A. M.; BOECKX, C. (Ed.). **The biolinguistic enterprise**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p.305-326.

ELLIS, N.; LARSEN-FREEMAN, D. (Ed.). **Language as a complex adaptive system**. Ann Arbor: University of Michigan, Language Learning Research Club, 2009.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. New York: Psychology Press, 1986.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? In: LARSON, R. K.; DEPRez, V.; YAMAKIDO, H. (Ed.). **The**

**evolution of language:** Bilingualistic perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p.14-42.

JAKOBSON, R. Principles of historical linguistics. In: BALDI, Ph.; WERTH, R. N. (Ed.). **Readings in historical phonology:** Chapters in the theory of sound change. State College: Pennsylvania State University Press, 1978. p.103-120.

JAKOBSON, R.; HALLE, M. A fonologia em relação à fonética. In: JAKOBSON, R. **Fonema e fonologia:** ensaios. Tradução e notas, com um estudo sobre o autor por J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967. p.101-146. (Filologia e Linguística, 2).

KAGER, R. **Optimality Theory.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KIPARSKY, P. Linguistic universals and linguistic change. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Ed.). **Universals in linguistic theory.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968, p.196-202.

KIPARSKY, P. Historical Linguistics. In: DINGWALL, W. O. (Ed.). **A Survey of Linguistic Science.** College Park: University of Maryland Press, 1971. p.577-642.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCHETTI, G. **Consciousness, Attention and Meaning,** New York: Nova Science Publishers, 2010.

McCARTHY, J. **A thematic guide to Optimality Theory.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

OLIVEIRA, M. A. Variação fonológica: o indivíduo e a comunidade de fala. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. R. (Org.). **Sujeito e Linguagem.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.97-115.

OLIVEIRA, M. A. A variação fonológica na perspectiva da linguagem como um sistema adaptativo complexo. In: MAGALHÃES, J. (Org.). **Linguística in Focus: Fonologia**. Uberlândia: EDUFU, 2014. No prelo.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.137-157.

PIKE, K. L. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

POSTAL, P. **Aspects of Phonological Theory**. New York: Harper; Row, 1968.

SINHA, C. Language as a biocultural niche and social institution. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (Ed.). **New directions in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p.289-310.

TURNER, M. The mind is an autocatalytic vortex. In: SCHLAEGER, J. (Ed.). **The Literary Mind: Yearbook of Research in English and American Literature**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2008. v.24. p.13-43.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p.85-195.

# ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO CURSO ON-LINE: SOCIOLINGUÍSTICA, RECURSOS DE ANÁLISE PARA O CONTEXTO DA SALA DE AULA DE L1, L2, L3

**Marisela COLÍN RODEA**

## **Introdução**

A sociolinguística deve dar conta dos fenômenos relacionados com o uso das línguas na época atual. Como sabemos, o movimento de pessoas no mundo aumentou e os contatos interculturais e linguísticos se diversificaram. Essas mudanças transformaram a paisagem linguística das sociedades, principalmente a europeia e a norte-americana. A nova cidadania reclama seu direito à inserção social na escola e no trabalho. Temas como a conectividade, as trajetórias da língua em tempo e espaço, as novas práticas sociais multilíngues e multiculturais, a aquisição de línguas em contextos de subordinação linguística, a estilização, a super-diversidade, o conflito e redefinição de identidades são objetos de estudo relevantes da sociolinguística nos nossos dias.

Sabemos que a tecnologia “hibridizou” diferentes gêneros textuais previamente habilitados no diálogo global trazendo mudanças

na comunicação. Nos nossos dias as interações caracterizam-se por diferenças culturais e linguísticas significativas, incompreensões, mal-entendidos, conflitos; mas também, pelo uso de recursos linguísticos e culturais para reorientar as identificações locais e periféricas. Alguns falantes denominam a essa diversidade linguística e cultural da comunicação atual “vertigem”.

Cumpramos observar que novos desafios surgiram para as áreas de conhecimento, especificamente para a sociolinguística. Atualmente a disciplina precisa de novas teorias, metodologias e conceitos sobre língua não só para explicar essas situações quanto para desenvolver recomendações, planejamentos e políticas que privilegiem a comunicação.

Neste trabalho apresentamos o curso de formação de professores on-line: *Sociolinguística: recursos de análise para o contexto da sala de aula de L1, L2, L3* (2015). Pensamos que esta é uma área relevante de atuação com efeitos diretos no ensino. O curso direciona-se a professores interessados em explicar elementos da diversidade da língua que ensinam. Busca oferecer um marco teórico amplo e uma metodologia reflexiva que proporcionem ao professor as ferramentas adequadas para tratar os desafios.

Qual variante ensinar? Como tratar a reestilização cultural e linguística das identidades? Que aspectos da competência simbólica, comunicativa e intercultural podem ser ensinados na sala de aula e de que forma? Como se colocar na negociação do conflito? São algumas das perguntas que buscamos responder através do conteúdo e da proposta metodológica do nosso curso.

A proposta segue os princípios de *design online* proposto por Schweizer (1999). A abordagem teórico-metodológica da proposta busca estabelecer uma relação entre as teorias e a prática sociolinguística (GUMPERZ, 1982; SEEDHOUSE, 1994, 2005; MARCUSCHI; XAVIER, 2005; SULTANA et al., 2013) para sensibilizar o professor sobre as peculiaridades do entorno social do curso on-line.

Do ponto de vista pedagógico, o modelo proposto visa desenvolver a própria competência sociolinguística do professor. A metodologia vai do nível macro ao micro, da teoria à prática e busca for-

mar o professor no uso de técnicas sociolinguísticas e etnográficas para refletir sobre interatividade, variação, estilização, considerando sempre os grandes temas da sociolinguística e as particularidades da interação na sala de aula.

Daí que o curso se oriente sobre dois eixos: o primeiro trata dos princípios sociolinguísticos, das metodologias e técnicas de pesquisa e de suas aplicações em sala de aula e, o segundo, refere-se ao próprio contexto virtual do curso, aos textos, à interatividade no mundo presencial e virtual, à conectividade e aos caminhos de uso da língua no ciberespaço.

## **Fundamentação Teórica**

Quando Hymes (1972) definiu a competência comunicativa, CC, já incluía nela o elemento cultural e fazia referência ao repertório de habilidades que cada um de nós desenvolve à medida que ocupamos nosso lugar dentro de uma comunidade específica. Ele considerava que qualquer pessoa, em se tratando de falante nativo, tinha o conhecimento quanto à capacidade que deve integrar uma teoria linguística, comunicativa e cultural. Posteriormente, Canale (1980) definia a competência sociolinguística como um dos componentes da competência comunicativa. Explicava que ela estaria formada pelo conhecimento de dois tipos de regras: regras socioculturais de uso e regras discursivas. Tal conhecimento seria determinante para interpretar o significado social de enunciados, especificamente em relação ao nível de transparência entre o significado literal do enunciado e a intenção do falante. No entanto, essa literatura clássica sobre a CC não enfrentava a diversidade linguística e cultural da nossa época. Especificamente, não tratava o tema da competência do não nativo, nem os de repertório e práticas comunicativas. Daí que a noção de CC haja desenvolvido noções como a “Competência estratégica” de Canero (2009) ou a Competência Intercultural de Byram (2010) e de Kramsch (2008, 2011), a Interação Intercultural de Spencer-Otay y H. Franklin (2010).

Assim, autoras como Kramsh (2011) propuseram a definição de uma competência comunicativa, intercultural, simbólica, com base no sentido dado por Byram:

“Competência intercultural” é [a habilidade] de ver relações entre culturas diferentes – tanto internas como externas para uma sociedade – e mediar, isso é, interpretar cada um em termos do outro, ou para eles mesmos ou para outra pessoa’. Isso também abarca a habilidade ‘para criticamente ou analiticamente compreender que a perspectiva da própria cultura e a dos outros está culturalmente determinada.’ (Byram 2000: 10). A Globalização, tendo levado| indivíduos em contato com outros em uma escala sem precedente, também produziu um desafio geral para limites tradicionalmente reconhecidos de nação, língua raça, gênero, e classe. Por esses vivendo dentro desta paisagem social rapidamente cambiante, a competência intercultural – como definida por Michael Byram acima – é uma habilidade necessária, e a cultura de indivíduos interculturais cai nos ombros dos educadores de hoje. Eles deveriam proporcionar aos estudantes oportunidades de ajudá-los a definir e conceber para eles próprios seu ‘terceiro espaço’ ou ‘terceira cultura’, uma esfera de interculturalidade que permite a estudantes de língua trasladar o olhar de um iniciado bem como o olhar de um estranho sobre ambas sua primeira e segundas culturas. É esta habilidade achar/estabelecer/adotar este terceiro espaço que está no próprio núcleo de competência intercultural. (KRAMSCH, 2011, p.354, tradução nossa).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Intercultural competence is [the ability] ‘to see relationships between different cultures – both internal and external to a society – and to mediate, that is interpret each in terms of the other, either for themselves or for other people’. It also encompasses the ability ‘to critically or analytically understand that one’s own and other cultures’ perspective is culturally determined rather than natural.’ (Byram 2000: 10). Globalization, having brought individuals in contact with one another at an unprecedented scale, has also brought forth a general challenge to traditionally recognized boundaries of nation, language, race, gender, and class. For those living within this rapidly changing social landscape, intercultural competence – as defined by Michael Byram above – is a necessary skill, and the cultivation of such intercultural individuals falls on the shoulders of today’s educators. They should provide students with opportunities to help them

A noção de Byram amplia-se, vemos como Kramersch identifica “O tercer espaço” como o núcleo da Competência Intercultural fazendo referência às mudanças originadas a partir da globalização, trata o tema da visão do *insider* e do *outsider* em se referindo ao aluno à respeito das culturas de partida e de chegada.

Já no caso do professor, a sua competência segundo Perrenoud (2001 apud CONSOLO, 2007) entendia-se como a capacidade de mobilizar determinados saberes, atitudes e esquemas de pensamento como recursos para agir numa determinada situação, adaptando-se da melhor maneira a ela.

Consolo (2007) definia a competência do professor como aquela que engloba uma competência geral própria de um falante nativo e uma competência específica relacionada com o uso da língua em contextos de ensino-aprendizagem, o discurso da sala de aula, conforme mostra o esquema 1. Enfatizava a necessidade de formar o professor no âmbito de conteúdos da LE para uso em situações cotidianas, em contextos sociais formais, pelo menos naqueles mais comuns, além de treiná-lo nas características do discurso da sala de aula, tais como a fala facilitadora do professor, a metalinguagem e o gerenciamento das interações verbais entre professor e alunos.

### **Esquema 1** – Competência linguística do professor



**Fonte:** Consolo (2007, p.177).

---

*define and design for themselves their 'third place' or 'third culture', a sphere of interculturality that enables language students to take an insider's view as well as an outsider's view on both their first and second cultures. It is this ability to find/establish/adapt this third place that is at the very core of intercultural competence."*

Em 2008 a UNESCO publicou os “Estándares UNESCO de competências em TIC para docentes”. Tratava-se de uma orientação sobre habilidades e capacidades no uso das TICs e no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, por parte dos professores. O mundo virtual exige uma didática específica. Essa competência atendia o aspecto estratégico e de método. No entanto, mesmo com o desenvolvimento desses conhecimentos e habilidades, o professor de LE precisa de métodos que lhe permitam organizar e agir de forma sistemática. Precisa desenvolver um discurso pedagógico que envolva a voz do aluno e integre as diversas habilidades, sem perder de vista o processo de aprendizagem e a realidade da língua que ensina. Nesse sentido, o professor será capaz de atualizar e ampliar a visão linguística e cultural da língua que ensina.

## **Apresentação do Curso**

Na seguinte seção trataremos das características gerais do curso; comentaremos os objetivos, as áreas do planejamento do curso on-line, a estrutura e alguns dos seus conteúdos. Dessa forma o leitor contará com os elementos suficientes para entender a nossa proposta.

A ênfase dada no curso de sociolinguística apresentado nas seções que seguem enfoca o desenvolvimento de habilidades e capacidades críticas na formação do professor e seu desempenho sociolinguístico e intercultural na sala de aula.

O perfil de usuário contemplado no planejamento é o do professor de línguas em formação ou em ativo que precisa profissionalizar sua prática; adquirir conhecimentos sobre temas sociolinguísticos; e formar-se no tratamento da diversidade linguística, as identidades interculturais e a reestilização.

O curso on-line: “*Sociolinguística: recursos de análise para o contexto da sala de aula de L1, L2, L3*” planeja os seguintes objetivos:

1. Os alunos conheceram os princípios teóricos e metodológicos básicos da sociolinguística que lhes permitam compreender e explicar questões relacionadas com o uso de variação da heterogeneidade linguística.

2. Os alunos aprenderão e aplicarão o modelo sociolinguístico pensado por Paul Seedhouse (1994, 2005) para investigar aspectos da interação e do uso da língua em sala de aula a partir do ponto de vista da comunidade de fala e da noção de **modo**.
3. Os alunos usarão as categorias e técnicas etnográficas básicas necessárias para observar, descrever, analisar e relatar sua experiência como membro da comunidade virtual do curso.

As principais áreas que suportam o projeto são:

1. Os princípios de design de cursos on-line (SCHWEIZER, 1999);
2. As noções de interatividade, proficiência na língua, comunicação e informática (COLIN, 2006).
3. A competência comunicativa, intercultural e simbólica (KRAMSCH, 2011).
4. Os princípios teóricos e metodológicos básicos da sociolinguística, especificamente da sociolinguística interpretativa (GUMPERZ, 1982).
5. O modelo de Paul Seedhouse (1994, 2005) o qual permite explorar aspectos do uso da língua a través da metodologia da análise conversacional.
6. Técnicas etnográficas próprias da pesquisa qualitativa (BORTONI-RICARDO, 2004) e do estudo da hipermídia na era digital (TÉLLEZ, 2015).

## **Estrutura do curso**

Ao longo do curso o professor aprenderá noções centrais da sociolinguística. A história diferentes tradições, escolas e principais representantes da disciplina; as metodologias e ferramentas para coletar e processar os dados. Essas questões, os conteúdos do curso, ocorreram de maneira paralela à reflexão sobre a própria participação no curso on-line; promovendo-se assim uma reflexão sobre a interatividade proposta ou permitida pelo curso.

Trata-se de dois eixos paralelos, mostrados acima, que se fecham na avaliação final do curso a partir de um exercício de análise do diário e das leituras sobre a hipermídia.

Assim, ao tempo que o aluno aprende os temas e conteúdos da sociolinguística, ele analisa o próprio processo de participação no curso on-line. Para isso o aluno se forma em teorias da etnografia do ciberespaço e no uso do diário no meio eletrônico. O registro dessas experiências se faz no diário, o qual será objeto de estudo e discussão no final do curso.

Os conteúdos do curso apresentam-se organizados em cinco unidades didáticas. Cada uma dessas unidades segue uma mesma estrutura; a qual consiste em uma apresentação dos objetivos e dos conteúdos da unidade, os conteúdos propriamente ditos na forma de tarefas e exercícios, a avaliação, e um resumo orientativo das noções que se espera o aluno conheça ao finalizar a unidade; paralelamente e como parte da unidade, pede-se ao aluno uma tarefa, normalmente de observação sobre a interatividade que propõem o curso e o registro no diário.

Na unidade 1. *Noções básicas da sociolinguística*, propomos analisar duas noções centrais para análise sociolinguística: o evento de fala e o de competência comunicativa. Ambas as noções estão no centro de qualquer prática social relacionada ao uso da língua. Eventos de fala, tais como falar, contar uma história, contar uma piada, fazer um discurso, ensinar uma língua, etc., exigem competência comunicativa pelo orador. Reconhecimento do contexto, dos falantes, da intencionalidade, a inferência são aspectos da tarefa cognitiva que realiza um falante para se comunicar ou entender.

Na unidade 2. *Historia da sociolinguística*, O aluno identificará as principais tradições da sociolinguística, alguns de seus expoentes e problemas tratados pela disciplina. Autores como Dell Hymes, Labov, Fishman, Gumperz estão na base da disciplina, suas pesquisas construíram as três grandes escolas reconhecidas atualmente, a Etnografia de comunicação, a Teoria Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, a Sociologia da linguagem e a Sociolinguística Interpretativa ou Qualitativa.

A respeito do diário, os alunos deverão escrever um parágrafo de cinco linhas problemas e impressões relacionadas com a interatividade do curso.

Na unidade 3. *A pesquisa sociolinguística* o aluno se familiariza com elementos da investigação sociolinguística. São apresentados os dois paradigmas de pesquisa, o quantitativo e o qualitativo. As tarefas da unidade centram-se em dois caminhos de investigação: o marcado pelos conteúdos e o da prática individual do professor. No diário o aluno deverá escrever sobre o seu próprio processo de compreensão do conteúdo da unidade e as dificuldades na realização das tarefas.

Na unidade 4. *Um modelo de pesquisa sociolinguística para a sala de aula* o aluno trabalha com um modelo de pesquisa sociolinguística para a sala de aula proposto por Seedhouse, centrado na organização básica de sequência da interação do espaço de sala de aula. Estuda a noção de arquitetura da sala de aula de língua estrangeira e reflete sobre a própria experiência do curso on-line.

Na Unidade 5. *Avaliação: circulação rizotômica e estilização* o aluno aplica o conhecimento aprendido nas unidades anteriores preparando um exercício de análise, discute algumas escolhas que se apresentam nos nossos dias à sociolinguística, tais como a área de conectividade e as trajetórias de língua no tempo e no espaço, que estão relacionadas com as práticas sociais de uso da língua já existentes e as que poderemos imaginar acontecerem ou estão acontecendo. A reflexão se centra em como o ensino de língua enfrenta o desafio da diversidade e heterogeneidade, o conflito e a negociação das identidades, resultado de novos contextos e usos da língua e do uso de outros sistemas de signos, como a imagem, a música, a hiper-realidade. Para executar a tarefa desta unidade, como um disparador de outros temas; abordamos o desafio colocado pelos organizadores do Simpósio Sociolinguística 20, realizado em 2014 na Finlândia, sobre a circulação rizotômica. O que é isso? O que é? Como representá-lo nas práticas sociais de uso da linguagem?

## Apresentação do curso

Na seguinte imagem, podemos ver algumas das interfaces do curso. A primeira é a apresentação propriamente.

### Imagem 1 – Curso de Sociolinguística on-line, apresentação



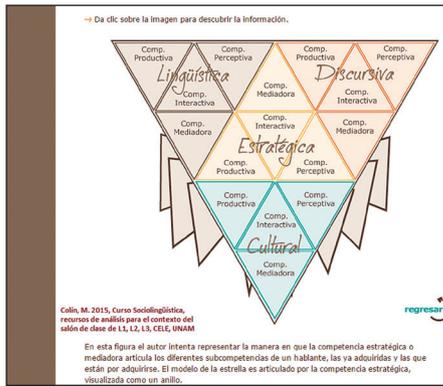
**Fonte:** SOCIOLINGÜÍSTICA (2015).

O aluno tem acesso à informação sobre o perfil de ingresso-egresso e aos objetivos do curso e a forma em que o aluno será avaliado. O aluno terá assim uma ideia global do que se pretende realizar.

Para participar no curso o aluno deve estar registrado, então ele recebe um número para trabalhar na área do aluno onde poderá organizar suas tarefas e exercícios e se comunicar com o tutor do curso.

Na imagem 2, apresentamos um exemplo da interface. No centro encontram-se os conteúdos, as atividades, as tarefas e os exercícios. À esquerda, o aluno encontra o conjunto de ferramentas para auxiliá-lo em suas tarefas: o diário, o fórum, o calendário, os participantes, o informe.

## Imagem 2 – A competência comunicativa, o componente estratégico



Fonte: Adaptado de Cantero (2008).

A atividade proposta focaliza a revisão de noções básicas da sociolinguística proporcionadas através de leituras e da exposição dos conteúdos da unidade.

E na imagem 3, vemos o diário, ferramenta central para desenvolver o estudo do ciberespaço e a reflexão sobre a participação do aluno no curso:

## Imagem 3 – O uso do diário no ciberespaço



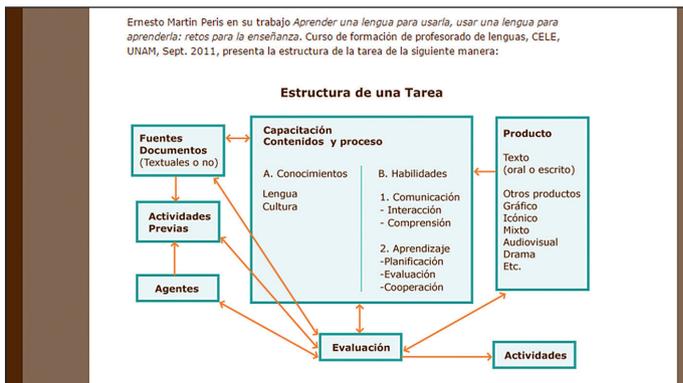
Fonte: SOCIOLINGÜÍSTICA (2015).

O aluno é orientado e formado na teoria e na prática do uso do diário através de pequenas tarefas de sensibilização e de treino na identificação de temas e de categorias relacionadas com a etnografia do ciberespaço.

## Tarefas, atividades e exercícios.

No curso seguimos a proposta de Peris (2011) que define uma tarefa como uma iniciativa para a aprendizagem que consiste na realização na aula de atividades de uso da língua representativas das que se desenvolvem fora dela. Elas têm uma estrutura pedagógica adequada e fica aberta no desenvolvimento e nos resultados.

**Imagem 4 – Estrutura de uma tarefa**



**Fonte:** Peris (2011).

A atenção do aluno está no conteúdo dos materiais e propicia momentos de atenção à forma linguística (*Dicionário de términos clave de ELE*, Instituto Cervantes). No seguinte esquema vemos os seus componentes:

Exemplo de tarefas da unidade 5:

Na unidade o aluno recebe a instrução seguinte: Leia o texto 1. A circulação rizotômica e o texto 2. Estilização e consumo sociolin-

guístico, responda as seguintes perguntas: Qual fenômeno sociolinguístico mostrado nos textos? Como transformar os documentos em material de ensino?

Para responder às perguntas é necessário realizar previamente uma descrição e análise dos dados. Propomos as seguintes fases de trabalho: 1) Selecione os temas relacionados com heterogeneidade e variação da língua. 2) Determine os âmbitos da sociolinguística aos quais pertencem. 3) Introduza as formas linguísticas e culturais a serem tratadas. 3) Compare o contexto do evento. 4) Use o modelo de SEEDHOUSE para a sala de aula e faça uma proposta para tratar o texto seguinte como material de aprendizagem.

### **Texto 1. A circulação rizotômica**

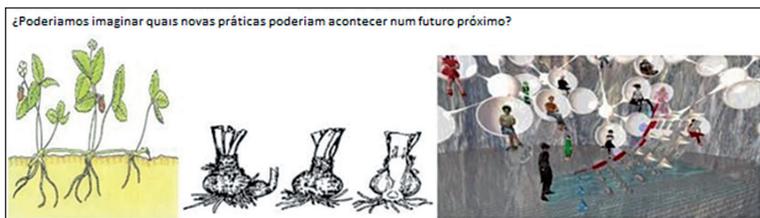
Antes de tudo no ensino de línguas, o professor é desafiado a decidir qual será a variante a ser ensinada ou, no caso, determinar a forma de tratar a variação. Português de Portugal, português brasileiro, moçambicano? A variante mineira, paulista ou carioca? Inglês americano, britânico ou australiano? Francês europeu, antilhano, malgaxe?

Tradicionalmente, a opção no ensino era a língua padrão, a variante de prestígio, a norma culta. Porém, atualmente a possibilidade que oferece a Internet é muito ampla e os alunos tem acesso a texto escrito, conversas virtuais e trazem essas amostras linguísticas e culturais diversas à sala de aula. O professor mesmo pode haver-se formado em alguma das variantes, ou bem ser falante nativo de algum país, região, grupo social dessa língua.

Retomamos o desafio apresentado pelos organizadores do Simpósio Sociolinguística 20, 2014 sobre a *circulação rizotômica* para executar essa tarefa. Limitar-nos-emos a algumas perguntas: O que é *circulação rizotômica*? Como representá-la nas práticas sociais de uso da língua? Quais novas práticas podem acontecer num futuro próximo?

Considere-se o seguinte esquema. Nas duas primeiras imagens, de esquerda à direita, no topo da linha observamos o desenho de algumas plantas, tubérculos e raízes.

### Imagem 5 – A circulação rizotômica



**Fonte:** SOCIOLINGUÍSTICA (2015).

Em biologia esta parte da planta no subsolo é chamada de “rizoma”. A característica dele é a sua divisão em novas seções, cada uma é capaz de produzir um novo surto. À medida que o rizoma armazena grandes quantidade de nutrientes, ele produz raízes adventícias facilmente; isto é, novas plantas são produzidas com pouca dificuldade.

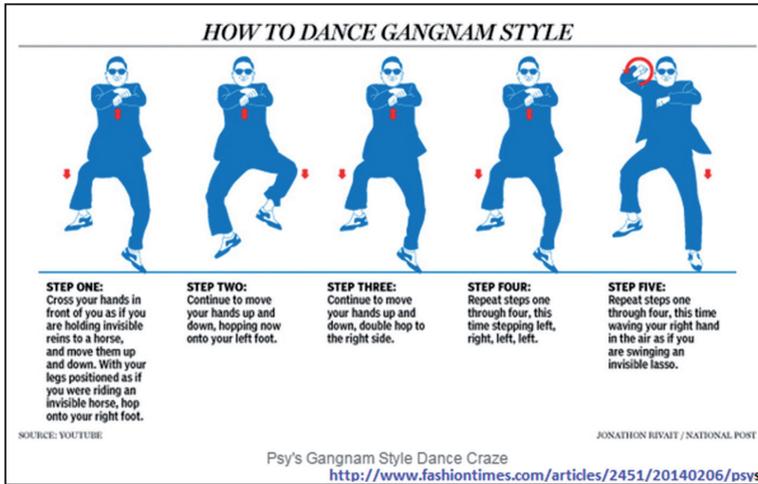
Criando uma analogia à atividade humana, a arquitetura levou esta metáfora à sua área, como notamos na terceira imagem da Figura 1, trata-se de estruturas individualizadas em forma de rede.

Para efetivar-se essa noção de circulação rizotômica na sociolinguística, assumimos uma analogia entre as raízes e os tipos de interações que ocorrem ao redor dos textos existentes hoje, começando com o plano da oralidade, da escrita e do Netspeak:

Sultana, Dovichin e Pennycook (2013) abordam outro fenômeno relacionado com reestilizar, transformar o estilo das identificações periféricas e locais. Os autores estudam as conversas virtuais e a forma em que os participantes se envolvem linguisticamente com imagens culturais, como parte de um processo de reestilização de suas identificações periféricas e locais.

Um exemplo de estilização, *stylization*, de consumo sociolinguístico, *sociolinguistic consumption*, são as versões derivadas do vídeo da música *hip hop* coreana Gangnam style psy funk pop (2015):

## Imagem 6 – Gangnam style psy funk pop



Fonte: Psy's... (2014).

O vídeo original faz referência ao estilo de vida luxuosa de Gangnam na Coreia. A coreografia é muito peculiar, representa uma dança à cavalo. O conteúdo faz uma crítica às meninas que se alimentam com comida econômica *doenjang* para poder comprar caros Frappuccinos em Starbucks.

O artigo mostra como a circulação e recepção dos fluxos de cultura popular ao redor da Ásia pode envolver diversos processos estilização linguística e cultural de falantes de Bangladesh e da Mongolia. Os participantes virtuais de diferentes contextos geográficos se envolvem em estilização reflexiva e uso da linguagem, isso abrange muitas vezes uma variação linguística exagerada, mixagem e outros recursos semióticos, a fim de produzir e realizar uma série de identidades sociais e culturais.

No exemplo seguinte, Imagem 5, o objetivo da tarefa é analisar os componentes do evento comunicativo a partir duma situação proposta.

## Imagem 7 – Para lembrar...



Fonte: SOCIOLINGÜÍSTICA (2015).

O aluno identificará dados dos participantes, o tema da interação, as características da fala, exemplos de alguma forma linguística, elementos culturais da interação a partir de dados extralinguísticos. Essa ficha será um apoio para planejar e desenvolver o exercício de análise final.

A avaliação têm vários momentos: o primeiro, avaliação específica de tarefa, atividades e exercícios e o segundo, a avaliação global do curso.

### Considerações Finais

Perguntar-se por novas formas de interação social, imaginar quais serão as características dessas novas formas de comunicação é um exercício criativo; no entanto, vai depender da realidade linguístico-cultural da língua de que se trate. O que sim, trata-se de um exercício interessante para tratar formas de comunicação atuais e analisar as rápidas mudanças de comunicação e seus efeitos nos usos sociais da língua.

O curso está pronto para ser provado. Inicialmente, se prepara uma pilotagem com um grupo de três pessoas que possam dar retroalimentação específica sobre a organização do curso e as tarefas. Será avaliado interna e externamente por um especialista.

Interessa saber principalmente se o número de leituras, as tarefas e exercícios correspondem ao tempo real que o curso demanda do aluno.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BYRAM, M. Linguistic and cultural education for *Bildung* and Citisenship. **The Modern Language Journal**, Madison, v.94, n.2, p.317-321, 2010.

CANALE, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. **Applied Linguistics**, Oxford, n.1, p.1-47, 1980.

CANTERO S. F. J. Complejidad y competencia comunicativa. **Horizontes de Lingüística Aplicada**, Brasília, v.7, n.1, p.71-87, 2008.

COLÍN, M. Proyecto de diseño de un curso en línea: Sociolingüística: recursos de análisis para el contexto del salón de clase de L1, L2 L3. In: FORO DE APRENDIZAJE Y DE FORMACIÓN DOCENTE EN AMBIENTES DIGITALES, 2006, México. **Anales...** México: CELE, UNAM, 2006.

CONSOLO, D. A. A competência oral do professor de língua estrangeira, a relação teoria-prática no contexto brasileiro. In: CONSOLO, D. A.; TEIXEIRA DA SILVA, V. L. (Org.). **Olhares sobre competências do professor de línguas estrangeiras:** da formação ao desempenho profissional. São Jose do Rio Preto: Ed. HN, 2007. p.165-178.

GANGNAM Style Psy Funko Pop. Disponível em: <<http://youtu.be/9bZkp7q19f0>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HYMES, D. H. "On communicative competence" In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Ed.). **Sociolinguistics: selected readings**. Harmondsworth: Penguin, 1972. p.269-293, pt.2.

KRAMSCH, C. The symbolic dimensions of the intercultural. **Language Teaching**, Cambridge, v.44, p.354-367, 2011.

\_\_\_\_\_. Language ecology in multilingual settings: towards a theory of symbolic competence. **Applied Linguistics**, Oxford, v.29, n.4, p.645-671, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PERIS, E. **Aprender una lengua para usarla, usar una lengua para aprenderla: retos para la enseñanza**. México: UNAM, 2011. Curso ministrado no CELE.

PSY'S Gangnam Style Approaches 2 Billion Views! **Trending News**, 06 fev. 2014. Available in: <<http://www.fashiontimes.com/articles/2451/20140206/psys-gangnam-style-approaching-2-billion-views.htm>>. Access in: 09 fev. 2015.

SCHWEIZER, H. **Designing and teaching an on-line course: spinning your web classroom**. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

SEEDHOUSE, P. **The interactional architecture of the language classroom: a conversation analysis perspective, language learning research**. Michigan: Blackwell, 2005.

\_\_\_\_\_. Linking pedagogical purposes to linguistic patterns of interaction: the analysis of communication in the language classroom. **IRAL**, Heidelberg, v.32, n.4, p.303-320, nov. 1994.

SOCIOLINGÜÍSTICA: recursos de análisis para el contexto del salón de clase de L1 y L2. Disponível em: <<http://ced.cele.unam.mx/sociolingustica/>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Intercultural interaction:** a multidisciplinary approach to intercultural communication. Beijing: Palgrave Macmillan, 2010.

SULTANA, S.; DOVCHIN, S.; PENNYCOOK, A. Styling the periphery: linguistic and cultural take up in Bangladesh and Mongolia. **Journal of Sociolinguistics**, Chichester, v.17, n.5, p.687-710, 2013.

TELLEZ, A. **Nuevas etnografías y ciberespacio:** reformulaciones metodológicas. Disponible en: <<http://www.cibersociedad.net/congreso/comms/c10tellez.htm>>. Acceso en: 09 fev. 2015.



# CIÊNCIAS BRASILEIRAS DE LINGUA(GEM)<sup>1</sup>: TEORIAS DE DISCURSO<sup>2</sup>

**Roberto Leiser BARONAS**

*“Os escritores nacionais célebres têm às vezes incitado, aconselhado a liberação nossa de Portugal – Júlio Ribeiro, Graça Aranha... Principiam por um erro: opor Brasil e Portugal. Não se trata disso. Se trata de ser brasileiro e não nacionalista. Escrever naturalmente brasileiro sem nenhuma reivindicação nem queixa.”* (PINTO, 1990, p.23).

## **Primeiras palavras: um pouco sobre teorias brasileiras do idioma**

Este capítulo está organizado em torno de duas hipóteses de trabalho, que estão intimamente relacionadas: primeira, há no Brasil

---

<sup>1</sup> Quando utilizamos a designação **Ciências brasileiras de lingua(gem)**, não o fazemos com o intuito de negar o caráter universal da ciência, mas buscamos dar destaque à singularidade das ciências desenvolvidas por pesquisadores brasileiros no âmbito da linguagem.

<sup>2</sup> O presente artigo se constitui numa singela homenagem *in memoriam* à Profa. Rosa Virgínia Mattos e ao Prof. Dercir Pedro Oliveira por terem nos mostrado ao longo de todas as suas vidas que, apesar de todos os contratempos, é possível fazer linguística brasileira de muita qualidade. Uma versão bastante modificada deste texto foi apresentada em forma de comunicação oral no Seminário Internacional de Linguística, realizado na UFG – Goiânia – em setembro de 2012.

não somente teorias próprias do idioma, conforme já enfatizado por diversos estudiosos, mas também teorias de discurso e, segunda, dadas as suas recentes existências, é preciso expandir tais teorias discursivas Brasília, fazendo-as ranger, isto é, é necessário testá-las continuamente, frequentando teórica e analiticamente dados distintos dos quais os autores dessas teorias mobilizaram. Para dar conta de tais hipóteses, evocamos num primeiro momento o instigante artigo de divulgação científica, cujo título é “Uma teoria brasileira do idioma”, publicado na Edição 78 da *Revista Língua Portuguesa*, em abril de 2012 (MODOLO; BRAGA, 2012) e, na sequência, comentamos brevemente, a não menos pertinente conferência do Prof. Dr. Rodolfo Ilari da UNICAMP no GEL<sup>3</sup>-USP, em julho de 2013. Esses dois textos têm comum o fato de que fazem referência a importantes estudos de pesquisadores brasileiros sobre a existência de uma linguística do Brasil.

No artigo em questão, os professores Marcelo Módulo e Henrique Braga da USP falam sobre algumas das teorias linguísticas desenvolvidas por pesquisadores brasileiros em nossa geografia nos últimos anos. Os autores destacam, por exemplo, como “[...] propostas já estruturadas em terras Brasília a *Gramática construtural da língua portuguesa*, de Back e Mattos (1972)<sup>4</sup>, a Sociolinguística paramétrica de Tarallo e Kato (1989)<sup>5</sup>, a *Semântica de contextos e cenários* de Ferrarezi Jr. (2010)<sup>6</sup> e a Abordagem mul-

---

<sup>3</sup> Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo <www.gel.org.br>.

<sup>4</sup> Uma apresentação sucinta da Gramática Construtural, proposta por Back e Mattos (1972) pode ser vista no artigo a “Linguística Construtural”. Uma discussão de base mais historiográfica acerca dessa teoria linguística pode ser encontrada em “Aceitar ou negar as propostas da Gramática Construtural: uma interpretação historiográfica e sociológica de um período da gramática brasileira” de Ronaldo de Oliveira Batista (2011).

<sup>5</sup> Uma apresentação detalhada dos postulados elaborados por Tarallo & Kato sobre a sociolinguística paramétrica pode ser vista nos artigos de Tarallo (1987). “Por uma Sociolinguística Romanica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe”. E Tarallo & Kato (1989) “Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralinguística”.

<sup>6</sup> Uma apresentação da proposta formulada por Ferrarezi Jr. pode ser vista no livro *Introdução à semântica de contextos e cenários* (2010).

tissistêmica de Ataliba Teixeira de Castilho<sup>7</sup> (2010).” (MODULO; BRAGA, 2012).

A discussão de Módulo & Braga (2012) se centra numa rápida apresentação da teoria proposta por Castilho. Para os autores, Ataliba de Castilho, alicerçado epistemologicamente numa base sociocognitivista e compreendendo a língua como um fenômeno complexo e dinâmico,

[...] acredita ser possível analisar os traços lexicais, semânticos, discursivos e gramaticais de uma palavra ou construção, mesmo que “em estado de dicionário”. Assim, para o autor haveria um dispositivo central, de base sociocognitiva, que ativaria, desativaria e reativaria os traços linguísticos de uma palavra ou construção em cada um desses sistemas, de acordo com as necessidades linguísticas do falante. Segundo esse ponto de vista, nossa mente operaria num modo simultâneo sobre o conjunto dos processos e dos produtos recolhidos nesses subsistemas. (MÓDULO; BRAGA, 2012).

Para mostrar alguns dos problemas que a teoria de Castilho tenta elucidar, os autores mobilizam o item lexical

[...] ‘contra’. Quais traços semânticos esse vocábulo pode comportar? Como esses traços foram agrupados (lexicalizados) nessa palavra? Qual o comportamento desse termo na estrutura sintática de uma frase? Como os falantes usam essa palavra na interação com outros indivíduos? Uma análise multissistêmica pressupõe essa multiplicidade de questões sobre um mesmo fenômeno linguístico. (MÓDULO; BRAGA, 2012).

Evocamos agora a palestra do Prof. Rodolfo Ilari proferida no GEL-USP realizado na cidade de São Paulo em julho de 2013. Na sua conferência, “A fábrica de ideias linguísticas do Professor Salum, o pinheiro e o lago”, Ilari (2013), com base em um conjunto de textos manuscritos pelo próprio Prof. Salum, redigidos em meados dos anos sessenta do século passado, apresentou entre

---

<sup>7</sup> A abordagem multissistêmica proposta por Ataliba de Castilho pode ser vista em *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010).

outras produções a “Abordagem linguístico-retórica dos textos”, ou, mais popularmente, a “Teoria dos Garfos” do Prof. Isaac Nicolau Salum. Uma pertinente teoria de análise textual, cujo objetivo primeiro é compreender de forma acurada as relações de sentido estabelecidas entre os diferentes níveis de um texto. Trata-se de uma abordagem singular que busca entender o funcionamento da “inteligência linguística do texto”, sobretudo, o literário, descrevendo-o em seus valores semânticos; estilísticos; retóricos e até “ideológicos”. Aspectos completamente estranhos à análise linguística praticada à época. Sobre a pertinência da abordagem de Salum para a análise textual, ouçamos a partir de Blikstein (1994) o que dizem a respeito os professores Antonio Candido e Segismundo Spina, dois grandes intelectuais brasileiros, respectivamente da área de Teoria Literária e da área de Filologia e Língua Portuguesa:

[...] num campo ele [Isaac Salum] desamarrou: o da análise linguístico-literária. Talvez porque os garfos e esquemas que inventou possuam um vago ar de quebra-cabeça, que, introduzindo certa atmosfera lúdica, parece atenuar o compromisso com o rigor e permitir maior liberdade. De qualquer modo, aí ele atua com desafogo e prazer, oferecendo largamente os resultados da sua desmontagem minuciosa, paciente e cheia de iluminações, que permite mostrar com segurança a anatomia e a mensagem dos textos. Sem bulha nem matinada, foi construindo um método original, preciso e fecundo, que ainda por cima tem a vantagem de projetar-se numa figura que o olhar abrange, dispondo o texto conforme a arquitetura do sentido real.

[...] aí por volta de 1965, começaram a circular, entre os colegas da Faculdade de Filosofia, os gráficos de análise de texto do prof. Salum, altura em que a sua técnica amadurecia em método, conquistando aos poucos a adesão dos colegas, que de início enxergavam apenas nos seus gráficos um esquema decorativo, à guisa de arabesco... A distribuição dos esquemas foi aumentando, e gradativamente conquistando a curiosidade e o interesse de uma clientela que passou a acreditar nas novidades do sistema, pois ele superava o velho e

acanhado método da análise lógica, abrindo novos horizontes na inteligência lingüística do texto, cujos valores semânticos, estilísticos, retóricos e, por que não dizer, a própria maneira de os autores visualizarem o mundo eram desconhecidos completamente pela abordagem sintática tradicional. Salum arrebatava de alegria quando percebia que seus esquemas eram examinados, estudados e às vezes até contestados pelos colegas. Não raro os gráficos eram redistribuídos em segunda e até terceira edição, pois o próprio autor muitas vezes se dava conta das imperfeições ainda existentes nos seus esquemas, ou acatava as opiniões divergentes que lhe pareciam válidas. (BLIKSTEIN, 1994, p.150).

Para além da originalidade da abordagem, cumpre destacar que a teoria do Prof. Salum foi produzida antes mesmo da publicação do clássico *Cohesion in English* de M. K. Halliday e R. Hasan em 1976, obra que viria inaugurar os estudos sobre a gramática do texto ou o que conhecemos hoje como Linguística Textual.

Dada a pertinência e a heurística positiva tanto do artigo de Módulo & Braga (2012) quanto da conferência de Ilari (2013) para o debate sobre a história e o fazer prospectivo da Linguística do Brasil, gostaríamos de ampliar tal discussão, defendendo neste capítulo a tese de que há no Brasil não só teorias do idioma, que têm centralmente o português brasileiro como objeto de estudo, enfatizando os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e textual, como propõem os autores citados, mas que há também, por um lado, teorias das línguas faladas no Brasil<sup>8</sup> e, por outro, teorias brasileiras do discurso e que, em consequência, nos nossos programas de Pós-Graduação em Linguística deveríamos investir mais trabalho ainda na discussão sobre a historiografia, a divulgação científica, a aplicação, a expansão e a elaboração de Programas de Pesquisa em Ciências Brasileiras de Língua(gem).

---

<sup>8</sup> Segundo Gilvan Müller de Oliveira (2000, p.1) “[...] no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*).”

Não se trata de agir como um Policarpo Quaresma da ciência brasileira ou mesmo um fervoroso seguidor de Miguel Nicolelis<sup>9</sup>, propondo com base nas suas reflexões, uma *Linguística Tropical*, ou mais especificamente, uma *Análise de Discurso Apaporu (ADA)*, mas de apontar, alguns caminhos pelos quais nossos Programas de Pós-Graduação em Linguística poderiam percorrer nos próximos anos, investindo de maneira vigorosa nas ciências brasileiras do discurso, produzindo dessa forma uma verdadeira inovação.

## Teorias brasileiras do discurso: um pouco mais

As teorias e seus respectivos autores que elencamos a seguir estão inscritas nos mais variados domínios do campo de estudos do discurso<sup>10</sup>, isto é, elas não estão circunscritas somente ao domínio

---

<sup>9</sup> Manifesto de autoria de Miguel Nicolelis (2013) que propõe a criação de um novo paradigma científico, cujo título é *Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil*. A proposta de Nicolelis está alicerçada na filosofia do educador Paulo Freire e na de Alberto Santos-Dumont e propõe quinze metas que visam a desencadear a massificação e a democratização dos meios e mecanismos de geração, disseminação, consumo e comercialização de conhecimento de ponta por todo o Brasil.

<sup>10</sup> Em livro lançado no início de 2014, *Discours et analyse du discours*, publicado pela Armand Colin, Dominique Maingueneau assevera: “[...] *ce champ de l’analyse du discours, aujourd’hui mondialisé et en expansion continue, résulte de la convergence de courants de recherche issus de disciplines très diverses (linguistique, sociologie, philosophie, psychologie, théorie littéraire, anthropologie, histoire...)* et, en retour, il exerce son influence sur elles. On a beaucoup parlé d’un « tournant linguistique » pour la philosophie, pour l’histoire ou pour les sciences sociales de la seconde moitié du xxe siècle ; on pourrait aussi parler d’un « tournant discursif ». En effet, il n’est pas un secteur des sciences humaines et sociales ou des humanités qui ne puisse faire appel à ses problématiques, ses concepts ou ses méthodes [...] même si les problématiques d’analyse du discours développées en France ont indéniablement joué un rôle fondateur et continuent à présenter un certain nombre de traits caractéristiques, elles se trouvent aujourd’hui prises dans un espace de recherche qui est mondialisé, où les hybridations conceptuelles se multiplient ; – **le champ des études de discours doit être distingué de celui, plus restreint, de l’analyse du discours, qui définit un point de vue spécifique sur le discours**; – l’univers du discours, le matériau à partir duquel travaillent les analystes du

derivado da Análise de Discurso de orientação francesa, por exemplo. Elas vão de uma semiótica da canção a uma teoria dos estereótipos. Cumpre dizer que apesar de essas teorias terem o discurso como objeto de observação, cada uma delas constrói o seu objeto teórico de maneira bem diferente.

Nesse sentido, temos como algumas das teorias do discurso forjadas em cadinho verde e amarelo, a *Semiótica da Canção*, proposta por Luiz Tatit (2007); a *Semântica do Acontecimento*, proposta por Eduardo Guimarães (2005)<sup>11</sup>; a *Teoria dos Estereótipos Básicos e dos Estereótipos Opostos*, proposta por Sírio Possenti; e a *Análise do Discurso Materialista*, proposta por Eni Orlandi<sup>12</sup>. Todas essas teorias, embora tenham conversado, algumas mais, outras menos **antropofolicamente**, com teorias desenvolvidas, sobretudo, na França do final dos anos 60 e 70 do século passado, possuem traços epistemológicos que são bem brasileiros. No nosso entendimento não se trata simplesmente de expansões para dar conta de dados específicos, ou de meras resoluções de quebra-cabeças, para usar a terminologia khunniana, são programas de pesquisa no sentido atribuído a esta metodologia por Lakatos<sup>13</sup>.

Para defender o ponto de vista expresso acima, enunciaremos aqui num primeiro momento, pelo menos duas destas teorias do discurso, num segundo momento, nos deteremos de forma não exaustiva, em razão do exíguo espaço, sobre uma breve descrição

---

*discours, est foncièrement hétérogène : on ne peut pas l'unifier autour du modèle dominant de la communication orale en face à face.*" (MAINGUENEAU, 2014, p.4-6, grifo nosso).

<sup>11</sup> Uma apresentação detalhada das reflexões propostas por Guimarães pode ser vista no livro *Semântica do acontecimento* (2005).

<sup>12</sup> Uma apresentação detalhada das propostas formuladas por Eni Orlandi pode ser vista no livro *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos* (2004).

<sup>13</sup> No entendimento de Imre Lakatos (1979) um programa de pesquisa constitui-se de um núcleo firme – um conjunto de hipóteses ou teorias, considerado como irrefutável pelos cientistas – e de uma heurística, que mobiliza os cientistas a modificar o cinturão protetor – conjunto de hipóteses auxiliares e métodos observacionais de modo a adequar o programa diante de novos dados.

dessas teorias, num terceiro momento, ilustraremos como essas teorias procuram dar conta de seus objetos de estudo, e, por último, buscamos mobilizar muito rapidamente objetos distintos dos quais os autores mobilizaram em suas propostas com o objetivo de principiar um debate acerca da necessidade de testar sistematicamente a heurística positiva de suas teorias. A discussão sobre as teorias das línguas faladas no Brasil fica para uma próxima reflexão.

Principiamos pela Semiótica da Canção<sup>14</sup>, proposta por Tatit (2007). Esta teoria se constitui a partir da elaboração de todo um arcabouço conceitual para um estudo sistemático da canção brasileira com base no encontro da melodia com a letra. A teoria da Semiótica da Canção propõe uma análise isotópica dos elementos do plano do conteúdo e do plano da expressão, desta forma melodia e letra são tomados como elementos de estruturas equivalentes. Tatit (2007) em seus estudos, relacionou os aspectos do plano da expressão com os do plano do conteúdo. Desse modo, constata que as canções brasileiras podem ser inscritas em três grandes tipologias: **tematizadas**; **passionalizadas** e **figurativizadas**. Nas canções **tematizadas** o pesquisador observou que o conteúdo das letras está relacionado, na maioria dos casos, a estados de conjunção entre “sujeito” e “objeto”. Geralmente o sentido das letras está ligado a momentos de euforia e de satisfação com a vida. *Deixa a vida me levar* de Zeca Pagodinho seria um bom exemplo de uma canção **tematizada**. Nas canções **passionalizadas** as melodias verticalizadas se coadunam com estados de disjunção entre “sujeito” e “objeto”. Nesse tipo de canção observa-se um efeito de sentido inverso ao das canções **tematizadas**, isto é, disforia, fechamento e insatisfação. O autor da teoria da canção nos mostra que a **passionalização** é o tempo de espera ou de lembrança. Tempo esse que permite que o sujeito reflita sobre os seus sentimentos de falta e viver a tensão da circunstância que o coloca em disjunção imediata com seu objeto em conjunção à distância com o valor do objeto. *Retalhos de cetim* de Benito di Paula seria um exemplo bastan-

---

<sup>14</sup> Uma explicação detalhada da teoria proposta por Tatit pode ser encontrada no livro de sua autoria *Semiótica da canção: melodia e letra* (2007).

te ilustrativo dessa **passionalização**. Nas canções **figurativizadas**, o que se observa é a tentativa do sujeito de chamar atenção para o conteúdo de sua fala. Neste sentido, é possível observar que os elementos prosódicos sobrepõem-se aos elementos melódicos. Um bom exemplo desse tipo de canção **figurativizada** é *Alegria, alegria* de Caetano Veloso. É importante ressaltar que estas classificações correspondem a situações típicas, mas geralmente estas tipologias se mesclam e todas elas podem estar presentes numa mesma canção. O que há, de fato, é a predominância de um dos aspectos na construção de uma música<sup>15</sup>.

Dado o caráter heurístico de uma teoria científica, será que poderíamos mobilizar a proposta de Tatit (2007), com o objetivo de expandi-la, para tratar de outros tipos de dados que tomam letra e melodia em forma de diálogo? Tomo aqui a música *Pelados em Santos* de autoria dos Mamonas Assassinas:

Mina, seus cabelo é da hora  
Seu corpão violão  
Meu docinho de coco  
Tá me deixando louco

Minha Brasília amarela  
Tá de portas abertas  
Pra mode a gente se amar  
Pelados em Santos

Pois você, minha pitchula  
Me deixou legalzão  
Não me sintcho sozinho  
Você é meu chuchuzinho

Você me deixa doidião  
Oh, yes! Oh, nos!  
Meu docinho de coco

Music, is very porreta  
(Oxente Paraguai!)  
Pos Paraguai ela não quis viajar  
(Oxente Paraguai!)  
Comprei um Reebok e  
uma calça Fiorucci  
Ela não quer usar  
(Oxente Paraguai!)

---

<sup>15</sup> Um bom exemplo da operacionalidade desta teoria para tratar do discurso musical, entendido enquanto a junção entre letra e melodia – pode ser observado no texto de A. Werney *Articulação em entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de retrato em preto e branco* (2009).

Music, is very good  
(Oxente ai, ai, ai!)  
Mas comigo ela não  
quer se casar  
(Oxente ai, ai, ai!)  
Na Brasília amare-  
la com roda gaúcha  
Ela não quer entrar  
(Oxente ai, ai, ai!)

É feijão com jabá  
Desgraçada num quer  
compartilhar  
Mas ela é lindia  
Mutcho mar do que lindia  
Very, very beautiful

Eu não sei o que faço  
Pra essa mulé eu conquistchar  
Por que ela é lindia  
Mutcho mais do que lindia  
Very, very beautiful

Você me deixa doidão  
Oh, yes! Oh, nos!  
Meu chuchuzinho

Oh, yes! No, no, no, no!  
Eu te I love youuuuu!

Pera aí que tem mais  
Um poquinho de “u”  
Uuuuuuuuuuu...

Observamos que Tatit (2007) a partir de seus dados propõe uma análise isotópica dos elementos do plano do conteúdo e do plano da expressão, desta forma melodia e letra são tomados como elementos de estruturas equivalentes. O autor, em seus estudos, relacionou os aspectos do plano da expressão com os do plano do conteúdo. Desse modo, constata que as canções brasileiras podem ser inscritas em três grandes tipologias: **tematizadas**; **passionalizadas** e **figurativizadas**. No entanto em relação à música *Pelados em Santos* em qual tipologia ela se inscreveria? **Tematizada?** **Passionalizada?** **Figurativizada?** Qual o papel das variantes e das variedades linguísticas, tais como as mobilizadas na música dos Mamonas, na teoria proposta por Tatit? Não poderíamos pensar que o sujeito discursivo construído pelos Mamonas Assassinas em suas músicas não busca entrar em conjunção e nem em disjunção com o objeto, mas sim tornar esse objeto em derrisão? Buscar respostas para essas e outras perguntas poderia ser algo bastante inovador em termos de teoria brasileira do discurso.

Continuamos este capítulo falando agora da Teoria dos Estereótipos Básicos e dos Opostos, proposta por Possenti (2010).

Para desenvolver sua empreitada teórica, Possenti (2010) frequenta como *corpus* piadas que tematizam os mais diversos estereótipos sobre diferentes grupos humanos. Segundo o autor, as piadas sobre os mais variados grupos humanos funcionam em relação à estereotipia, baseando-se em um traço que é assumido por uma pessoa ou por um grupo social (o estereótipo básico) para colocarem em circulação o seu oposto mais rebaixado possível (o estereótipo oposto ou simulacro). O autor mobiliza como dados de análise as piadas de gaúcho. Nesse tipo de piada o que se coloca em questão é o estereótipo básico, isto é, a gauchice: conjunto de valores que constituem positivamente o imaginário do gaúcho (ser hospitaleiro, livre, despachado, valente, pouco refinado, come churrasco, toma chimarrão e, sobretudo, é macho e faz alarde de sua macheza). Embora sejam essas características que servem de material para o discurso humorístico, é principalmente o traço da macheza do gaúcho que serve de mote às piadas – o estereótipo básico. Ou seja, é com base nesse traço ou no seu oposto mais rebaixado possível que as piadas representam os gaúchos: “[...] ele não será franzino ou medroso, ou outras tantas formas opostas à macheza, mas homossexual passivo.” (POSSENTI, 2010, p.44). Assim, no tocante às piadas de gaúcho o estereótipo básico envolvido é a do gaúcho macho e, o estereótipo oposto, do gaúcho homossexual passivo<sup>16</sup>. Eis um dos exemplos apresentados pelo autor:

Um deputado gaúcho teria dito, há algumas décadas, numa sessão da Câmara:

– No Rio Grande do Sul só tem macho!

– Ao que um deputado mineiro teria respondido:

– Pois em Minas, metade é homem, metade é mulher, e a gente tem se dado muito bem. (POSSENTI, 2010, p.42).

---

<sup>16</sup> Um belo exemplo da operacionalidade desta teoria é a “aplicação” realizada tanto por Fernanda Góes de Oliveira Ávila (2012) em sua dissertação de mestrado *Os estereótipos nas piadas de Joãozinho*, quanto a realizada por Gisele Franchi sobre as piadas de loira.

Na piada mencionada, o estereótipo básico é posto em funcionamento pelo próprio gaúcho: “No Rio Grande do sul só tem macho!”. A macheza, portanto, é apresentada como sendo um traço de identidade do povo gaúcho. O estereótipo oposto, por sua vez, é evocado pelo Outro, no caso, pelo deputado mineiro que faz isso por meio de uma representação positiva a respeito do seu povo, os mineiros, ao contrário dos gaúchos, gostam de mulher, e não de machos. O exemplo arrolado por Possenti (2010) nos mostra que as piadas de gaúcho colocam a gauchice em questão.

Dado o caráter heurístico de uma teoria científica, em que medida poderíamos mobilizar a proposta de Possenti (2010), com o objetivo de expandi-la, para tratar de outros tipos de dados humorísticos? Tomamos aqui o discurso humorístico, todavia, materializado em charge. Trata-se da charge, publicada em 06 de setembro de 2012.

**Figura 1** – Em segundo no Campeonato Brasileiro, Grêmio tira onda com o Inter



Fonte: Em segunda... (2012).

Nessa charge observamos com base no diálogo textualizado entre dois supostos torcedores do Grêmio, durante uma partida do seu time no Estádio Olímpico em Porto Alegre – “O Grêmio tá em segundo!”; “E o Inter?”; “Tá bem Mazembaixo!” – que o desempenho do Internacional no campeonato brasileiro de 2012 é tornado em derrisão. Ou seja, os torcedores gremistas em um suposto diálogo com base em um jogo de linguagem entre as expressões “mais em baixo” e “mazembaixo” caçoam da posição em que se encontra no campeonato brasileiro de 2012 o principal rival dos gremistas, o Internacional de Porto Alegre. A segunda expressão “mazembaixo” retoma interdiscursivamente o fracasso do Internacional frente ao time do Mazembe do Congo ainda na primeira fase do campeonato mundial interclubes de 2010. À época o Internacional era considerado o franco favorito para vencer a disputa contra o Mazembe e ir para a final do campeonato mundial. A derrota do time gaúcho foi considerada por muitos analistas esportivos como vexatória.

Na charge em questão, quais seriam os estereótipos colocados em funcionamento pelos torcedores gremistas? O estereótipo básico posto em funcionamento pelos torcedores gremistas é o de que o Grêmio é um time melhor do que o Inter? O estereótipo oposto que polemiza com o primeiro é o de que o Inter, embora se apresente como superior é um time inferior ao Grêmio? Esse estereótipo oposto é trazido interdiscursivamente? Qual o peso do interdiscurso nesse tipo de dado humorístico? Testar a heurística da teoria dos estereótipos proposta por Possenti (2010) com base em outros dados seria uma das possibilidades de se inovar nos estudos do discurso brasileiros.

### **Mais um pouco para produzir um efeito de fim**

Acreditamos ser importante (re)dizer que assim como as teorias das línguas brásicas não se resumem aos importantes trabalhos de Back e Mattos (1972); Tarallo e Kato (1989); Ferrarezi (2010) e Castilho (2010), pois também poderíamos elencar, os trabalhos de

Heitor Megale<sup>17</sup> e Rosa Virgínia Matos<sup>18</sup> sobre o português diacrônico, os de Aryon Rodrigues<sup>19</sup> sobre as línguas indígenas brasileiras, os de Maria Helena Moura Neves<sup>20</sup> sobre a gramática de usos do português, os de Francisco da Silva Borba<sup>21</sup> sobre o dicionário de usos do português, as teorias sobre discurso não se resumem aos autores mencionados. Nesse sentido, vale mencionar os trabalhos de Beth Brait<sup>22</sup> sobre a verbo-visualidade; os de José Luíz Fiorin<sup>23</sup> acerca do discurso literário; os de Diana Barros<sup>24</sup> sobre o discurso da intolerância; os de Ida Lúcia Machado<sup>25</sup> sobre as emoções e os de Izabel Magalhães<sup>26</sup> sobre as relações entre discurso e poder.

À guisa de conclusão, asseveramos que a epígrafe de Mario de Andrade não é uma perfumaria em meu texto, que busca sugerir aos meus destinatários uma imagem de pesquisador erudito. Defendemos que nas pesquisas em ciências brasileiras da linguagem deveríamos fazer como Andrade (1990), na textualização de

---

<sup>17</sup> No livro co-organizado com Sílvio Almeida de Toledo Neto *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII* (2005), pode-se encontrar uma representação metonímica das propostas teóricas desenvolvidas por Megale.

<sup>18</sup> Em *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro* (2004), pode-se encontrar uma bela apresentação da teoria proposta por Rosa Virgínia Matos.

<sup>19</sup> Trabalhos representativos deste importante linguista brasileiro podem ser lidos gratuitamente no site <<http://biblio.etnolinguistica.org/colecao:aryon>>

<sup>20</sup> Uma apresentação detalhada da teoria proposta por Moura Neves pode ser encontrada no livro *Gramática de usos do português* (2000).

<sup>21</sup> As propostas teóricas de Borba podem ser vistas no livro. *Dicionário de usos do português do Brasil* (2002).

<sup>22</sup> Um bom exemplo da teoria proposta por Brait pode ser vista no livro *Ironia em perspectiva polifônica* (1996).

<sup>23</sup> As discussões elaboradas do Fiorin acerca do discurso literário podem ser vistas no livro *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo* (1999).

<sup>24</sup> As reflexões propostas por Diana Barros sobre o discurso da intolerância podem ser vistas em *O discurso intolerante: primeiras reflexões* (2005).

<sup>25</sup> Um dos trabalhos de Ida Lúcia Machado pode ser visto no livro *As emoções no discurso* (2010).

<sup>26</sup> Uma representação metonímica dos trabalhos desenvolvidos por Izabel Magalhães pode ser vista em *Teoria crítica do discurso e texto* (2004).

sua *gramatiquinha* da fala brasileira, ou seja, “[...] ser brasileiro e não nacionalista. Escrever [produzir] naturalmente brasileiro [ciências brasileiras de linguagem] sem nenhuma reivindicação nem queixa.” (ANDRADE, 1990, p.48) (re)construindo as nossas próprias teorias discursivas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. Esboços para uma gramatiquinha da fala brasileira. In: PINTO, E. P. **A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto**. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria de Estado de Cultura, 1990. p.307-423.

ÁVILA, F. G. de O. **Análise do discurso humorístico : condições de produção das piadas de Joãozinho**. 2012. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BACK, E.; MATTOS, G. Linguística Construtural. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, n.1, p.22-39, 1974.

BATISTA, R. de O. Aceitar ou negar as propostas da gramática construtural: uma interpretação historiográfica e sociológica de um período da gramática brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Abralín, 2011, p.3777-3790. CD-ROM.

BARROS, D. **O discurso intolerante: primeiras reflexões**. São Paulo, 2005. Não publicado

BLIKSTEIN, I. Humanismo, humildade e sabedoria. **Revista USP**, São Paulo, n.20, p.147-153, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26914/28694>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

BORBA, F. da S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

CASTILHO, A. de. BARROS, D. **O discurso intolerante: primeiras reflexões**. São Paulo: Contexto, 2011.

EM SEGUNDO no Campeonato Brasileiro, Grêmio tira onda com o Inter. Uol Esporte, 06 set. 2012. Disponível em: <<http://cornetafc.blogosfera.uol.com.br/2012/09/06/em-segundo-no-campeonato-brasileiro-gremio-tira-onda-com-o-inter/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Introdução à semântica de contextos e cenários**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1999.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes Ed., 2005.

ILARI, R. A fábrica de idéias linguísticas do professor Salum, o pinheiro e o lago. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 61., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2013. CD-ROM.

LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979. p.109-284.

MACHADO, I. L. **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MAGALHÃES, I. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, n.4, 2004, p.113-131. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/293/307](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/293/307)>. Acesso em: 16 mar. 2015.

MAINGUENEAU, D. **Discours et analyse du discours**. Paris: Armand Colin, 2014.

MATOS, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. A. de. (Org.). **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII**. Cotia: Ateliê, 2005.

MODOLO, M.; BRAGA, H. Uma teoria brasileira do idioma. **Revista Língua Portuguesa**, n.78, abr. 2012. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/78/artigo255300-1.asp>>. Acesso em: 12 out. 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

NICOLELIS, M. **Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil**. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/entrevistas/nicolelis-lanca-manifesto-da-ciencia-tropical-vai-ditar-a-agenda-mundial-do-seculo-xxi.html>>. Acesso em: 12 out. 2013.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: MOURA, H. M. de M.; SILVA, F. L. da (Org.). **O direito à fala? a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2000. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao11/artigo12.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PINTO, E. P. **A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto**. São Paulo: Duas cidades: Secretaria de Estado de Cultura, 1990.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo, Contexto, 2010.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Romanica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. **Ensaios de Lingüística**, Belo Horizonte, v.13, p.51-84, 1987.

TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. **Predição 5**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p.315-353.

TATIT, L. **Semiótica da canção**: melodia e letra. 3.ed. São Paulo: Escuta, 2007.

WERNEY, A. Articulação em entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de retrato em preto e branco. **dEsEnrEdoS**, Teresina, v.1, n.2, p.1-13, set./out. 2009. Disponível em: < [http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/dEsEnrEdoS\\_2\\_-\\_artigo\\_-\\_Alfredo\\_Werney.pdf](http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/dEsEnrEdoS_2_-_artigo_-_Alfredo_Werney.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2013.

# A AUTORIA CRIADORA/ ENUNCIATIVA EM ENUNCIADOS DO GÊNERO CARTA DO LEITOR: ESTUDO DE CARTAS PUBLICADAS NOS JORNAIS *O ESTADO DE S. PAULO* E *FOLHA DE S. PAULO*<sup>1</sup>

Simone Ribeiro de Avila VELOSO

## Introdução

Estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin (1990, 2004, 2008) apontam, em suas reflexões teóricas, para a importância dos modos de tratamento da palavra alheia, como constitutivos da relação EU-OUTRO. Ciente dessa importância, o presente estudo expõe uma proposta de análise do gênero carta do leitor por meio de enunciados concretos publicados nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, em novembro de 1980. O recorte temporal se justifica na medida em que se configura um momen-

---

<sup>1</sup> Este trabalho configura-se uma versão modificada da comunicação oral apresentada em sessão de mesa-redonda intitulada “Pesquisas em Linguística: perspectivas teórico-metodológicas”, como parte integrante das atividades do V Seminário de Estudos Linguísticos – V SELIN – promovido pela UNESP de São José do Rio Preto.

to de transição política no Brasil. Um dos focos motivadores desta pesquisa encontra-se na busca de um entendimento em relação aos modos de inscrição da autoria em um contexto social amplo marcado por forças contraditórias: de um lado, o regime militar em franca decadência política, de outro, a emergência de uma oposição, de certa forma, multifacetada e, até certo ponto, atuando sob influências das normas institucionais e políticas do referido regime. Trata-se, portanto, de observar, as vozes constitutivas de enunciados do gênero “carta do leitor” que se inscrevem na esfera jornalística de produção, em dois dos principais jornais do estado de São Paulo.

No que concerne à autoria criadora/enunciativa, entendemos que deve ser analisada na articulação com o conceito de gênero discursivo, proposta em Bakhtin (2006b), cuja formulação teórica encontra-se na própria constituição de ato ético e estético presente nos primeiros escritos datados do início da década de 1920. Inicialmente, este artigo apresenta, em linhas gerais, os pressupostos teóricos que norteiam esse estudo, bem como os critérios metodológicos de formulação do *corpus* e as categorias discursivas de análise. Em seguida, desenvolveremos uma breve análise de um *corpus* representativo de cartas publicadas em ambos jornais no citado período.

### **A autoria criadora/enunciativa em enunciados concretos do gênero carta do leitor**

Quando Bakhtin 2006a estabelece distinções entre **autor-pessoa** e **autor-criador**, compreendendo esse último enquanto “[...] agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra.” (BAKHTIN, 2006a, p.10), defende uma abordagem teórica predominantemente enunciativa da questão da autoria, uma vez que se configura elemento responsável pela constituição do sentido do todo da obra/enunciado. Outro aspecto importante diz respeito à capacidade de **excedência de visão** do autor-criador que, segundo o autor russo, permite um acabamento estético dessa obra.

No que concerne aos enunciados do gênero carta do leitor consideramos relevante apontar tais distinções teóricas na medida em que acreditamos na existência de um **autor/editor/jornal** e um **autor/leitor**. Do ponto de vista da situação concreta de realização dos enunciados, o primeiro detém a condição de sujeito institucional capaz de selecionar **quais** cartas devem ser publicadas, bem como de formatá-las como lhe convém, o que revela, por meio das escolhas materiais/linguísticas, o seu tratamento axiológico face não apenas à autoria criadora do leitor, mas também em relação aos objetos de sentido abordados. Entendemos que tal condição de autoria lhe confere certa **excedência de visão** que lhe permite atribuir acabamento<sup>2</sup> ao enunciado.

Poderíamos questionar se essa autoria criadora, detentora de uma excedência de visão, configurada enquanto centro axiológico da obra/enunciado, não se contrapõe ao caráter polifônico pontuado por Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008) e que confere autonomia às vozes presentes no romance, em detrimento justamente da presença da centralidade autoral. No caso das cartas dos leitores, entendemos que, se por um lado, a concepção de autoria criadora, presente em Bakhtin (2006a) requer necessariamente a articulação da relação EU-OUTRO por meio de um EU institucionalizado que busca nas respostas dos leitores a imagem que esses constroem acerca de si; por outro, compreendemos que os graus de autonomia da palavra/discurso/voz do leitor são condicionados exatamente pelas escolhas assumidas pelo autor/edi-tor. Assim, não nos parece que esse EU institucionalizado seja forjado por si mesmo até porque se se limitar ao seu lugar institucional parece-nos que alcançará uma visão parcial de si próprio. Em outros termos, entendemos que as cartas dos leitores configuram o espaço de um OUTRO por meio do qual o EU institucionalizado aparentemente tem por objetivo depreender uma excedência de visão que sozinho não alcançaria. Por outro lado, de certa forma,

---

<sup>2</sup> Não confundimos aqui a ideia de **acabamento** com a de **finalização**. Para tanto, consideraremos logo mais a proposição teórica de Medviédov (2012) na caracterização do gênero discursivo.

“filtra” a visão que lhe convém por meio da seleção de quais cartas a publicar e das escolhas materiais/ linguísticas bem como da formatação adotada em relação a esses elementos nas edições.

É nesse contexto que consideramos a tipologia de discursos proposta por Bakhtin (2008) a partir de duas categorias teóricas amplas: o **discurso monológico** e o **discurso dialógico**. O primeiro caracterizado pela sobreposição de uma voz autoral em relação às demais vozes constitutivas do enunciado. O segundo, pela presença de uma multiplicidade de vozes que podem atingir um grau de autonomia em relação ao autor e constituir, dessa forma, um contexto polifônico. É preciso pontuar que tal categorização não se fundamenta por uma relação dicotômica. Em outros termos, para Bakhtin (2008) não parece haver discursos puramente monológicos ou dialógicos, mas **graus** de monologização e dialogização.

A propósito da questão da autoria em Bakhtin, Sobral (2012) pontua esses discursos a partir de **tendências**, de um lado, **monológicas** quando o projeto enunciativo do autor direciona-se para a **neutralização das demais vozes** na superfície discursiva em prol de sua própria como dominante; de outro, **dialógicas** e que se constituem pela evidenciação relativamente explícita dessas vozes que mantêm entre si relações de acordo ou desacordo. Sobral (2012) retoma Bakhtin (2006a) para destacar a importância do excedente de visão para a constituição do evento estético, nesse caso a obra/enunciado realizado em outras esferas de atividade. Destaca ainda a presença (real ou virtual) do ouvinte/interlocutor como constitutiva da relação autor e herói/objeto do discurso, o que determina graus de proximidade/distanciamento tanto relação a esse interlocutor quanto no tocante a esse objeto. Ao considerar pressupostos bakhtinianos concernentes à autoria, Sobral (2012) põe em relevo um elemento reiteradamente presente nos textos de Bakhtin: a autoria enquanto **posição assumida discursivamente** por um sujeito no **âmbito enunciativo**.

É nesse sentido que consideramos imprescindível igualmente analisar as autorias criadoras dos leitores, configuradas, em grande medida, pelas retomadas dos discursos alheios com os quais esses

leitores mantêm relações dialógicas de diferentes tons axiológicos: **polêmicas abertas ou veladas, denúncias, delineamento de proposições para solução de problemas de ordem social**<sup>3</sup>, etc. Assim, vale ressaltar o tratamento estilístico conferido pelo autor/leitor revelador de diferentes posicionamentos assumidos por essa autoria direcionados à palavra/discurso alheia/o. Na análise de tais retomadas, parece-nos de fundamental importância focalizar os pressupostos teóricos ainda destacados em Bakhtin (2006b) concernentes aos diferentes graus de distanciamento instaurados entre **autor** e **objeto de sentido/ do discurso**, bem como **autor** e **interlocutor**. Esse último pode se configurar tanto como **outros leitores autores** de outras cartas, quanto **supradestinatários** (BAKHTIN, 2006c) compreendidos mais frequentemente como autoridades públicas instituídas. Isso porque entendemos que a escolha estilística, bem como a disposição do material linguístico, decorre, em grande medida, da orientação social da palavra determinada por esses graus de distanciamento.

No que tange a um estudo mais detalhado acerca do tratamento axiológico concedido pelo autor/leitor a outros discursos que se inscrevem em sua fala (compreendida aqui enquanto discurso produzido no e pelas cartas dos leitores), destacamos o conceito de **enquadramento dialógico** apresentado por Bakhtin (2010) e caracterizado como **a preparação** para a inserção da palavra do outro. Para o autor russo, por maior que seja o grau de precisão da retomada do discurso de outrem o contexto a que se submete tal discurso confere novos tons valorativos<sup>4</sup>. Nesse sentido, o contexto gera um “fundo dialógico” capaz de conferir grandes transforma-

---

<sup>3</sup> Esta última não se encontra no escopo de análise do presente artigo.

<sup>4</sup> Na tradução da obra aparece o termo “significado”: “[...] *por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado.*” (BAKHTIN, 2010, p.141, grifo nosso), o que sinaliza um delineamento conceitual dessa palavra ainda em processo para esse autor, ao passo que para Medviédev (2012) a significação aparece relacionada aos elementos reiteráveis do plano do língua, diferentemente do tema – atrelado ao caráter irrepetível do enunciado e da produção de sentido.

ções ao enunciado alheio. Tal enfoque teórico nos parece pertinente, uma vez que os autores/leitores das cartas sinalizam diferentes modos de inscrição desses outros discursos, reveladores de diferentes graus de distanciamento entre objeto do discurso e interlocutores e, dessa forma, assumem diferentes posicionamentos enunciativos/axiológicos em face de tais discursos.

É, portanto, na articulação entre a leitura prévia do *corpus* com os pressupostos teóricos ressaltados acima que sintetizamos as categorias de análise mobilizadas em nossa pesquisa:

**Quadro 1: Categorias de análise**

Categorias discursivas amplas	Categorias dialógicas	Categorias materiais-discursivas
Autoria criadora institucional jornalística (autor/empresa)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tendência monologizante do discurso.</li> <li>• Tendência dialogizante do discurso.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção de cartas (predominância temática escolhida).</li> <li>• Diagramação (disposição, seleção tipográfica, elementos não verbais).</li> </ul>
Autoria criadora do leitor das cartas (autor/leitor)	Grau de distanciamento em relação: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao objeto de sentido e/ou</li> <li>• Ao interlocutor (leitor ou supradestinatário)</li> </ul>	Enquadramento dialógico da palavra alheia: análise das seguintes relações dialógicas: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Polêmica aberta (discurso citado)</li> <li>• Polêmica velada (palavra bivocal ou alusiva)</li> <li>• Denúncia</li> </ul>

**Fonte:** Elaboração própria.

Antes de emprendermos análises de um *corpus* representativo dos enunciados concretos publicados em novembro de 1980, nos dois citados jornais paulistas, vale destacar ainda o **problema do acabamento do gênero** possível apenas no âmbito composicio-

nal (MEDVIÉDEV, 2012), isto é, no que concerne à organização dos elementos sónicos (verbais e não verbais) que compõem o enunciado, mas não no que diz respeito ao acabamento temático, atrelado, necessariamente às condições espaciais, temporais e circunstanciais de sua realização e, particularmente, do gênero de discurso.

No contexto das referidas cartas, o acabamento relativo do enunciado, do ponto de vista temático, se delineia em um contexto de publicação impressa, produzida na esfera jornalística, da chamada imprensa de referência, em que se circunscrevem múltiplos interlocutores: os demais leitores dos respectivos jornais que direcionam suas atenções para a coluna de “cartas de leitores”, vozes representativas das autoridades públicas, a própria voz institucional do jornal, especialmente nas notas de respostas da redação e o próprio autor-leitor da carta enviada.

Na próxima seção, desenvolveremos análises de enunciados concretos representativos do *corpus* selecionado, de modo a considerar as categorias de análise (quadro 1) apresentadas, bem como a produção de sentido e o acabamento relativo desses enunciados.

## **As autorias criadoras nas cartas de O Estado de S. Paulo (OESP)**

Segundo estudos de Pilagallo (2012), o jornal OESP surge ainda no final do século XIX (1875) com o nome de *A Província de S. Paulo* e se constitui porta-voz de segmentos republicanos da sociedade brasileira do segundo reinado. Mas, foi pelas mãos de Júlio de Mesquita que o jornal se tornaria um dos veículos de comunicação de referência da imprensa paulista.

Considerando o período de publicação mencionado – novembro de 1980 – para constituição do *corpus*, foram consultadas 26 edições contendo aproximadamente 136 cartas ao todo. Em cada uma dessas edições aparecem entre 3 e 7 missivas distribuídas em duas colunas, conforme segue a imagem:

Imagem 1: Página 02 de *O Estado de S Paulo*



Fonte: *O Estado de São Paulo* (1980, p.2).

Considerando-se mais especificamente os enunciados do gênero carta do leitor, constatamos, de início, a intencionalidade discursiva do autor/editor ao reservar duas colunas à direita de reportagens em que predominam temáticas oriundas da esfera política. Nesse sentido, o autor/leitor das cartas se inscreve em um contexto que o aproxima do caráter de um **articulista do jornal**, cuja voz se faz ouvir logo no início de cada edição – mais precisamente no lado direito da página 2. Cada carta apresenta um **título** atribuído pelo autor/editor e que destaca o que, do seu ponto de vista, configura-se relevante em relação ao objeto de sentido. Consideremos os seguintes enunciados concretos representativos das três categorias materiais-discursivas levantadas, a partir do enquadramento dialógico apresentado:

## **Polêmica aberta:**

### ***Os estrangeiros e os seus direitos***

Sr.: Não estamos de acordo com o que escreveu o Senhor Alberto Mauro Contatore publicado nessa seção (Estado 11-11-80). Nós entendemos que os estrangeiros têm seus direitos assegurados até onde a lei o permite. É ato jurídico em todas as nações. **Mas também entendemos que o padre deve agir como sacerdote dentro e fora da igreja e não como político [...]** B. O. Presidente Bernardes (OESP, 18/11/1980).

Observamos que a entonação expressiva polêmica de **tipo aberta** se instaura na inserção do discurso de outro autor/leitor com vistas a uma contraposição direta à fala do mesmo. Constitutivo do **subentendido**<sup>5</sup> encontra-se o episódio de expulsão do padre Vito Miracapillo que se recusou a realizar uma cerimônia religiosa no feriado da Independência para as autoridades militares instituídas. Subjacente a esse acontecimento, encontra-se a disputa ideológica entre segmentos católicos partidários da Teologia da Libertação que defendiam uma atuação mais próxima dos problemas sociais e políticos e seguidores da mesma igreja defensores de uma atuação limitada à evangelização. O trecho em destaque, iniciado pela conjunção adversativa “mas” sinaliza o posicionamento axiológico do autor/leitor frente a tal acontecimento. Convém ainda pontuar a presença do autor/editor na seleção de título produzido: conhecendo não apenas o teor temático e axiológico da carta escolhe termos de modo a atribuir relativa impessoalidade ao conteúdo semântico-objetual no momento em que mobiliza o termo genérico “estrangeiros”. A despeito da ressonância do referido acontecimento nos meios de comunicação de massa, a escolha de termos que arrematam tons genéricos e impessoais que conferem objetividade ao

---

<sup>5</sup> Compreende-se aqui “subentendido” na acepção proposta por Volóchinov (1981), como elemento da ordem do extralinguístico e responsável pela produção do sentido global do enunciado. No nosso entender, tal elemento mostra-se capaz de contribuir para o relativo acabamento temático do enunciado concreto, como proposto por Medviédev (2012).

enunciado, um dos elementos constitutivos de geração de um efeito de **credibilidade** junto ao interlocutor/leitor do jornal.

### **Polêmica velada:**

Já em relação à **polêmica velada**, o discurso do **outro** se constitui alvo indireto, como no exemplo abaixo:

#### **O que é liberdade?**

Sr. Assisti no último domingo, e triste, à pseudo-entrevista com o cantor e compositor provavelmente de maior lobby no país ultimamente[...]

**Liberdade é ter a capital em Havana**, o governo em Moscou, o povo em Miami e o cemitério em Angola, junto com milhares de outros angolanos. Liberdade é poder dizer tudo que se passa numa **cabeça trôpega...** e flutuar no ar com suas **ideias bêbadas...** Sem ter um profissional consciente, sério, não engajado, que lhe fizesse as perguntas certas, nas horas certas[...] C.C. Capital (OESP, 06/11/1980).

Assim como na missiva anterior, o interlocutor (redator/editor) é chamado de “Sr.” o que revela a instauração de formalidade entre os interlocutores, configurada como elemento constitutivo das cartas, gerando um grau de distanciamento entre autor/leitor e autor/editor. Mais precisamente no enunciado em questão, a voz do outro (ou dos outros) não é (ou não são) explicitada (s). Configuram-se parte do subentendido, não apenas relacionado à retomada dos discursos constitutivos da entrevista realizada no programa *Canal Livre*, como também representativo do embate ideológico travado em contexto de guerra fria condicionante da existência de partidários do capitalismo liderado pelos norte-americanos, de um lado, e simpatizantes do regime comunista, de outro. Nesse sentido, a fala de Chico Buarque “Cuba é que é livre” apresenta-se como alvo indireto do autor/leitor da carta, bem como o próprio programa compreendido pelo autor/leitor como isento de profissionais “competentes”. A referência ao discurso do compositor emerge com as

referências às palavras presentes em Construção: “E tropeçou no céu como se fosse um bêbado”.

Segue um enunciado representativo da categoria compreendida como de **denúncia**:

### “Honestidade prova-se com atos”

Sr. Já ouvi o Maluf proclamar a viva voz a honestidade do seu governo, principalmente quando as coisas estão meio pretas, como aconteceu naquele “negócio” entre a “nossa” caixa e uma firma falida. Mas a honestidade **prova-se** com atos, nunca com palavras e aqueles proclamas do governador **não estão** sendo endossados por atos praticados pela Escola Estadual de 1º e 2º graus “Caetano de Campos”, da Aclimação.

[...] Na “Escola Caetano de Campos”, o método [refere-se ao vestibulinho] fugiu à regra: os candidatos ao vestibulinho oriundos do “Zé povinho”, na hora de inscrever-se **foram** orientados a optar pelo período da manhã e ingenuamente **300 se inscreveram** para disputar 40 vagas desse período. Os candidatos apadrinhados com recomendação de políticos malufistas **foram** “aconselhados” a optar pelas 40 vagas do período da tarde e só se **inscreveram** 36 “candidatos” ao “vestibulinho” para esse período. E agora a diretora da “Caetano” **afixou** na escola um aviso dizendo que não haverá “vestibulinho” da tarde. Percebi o logro e fui à escola solicitar a transferência da inscrição de minha filha para o “vestibulinho” da tarde. [...] M.H.R.G, capital. (OESP, 13/11/1980).

Constatamos, nesse caso, o trabalho de autoria do editor pela seleção de um título que se configura pela citação direta da fala da autora da carta, colocada entre aspas o que delimita os contornos da responsabilidade do discurso e o exime de um aparente juízo de valor. O tom de denúncia se revela na medida em que a autora/leitora da carta empreende um relato dos acontecimentos vivenciados por ela. A predominância do tempo passado perfeito no segundo parágrafo revela o recorte de um evento ocorrido pontualmente, em contraposição ao primeiro parágrafo em que o tempo do presente sinaliza uma relação valorativa que a autora estabelece com

o objeto de sentido: “Mas a honestidade **prova-se** com atos [...]” em um tom de aforismo reveladora de uma verdade incontestável. Tal tratamento estilístico conferido pela autora gera a tonalidade de denúncia à carta.

Consideremos, agora, uma breve análise das cartas dos leitores publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, para, em seguida, tecermos nossas considerações finais.

### **Análise das autorias criadoras no contexto do Jornal Folha de S. Paulo (FSP)**

Para suprir o espaço editorial deixado pelo *Estadinho*, publicação vespertina do jornal *O Estado de S. Paulo*, surgia, em 1921, a *Folha da Noite*, que daria origem à *Folha de S. Paulo* (PILAGALLO, 2012). Segundo Pilagallo (2012), os vespertinos teriam como característica a adoção de uma linguagem mais popular, uma vez que voltados para assuntos urbanos de interesse do pequeno comerciante e funcionário público, diferentemente de *O Estado*.

No que concerne à FSP, foram consultadas 30 edições, contendo um total aproximado de 179 cartas<sup>6</sup>, distribuídas em uma coluna ao lado direito de “Tendências e Debates” (ver imagem 2), de modo a aproximar o espaço de interlocução das cartas às diferentes opiniões acerca de temas da atualidade, diferentemente de OESP que prioriza, no mesmo contexto temporal – novembro de 1980 – a presença de enunciados do gênero reportagem, o que no âmbito do jornal impresso configura-se, em grande medida, pela presença de elementos de teor informativo, em comparação com os artigos de opiniões que se circunscrevem em “Tendências e Debates”.

Consideremos, em seguida, as análises de alguns enunciados a partir das categorias apresentadas anteriormente. Para tanto, observemos, inicialmente, a seguinte página (imagem 2):

---

<sup>6</sup> Cada edição pode apresentar até cerca de 08 cartas.

**Imagem 2: Página 3 da *Folha de S. Paulo***



**Fonte:** *Folha de S. Paulo* (1980, p.3).

Focalizando mais detidamente os enunciados reveladores de polêmicas discursivas, observemos a seguinte carta, com foco na **polêmica aberta**:

**Vale de lágrimas**

Em sua recente visita ao Nordeste, o presidente João Batista Figueiredo declarou que para erradicar a seca naquelas regiões flageladas necessitaria de 7 a 8 bilhões de dólares e a nação não dispõe de tamanha soma de dinheiro, no momento. Sabemos que serão gastos no programa nuclear brasileiro centenas de bilhões de dólares, ressaltando-se que somente nas instalações de Angra 1 foram despendidos mais de 30 bilhões, com o dólar cambiado a taxas bem inferiores às atuais (Angra 1 foi iniciada em 1967). Além de Angra 2, cujas

instalações já estão em andamento, Angra 3 já foi contratada e o governo está programando a montagem de mais seis centrais nucleares.

Se o Brasil dispõe de dinheiro para tanto, gostaria de sugerir, data vênua, ao Presidente que ao invés de 9 centrais nucleares mandasse instalar apenas 8 e empregasse no Nordeste, o dinheiro equivalente a uma usina, a fim de transformar aquele “vale de lágrimas” numa região viável arraigando à terra milhões de brasileiros que, embora residam ali, também são filhos de Deus. Sr. P.Q. F. (Franca, SP). (FSP, 30/11/1980)

Nesse caso, o editor/autor seleciona para título uma referência usada pelo autor/leitor da carta, mas não a separa por aspas, o que possibilita a emergência de bivocalidade: quem está dizendo “Vale de lágrimas”: o autor da carta ou o editor/jornal? A memória discursiva do interlocutor/leitor poderá associar tal expressão à ideia de “lugar em que prevalece a penúria, o sofrimento”. Por outro lado, o corpo da carta aparece recorrentemente separado por aspas, de modo a atribuir a responsabilidade do dizer ao autor/leitor. A **polêmica aberta** se instaura, no momento em que tal autor insere em seu discurso a fala do presidente acerca da inexistência de recursos para erradicar a seca no Nordeste. Bakhtin (1990), mais precisamente no capítulo “A pessoa que fala no romance” considera o que ele denomina “**enquadramento dialógico**” entendido como o tratamento axiológico conferido pelo autor à fala do outro, o que nos remete a considerar a preparação desenvolvida pelo autor para a inserção do discurso alheio. Considerando-se o enunciado concreto em questão, tal enquadramento se efetua por meio da inserção de dados referentes aos valores pertinentes aos investimentos na construção de 9 usinas nucleares. Dessa forma, o autor contesta abertamente a declarada “inexistência de recursos”.

Observemos, nesse momento, outro enunciado concreto que sinaliza a inscrição da **polêmica velada**, tendo em vista a presença do **humor**:

### **Cartão vermelho**

A CNBB, advogada do cura Vito Miracapillo, foi goleada por 11 a 0 pelo time do STF no jogo em que terminou com a expulsão do padre irreverente.

Parabenize-se o árbitro da disputa, o egrégio ministério que rico de brasilidade avaliou o decreto de expulsão [...] Sr. G.M. (Ourinhos, SP) (FSP, 05/11/1980).

O título, ressaltado pelo editor, além de não ser delimitado por aspas proporcionando a referida bivocalidade, remete o interlocutor/ leitor ao campo de conhecimento futebolístico. Nem por isso, a polêmica deixa de ser instaurada, contudo de forma velada, uma vez que o autor/leitor da carta avalia favoravelmente o objeto de sentido: expulsão do padre Vito Miracapillo. Dessa forma, polemiza contra os discursos que defendiam a atuação social e política de clérigos da igreja católica, além de revelar um discurso interior assumido: o do nacionalismo defendido no contexto do regime de exceção. Em outros termos, a ideologia de “brasilidade”, “amor incondicional à pátria” apresenta-se até certo ponto incorporada no dizer do autor/leitor, como um acontecimento “natural”. Volóchinov (1981) quando observa o conceito de “avaliação” refere-se a esse enraizamento do valor ao objeto de sentido que impede desvinculá-lo como um “valor” construído socialmente e culturalmente.

Consideremos, nesse momento, outro enunciado representativo da categoria discursiva de **denúncia**, em que o humor igualmente se apresenta como elemento constitutivo do enunciado:

### **Dona Ecologia**

De repente todo mundo virou “ecologista”, no Brasil; não muitos, entretanto, entendem ecologia além de dar um pires de leite ao gatinho ou aliar-se na defesa de uma velha paineira.

Por isso, talvez, Dona Ecologia anda muito mal falada, às vezes até difamada com confundida com outras damas mais ou menos respeitáveis. Até mesmo “cientistas” entre aspas falam mal, veiculam maledicências. Na verdade, não são muitos os

que reconhecem que Dona Ecologia tem dois maridos, ambos respeitáveis na forma da lei, uma lei acima de todas as leis. **Um marido é sabidamente a natureza, o ambiente, o habitat [...]** **O outro marido – menos visível, embora mais presente – se chama desenvolvimento, ou que nome tenha,** que devia cuidar da utilização racional e metódica dos bens naturais, em benefício do homem [...]

Em termos científicos e universais, esse triângulo [Dona Ecologia e seus dois maridos] é conhecido como ecodesenvolvimento [...]. Engº. Agr. L.P.B. (Manduri, SP) (05/11/1980).

O tom humorístico se delineia como parte das escolhas estilísticas realizadas pelo autor/leitor que personaliza o objeto de sentido compreendido a partir de sua ótica: a incapacidade da sociedade brasileira, incluindo cientistas, de abordar questões ecológicas considerando a relação entre natureza e desenvolvimento. O que poderia ser considerado característico de um enunciado propositivo – presença de uma voz consultiva, em função de um saber especializado, configura-se **de denúncia** tendo em vista o acabamento do enunciado concreto delineado pela autoria criativa e criadora, enquanto centro axiológico: o foco da intencionalidade discursiva não se constitui pela proposta de uma alternativa frente a um problema social. Observa-se que a construção de **teor descritivo** em destaque é forjada com um tom irônico, contestatório evidenciado pelo sinal de aspas na palavra cientista, relativizando o saber desse segmento social acadêmico. Outro elemento orientador do estilo assumido pelo autor/leitor diz respeito às relações dialógicas entabuladas entre o enunciado concreto e a obra de Jorge Amado intitulada *Dona Flor e seus dois maridos* que resultaria em um filme homônimo de 1976 e que comporia um inusitado triângulo amoroso. O tom humorístico da carta advém, em grande medida, dessas relações de sentido.

## Considerações Finais

Constatamos, inicialmente, que existem dois diferentes modos de instauração da autoria criadora na relação autor/editor/jornal

com seus outros. No contexto de OESP, as análises revelam um maior distanciamento entre o autor/editor/jornal e o autor/leitor, tendo em vista o grau de formalidade gerado pela presença inicial do pronome de tratamento “Sr.”, o que revela um direcionamento do discurso do autor da carta para a chamada “redação do jornal”. Já no tocante à FSP, emerge um **efeito de apagamento dessa relação**, uma vez que inexistente qualquer forma de tratamento que faça referência a esse direcionamento: é como se o próprio autor/leitor tomasse a palavra, delimitada por aspas, na composição de seu discurso voltado a outros leitores do jornal. Por outro lado, a escolha pela utilização de aspas – por parte do autor/editor/jornal – sinaliza sua intenção de estabelecer limites entre o discurso do autor/leitor e a autoria enunciativa do jornal.

Ainda com relação à autoria criadora institucional, observamos que, em se tratando do jornal OESP, emerge uma recorrência por títulos formados por enunciados que não manifestem diretamente o posicionamento discursivo do autor/leitor. É dessa forma que a escolha do título – *Os estrangeiros e seus direitos* – poderia sugerir múltiplas abordagens temáticas, o que gera de início um efeito enunciativo de imparcialidade na publicação da carta. Apenas o subentendido, constitutivo do contexto extra-verbal da época, poderia ser mobilizado para produzir sentido juntamente com a materialidade linguística. Igualmente aparecem o que poderíamos chamar de títulos-citação – como em *“Honestidade prova-se com atos”* – em que o autor/editor/jornal ao mesmo tempo em que estabelece um distanciamento em relação à fala do autor/leitor, sem se comprometer frente ao discurso da autoridade em questão, lhe oferece voz que, por sua vez, empreende uma denúncia em relação a essa mesma autoridade. Essa autoria criadora de OESP revela-se, portanto, enquanto sujeito que se assume enquanto voz institucional capaz de, indiretamente, por meio das falas de seus leitores, posicionar-se frente aos discursos oficiais, quer seja para refleti-los, como no caso da carta acerca da expulsão do padre Vito Miracapillo, quer seja para refratá-los, como por meio da denúncia empreendida pelo autor/leitor de *“Honestidade prova-se com atos”*, cujo foco de contraposição são os discursos de Paulo Maluf. Tendo

em vista a constituição dessa autoria nesse contexto enunciativo, compreendemos que emerge uma **tendência monologizante** no discurso desse autor-criador, que se inscreve enquanto sujeito que, a despeito de sua aparente neutralidade, **mostra-se** enquanto **voz institucional formadora de opinião**, por meio de uma maior centralidade de sua presença manifesta explicitamente pelo pronome de tratamento.

Já no que concerne à autoria criadora do jornal FSP, o efeito de apagamento da presença dessa autoria, bem como a separação das falas dos autores/leitores por meio de aspas, cria um **efeito de autonomia** dessas vozes nas cartas, ao mesmo tempo em que estabelece limites entre o discurso do outro – autor-leitor – e o discurso do autor/editor/jornal. Esse, apesar de igualmente selecionar as cartas a serem publicadas, **mostra-se** como **porta-voz de diversos segmentos sociais**. Entendemos que tal modo de inscrição autoral revela-se por meio de uma **tendência dialogizante** do discurso.

Já em relação ao estudo das autorias criadoras/enunciativas dos autores-leitores, constatamos a presença de uma relativa aproximação entre essa autoria e os objetos de sentido/discurso. Em outros termos, trata-se de leitores que detém relativo conhecimento sobre o que desejam falar e que se posicionam axiologicamente de diferentes modos em relação a tais objetos. De modo geral, aparece um relativo predomínio do discurso ideológico que assume o nacionalismo como bandeira contra discursos progressistas da igreja católica. Por outro lado, essa autoria criadora mantém certo distanciamento/ formalidade em relação ao discurso de autoridade da presidência da república, uma vez que o contexto social amplo ainda constituía-se foco de expectativas face ao primeiro ano do governo de Figueiredo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello, Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro&João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. O autor e a personagem na atividade estética. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006a. p.1-192.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. p.261-306.

\_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006c. p.307-335.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 11.ed. São Paulo : Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura de estética:** a teoria do romance. Tradução de A. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1 nov. 1980.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo, Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1 nov. 1980.

PILAGALLO, O. **História da imprensa paulista:** jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma. São Paulo: Três estrelas, 2012.

SOBRAL, A. A concepção de autoria do “Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov”: confrontos e definições. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v.1,n.2, p.123-142, dez. 2012.

VOLOCHINOV, V. N. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie: contribution à une poétique sociologique. In : TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine**: le principe dialogique. Paris: Seuil, 1981. p.181-214.

# REFLEXÕES METODOLÓGICAS SOBRE A ANÁLISE DE DADOS LONGITUDINAIS: PROSÓDIA E PRIMEIRA SINTAXE

Christelle DODANE

A Aquisição da linguagem é um campo de pesquisa muito rico e que gerou um grande número de estudos através de mais de um século (INGRAM, 1989). Ele estabelece interfaces com outras áreas, como a neurociência, a genética, as ciências cognitivas, a antropologia, a linguística, a psicologia e a educação. Cada um desses campos vai tratar da aquisição da linguagem de um ponto de vista diferente. Nesse contexto, coloca-se o problema da **heterogeneidade**, tanto em termos de objetivos quanto de métodos utilizados para a coleta e análise dos dados. Assim, podemos identificar vários tipos de estudos: os **experimentais**, os que usam **diários**, **dados espontâneos**, **longitudinais ou transversais**, e os **questionários dados aos pais**. A metodologia, bem como o objetivo de cada pesquisa, vai ser delineada pelo quadro epistemológico no qual ela se insere, razão pela qual temos, no âmbito da aquisição, diferentes metodologias.

De acordo com Ingram (1989), é possível traçar uma cronologia dos estudos em Aquisição a partir do período das monografias (1876-1926), seguido pelo período dos estudos experimentais, utilizando uma grande amostra de crianças (1926-1957). A partir dos anos 60, graças aos avanços da tecnologia, dos meios de gravação

em áudio e vídeo, torna-se possível registrar as crianças periodicamente e durante um longo período de tempo (de algumas semanas a vários anos). Assim, os *corpora* espontâneos e longitudinais vão se multiplicando, sobretudo graças à criação de bancos de dados nacionais e internacionais, que permitem compartilhar esses dados. Para multiplicar o número de crianças e resolver o problema da generalização dos resultados, os pesquisadores usam também *corpora* transversais e questionários dados aos pais.

Tendo delineado as principais características de cada uma dessas abordagens metodológicas, apresentamos as nossas próprias escolhas e os desafios que enfrentamos em uma pesquisa que vai eleger como objeto de análise a prosódia e a aquisição da primeira sintaxe. Esses desafios se impõem tanto no que se refere à transcrição quanto na análise dos dados. Muitos de nós que hoje trabalhamos na área de aquisição viemos de outras áreas, como a fonética, por exemplo. Os foneticistas de formação estão acostumados a lidar com uma abordagem prioritariamente experimental e quantitativa. No nosso caso, ao entrarmos em contato com a aquisição da linguagem, com *corpora* longitudinais de crianças francesas, americanas e brasileiras, nos vimos diante da necessidade de buscar novas formas de conciliar duas abordagens metodológicas.

Diante disso, neste artigo, cujo tema central são os aspectos metodológicos, pretendemos mostrar que é possível conciliar essas duas abordagens (a quantitativa e a qualitativa) no estudo da aquisição da linguagem, cada uma delas fornecendo informações diferentes, mas complementares, e que tal tarefa tem sido uma tendência (DEMUTH, 2008).

## **Cronologia das diferentes metodologias utilizadas no estudo da aquisição da linguagem**

### **O período dos diários (1876-1926)**

Os primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem surgiram nos anos 1870 (com exceção feita ao jornal de Héroard, sobre o

desenvolvimento da fala do rei Louis XIII<sup>1</sup>); eles refletem um interesse geral pelo desenvolvimento da criança durante esse período. Pela primeira vez na história, o desenvolvimento da criança torna-se um objeto importante de estudo. O método utilizado nesses estudos é o diário (também chamado de biografia do bebê), uma das formas mais antigas de se estudar as produções espontâneas das crianças. Por meio deles, os pesquisadores mantêm um registro escrito, que realizam com bastante frequência, sobre as especificidades da linguagem de seus próprios filhos. Assim, eles registram a ocorrência de um fenômeno, sua repetição, seu retorno ou seu desaparecimento. Não é um *corpus* de registro muito sistemático a partir do qual se possa fazer, efetivamente, uma análise daquilo que a criança produziu, pois se trata de um relato. As observações anotadas podem tratar de questões referentes à linguagem ou, de forma mais geral, do desenvolvimento motor e do desenvolvimento da inteligência. Esses diários variam muito em termos de detalhe e qualidade, mas sua importância reside no fato de que os pais conhecem seus filhos muito bem e podem apenas observar os “fatos especiais e interessantes”, como coloca Grammont (1902, p.61). Um determinado fenômeno pode levar vários dias para emergir e os pais podem percebê-lo e observar suas características (a emergência das palavras, por exemplo).

De acordo com Ingram (1989), uma das primeiras publicações sobre os diários teria sido o artigo do filósofo e historiador francês Hippolyte Taine (1876), *Note sur l'acquisition du langage chez les enfants et dans l'espère humaine*, traduzido para o inglês no ano seguinte pela revista *Mind* (1877). A técnica utilizada por Taine é a de realizar anotações feitas no exato momento em que foram

---

<sup>1</sup> O primeiro jornal detalhado sobre a linguagem de uma criança foi escrito por Jean Héroard, médico pessoal de Louis XIII (1628, *Histoire Particulière de Louis XIII*). Nascido em 1551, ele tinha 50 anos no nascimento de Louis e manteve um diário de seu desenvolvimento desde o nascimento até 26 anos, terminando com sua própria morte em 1628. Há comentários detalhados sobre o desenvolvimento da linguagem do rei (nos níveis morfológico, sintático e fonológico), mas também sobre a linguagem que foi dirigida a ele (para mais detalhes, ver INGRAM; LENORMAND, 1995, e MORGENSTERN, 2009).

observadas, anotações estas referentes ao desenvolvimento da linguagem de sua filha, desde o nascimento até o final do segundo ano de vida. Ele se interessa mais especificamente pela variedade das entonações produzidas por ela e pelas palavras inventadas, que para o autor/pai representam “gestos vocais naturais” (por exemplo, ela usa uma palavra inventada “tem” para expressar suas principais intenções como dar, pegar, olhar). Baseando-se no trabalho de Taine, Charles Darwin (*A Biographical Sketch of an Infant*, 1877) vai se interessar pela aquisição da linguagem e, mais especificamente, pelos atos instintivos e pelos meios de comunicação das crianças pequenas. Ele usa anotações sobre o desenvolvimento do próprio filho, durante o primeiro ano de vida, feitas trinta e sete anos antes de ele escrever essa obra e retomadas após a leitura do artigo de Taine (ROUX, 2013). Como Taine, ele mostra a importância dos gestos (de apontar por exemplo), da entonação expressiva para se comunicar (uso de contorno de entonação ascendente para expressar a interrogação, por exemplo) e das criações lexicais produzidas por volta de um ano de idade (o uso que o filho faz, por exemplo, da palavra “mum” quando pede comida), seguidas, mais tarde, pelas palavras retomadas da própria fala dos adultos. Para Darwin, a aquisição da linguagem é, sobretudo, uma área-chave para a compreensão do desenvolvimento mental da criança, bem como para a compreensão do desenvolvimento da humanidade. Segundo ele, se as crianças entre 10 e 12 meses são capazes de compreender algumas palavras, como o fazem alguns animais, o que vai distingui-las deles é o fato de que elas são capazes de expressar um número infinitamente maior de sons associados a conceitos, resultado da co-evolução da mente e da linguagem.

A partir das publicações de Taine e Darwin, observa-se o aumento do interesse científico pela linguagem das crianças (ROUX, 2013). Na Europa, o psicólogo e fisiologista Wilhelm Preyer (*Die Seele des Kindes*, 1882), ao observar seu filho Axel do nascimento até os três anos de idade, desenvolve a metodologia no campo da psicologia do desenvolvimento, delineando os princípios básicos da observação direta: por exemplo, uma criança

deve ser observada três vezes por dia e todos os incidentes devem ser relatados, todas as observações devem ser anotadas imediatamente, de uma forma ininterrupta e com muitos detalhes, e qualquer interrupção exige a substituição do observador principal (ROUX, 2013). O casal de psicólogos alemães, Clara e Wilhelm Stern (1907), estudaram a linguagem de seus dois filhos, Hilde e Günter, e, pela primeira vez, descreveram a evolução da linguagem com diferentes etapas de aprendizagem (CANUT; VERTALIER, 2010). Eles chamaram também a atenção para o papel dos gestos e a noção de intencionalidade que deles decorre. O último exemplo é o diário de Charles Horton Cooley (1908), a partir de anotações sobre a linguagem de seus dois primeiros filhos. Ele deu relevância ao apontar e às auto-designações, desde o nascimento até 33 meses de idade, período no qual o sistema dos pronomes seria adquirido (MORGENSTERN, 2009).

No entanto, mesmo com a mudança na metodologia utilizada nos estudos em aquisição da linguagem a partir de 1926, os diários não desaparecem completamente. Em 1949, Werner Leopold (1939-1949) faz o diário detalhado da aquisição simultânea de duas línguas (inglês e alemão) de sua filha, Hildegard, entre as idades de 1 e 3 anos, e em 1947, o linguista belga, Antoine Gregoire (1937), descreve as produções fonéticas e fonológicas de seus dois filhos, que estavam na mesma faixa etária dos de Leopold. Com o desenvolvimento da tecnologia, na década de 50, os pesquisadores têm a possibilidade de completar as anotações detalhadas dos diários com gravações “ao vivo” das produções espontâneas das crianças. Apesar desse avanços tecnológicos, os diários não foram extintos e podem contribuir com a riqueza da constituição dos *corpora* (INGRAM, 1989). Graças aos diários, é possível ter acesso, de forma rápida, a vários anos de observação detalhada feita pelos pais, e também há uma maneira de se identificar diferentes perfis de crianças, considerando que a entrada na linguagem é marcada por uma grande variabilidade inter-individual.

## Estudos que se serviram de uma grande amostra de crianças (1926-1957)

Para os pesquisadores que trabalhavam com diários, o comportamento ativo e espontâneo da criança era fundamental para se compreender o processo de aquisição e este comportamento resultava das capacidades e das estruturas internas da criança. Esta proposta vai se opor a uma nova “corrente”, o behaviorismo, associado ao trabalho de Thomas B. Watson (1914). Para os psicólogos behavioristas, as habilidades das crianças e suas estruturas internas não são mensuráveis, ao contrário de seu comportamento. Os behavioristas procuraram desenvolver uma teoria de aprendizagem onde as mudanças no comportamento da criança pudessem ser explicadas pelas condições observáveis do ambiente. De acordo com essa teoria, a criança é considerada um sujeito passivamente controlado pelo seu meio ambiente. Esta visão contrasta com o trabalho dos autores citados anteriormente, como Taine por exemplo, que fala do “gênio original<sup>2</sup>” da criança (TAINÉ, 1876, p.13). Assim como os diários, a maior parte dos trabalhos realizados durante esse período foi dedicada à descrição, e não incluía a explicação para os fenômenos. Os pesquisadores procuraram descrever o comportamento normal, ou seja, típico, estabelecendo padrões através da observação de um grande número de crianças. Para conseguir isso, eles fizeram estudos com grandes amostras de crianças e uma seleção muito rigorosa dos sujeitos, para que as influências do meio ambiente fossem controladas (grupos de crianças da mesma classe sócio-econômica, com o mesmo número de meninos e meninas etc.).

Enquanto os diários tendem a ser longitudinais (estudo de uma criança ao longo do tempo), estes estudos controlados tendem a ser **transversais** (grupos de crianças com idades diferentes, observados

---

<sup>2</sup> “Au total, [l'enfant] apprend la langue déjà faite, comme un vrai musicien apprend le contre-point, comme un vrai poète apprend la prosodie ; c'est un génie original qui s'adapte à une forme construite pièce à pièce par une succession de génies originaux ; si elle lui manquait, il la retrouverait peu à peu ou en découvrirait une autre équivalente.” (TAINÉ, 1876, p.14-15).

em um momento determinado no tempo), ou seja, eles favorecem vários grupos de idades para o qual o número de crianças é importante. Se um número suficiente de crianças é selecionada para cada faixa de idade, o comportamento típico pode ser observado. Isso é muito importante para os profissionais da infância, pois permite identificar as crianças que têm algum tipo de atraso ou, ao contrário, que estão à frente da maioria. Todos os sujeitos são observados durante o mesmo tempo e a partir dos mesmos comportamentos ou da mesma quantidade de dados (100 enunciados, por exemplo). Enfim, esses dados são processados de uma forma quantitativa e comparativa. Por exemplo, o primeiro estudo do gênero dedicado ao desenvolvimento do vocabulário (SMITH, 1926) usava uma amostra de 124 crianças entre 2 e 5 anos e o último estudo do período, sobre o desenvolvimento articulatório (TEMPLIN, 1957), uma amostra de 430 crianças entre 3 e 8 anos. As medidas são as maiores contribuições desses estudos e, de acordo Ingram (1989), elas são um pré-requisito na análise da fala de uma criança, permitindo localizar novas formas linguísticas durante a aquisição para, em seguida, submetê-las a uma análise mais detalhada.

Contudo, várias críticas podem ser feitas a esses estudos. Os aspectos mais estudados (aumento do vocabulário, extensão das sentenças e realização articulatória) não são os indicadores necessariamente mais importantes para se determinar o nível de desenvolvimento linguístico de uma criança, embora sejam interessantes no que se refere à comparação entre as crianças. As variações individuais não podem ser estudadas sob esse ponto de vista e sabemos, atualmente, o quanto elas são importantes para explicar a aquisição da linguagem, cada criança seguindo um caminho diferente.

### **Dados espontâneos longitudinais e transversais (1957- hoje)**

A partir dos anos 70, o aumento no uso de equipamentos, a possibilidade de gravação de áudio/vídeo e a criação de bancos de dados internacionais levaram à criação de *corpora* no âmbito da aquisição da linguagem. Assim, os **estudos longitudinais** come-

çaram a ser desenvolvidos. Um dos primeiros *corpus* longitudinal gravado foi o de Roger Brown (1973) (Universidade d'Harvard). Este pesquisador estudou o desenvolvimento da linguagem de três crianças, Adam, Eve e Sarah. Essas crianças foram gravadas uma vez por semana, por um período que se estende do momento em que elas produziram suas primeiras palavras até o final de seu terceiro ano. Em seguida, essas gravações foram transcritas integralmente (fala das crianças, contextos de produção, informações gerais sobre a entonação, as pausas, as auto-correções etc.). Os grandes períodos de desenvolvimento foram estabelecidos através da descrição deste estudo longitudinal, assim como o estudo de Bloom (1970, 1973) e servem de referência para se identificar os períodos “normais” a serem observados em crianças no estudo de um fenômeno específico, com o critério da EME (extensão média do enunciado, ou MLU – *mean length of utterance* – em inglês).

Estes estudos usam *corpora* de dados espontâneos, isto é, não solicitados de um modo experimental. O pesquisador grava uma criança regularmente e, em seguida, estuda o desenvolvimento da linguagem a partir das transcrições do áudio e/ou vídeo. Os estudos longitudinais têm a vantagem de poder observar crianças em situações naturais e com isso conseguem obter uma linguagem mais “autêntica” (leitura de livros, refeições, brincadeiras, vida diária...). Uma outra vantagem é que o pesquisador acaba se tornando alguém muito próximo da criança, como se fosse da família, especialmente se é ele mesmo que faz as gravações e as transcrições. Mas a principal limitação é o pequeno número de crianças estudadas, o que traz um problema de representatividade (CANUT; VERTALIER, 2010). Isso pode causar dificuldades para traçar generalizações sobre o processo de aquisição, mas é difícil aumentar o número de crianças a serem estudadas considerando o tempo enorme que se leva para transcrever os vídeos (PARISSE; MORGENSTERN, 2010; TOMASELLO; STAHL, 2004). Um outro problema é a falta de dados sobre construções raras, pois é possível solicitar tais produções apenas em ambientes experimentais (DEMUTH, 2008). Uma solução é usar *corpora* mais “densos” (várias horas de gravação por dia, como o *Manchester Corpus*,

THEAKSTON et al., 2001) ou os *corpora* de bases de dados, como o CHILDES<sup>3</sup> (MACWHINNEY; SNOW, 1990), constituído por dados em diferentes idiomas (francês, inglês, português, árabe, espanhol, japonês...). Esses bancos de dados permitem uma análise quantitativa dos dados espontâneos e complementam os resultados dos estudos experimentais, mas eles são muito heterogêneos e podem apresentar problemas na adequação dos dados e na transcrição, quando comparados a outras pesquisas, já que os *corpora* foram recolhidos em situações particulares e, por essa razão, os dados e a transcrição dos mesmos são influenciados por este aspecto.

Uma forma de resolver o problema do número limitado de crianças nos *corpora* **longitudinais** é concentrar-se em idades ou faixas de idade determinados, constituindo *corpora* **transversais**. Como os dados longitudinais demoram muito para serem transcritos e analisados, eles são muitas vezes complementados por estudos transversais semi-estruturados ou estruturados, que permitem recolher dados mais específicos, mais curtos e, portanto, mais fáceis de se analisar. Por exemplo, os pesquisadores podem pedir às crianças para contar uma história a partir de uma sequência de imagens. O projeto *Frog Stories*, iniciado pelo pesquisador norte-americano Dan Slobin (Universidade de California, Berkeley) reúne *corpora* de crianças contando uma história a partir da mesma sequência de 24 imagens, em diferentes línguas (inglês, alemão, espanhol, hebraico, turco etc.). Os questionários dados aos pais sobre a produção lexical e gramatical de um grande número de crianças são um outro exemplo de estudo transversal e quantitativo. Trata-se de **dados indiretos**, pois são os próprios pais que completam os questionários (como no caso dos diários). Seu uso permite trabalhar com amostras maiores e mais diversificadas de crianças. O questionário mais utilizado é o *Mac Arthur Communicative Development Inventory* (CDI), criado por Larry Fenson e seus colaboradores (1993), nos EUA. É dividido em dois questionários, um para crianças entre 8 e 16 meses (*Infants: Words and Gestures*), e o outro,

---

<sup>3</sup> Childes Language Data Exchange System.

para crianças de 16 a 30 meses (*Toddlers: Words and Sentences*). A amostra de referência usada por Fenson e seus colaboradores era composta de 1800 crianças. Existem dois questionários para os pais franceses, o *Inventaire Français du Développement Communicatif chez le Nourrisson*, de Sophie Kern (1999a; 1999b) e *Développement du Langage de Production en Français*, de Dominique Bassano et al. (2005). O questionário de Kern foi aplicado aos pais de 663 crianças, entre 16 e 30 meses. Os resultados mostram que aos 16 meses as crianças produzem uma média de 25 palavras diferentes, contra 208 palavras, em 24 meses, e 395, em 30 meses, que é a evidência de uma explosão lexical que começa aos 18 meses. Esse tipo de estudo é muito interessante porque nos mostra a evolução do léxico da criança e a ordem de apresentação das palavras. Como ele foi feito com um grande número de crianças, ele pode fornecer uma descrição do desenvolvimento típico além de uma base de comparação para os estudos clínicos.

## **Interação entre dados espontâneos e estudos experimentais**

Atualmente, os estudos longitudinais e qualitativos são cada vez mais acompanhados por estudos experimentais e a complementaridade entre eles passa a ser mais utilizada (DEMUTH, 2008). Os estudos experimentais observam os momentos de ocorrência de um som, de um elemento ou de uma estrutura no desenvolvimento da linguagem da criança. Eles usam uma grande quantidade de dados e os submetem a uma análise estatística, a fim de alcançar resultados confiáveis e replicáveis que permitam as generalizações (HAARMAN; MORLEY; PARTINGTON, 2002). São, muitas vezes, transversais e comparativos (grandes grupos de crianças de diferentes idades observados em testes padronizados), usam um controle sistemático das variáveis (sexo, idade, tamanho da família, nível de escolaridade da mãe...) e procedimentos padronizados que limitam o tipo de resposta (testes, questionários). Os dados obtidos podem ser comparados aos resultados de outros estudos, ajudando a estabelecer padrões úteis sobre o desenvolvimento típico (aspectos clínicos atípicos) e contribuindo para o acúmulo de

conhecimentos. Enfim, eles possibilitam o estudo de fenômenos raros (morfemas, construções).

No entanto, o aparecimento de um fenômeno não significa sua integração estável à língua da criança. Os estudos experimentais deixam de lado o desenvolvimento ao longo do tempo. Não basta saber quando os itens aparecem, é importante fazer uma observação mais detalhada que vai refletir a integração gradual de um fenômeno específico na linguagem da criança. Limitando-se a uma abordagem quantitativa, corre-se o risco de tratar os dados superficialmente, afinal, desse ponto de vista, apenas os aspectos que mais chamam a atenção em termos de recorrência é que são descritos, apagando-se a singularidade dos resultados (DEL RÉ; HILÁRIO, 2013).

As pesquisas qualitativas permitem descrever como os diferentes aspectos da linguagem são implementados durante o desenvolvimento da mesma. Elas permitem trabalhar em diferentes níveis da estrutura linguística (fonologia, morfologia, léxico), bem como sobre as características do *input* (a linguagem dirigida à criança). Elas também ajudam a esclarecer os processos envolvidos na aquisição da linguagem e podem fornecer informações sobre as diferenças individuais nesses processos (DEMUTH, 2008). Pensamos que, quando se trata de discutir a questão metodológica que envolve os estudos do discurso, pela natureza do objeto, uma abordagem qualitativa impõe-se. Mas, em se tratando dos estudos que envolvem a aquisição da linguagem, ainda que dentro de uma abordagem dialógico-discursiva, é possível pensarmos em uma complementaridade entre pesquisas qualitativas e quantitativas. A abordagem quantitativa nos permite produzir resultados comparáveis a outros estudos, e a qualitativa, recolocar nossos dados no discurso.

A fim de ilustrar essa situação, daremos, a seguir, o exemplo de uma pesquisa em andamento sobre a prosódia e a primeira sintaxe, que usa vários *corpora* da base CHILDES. Aproveitaremos para discutir como conciliar análises quantitativas e qualitativas, e superar os vários problemas que enfrentamos no desenvolvimento de tal pesquisa. Os primeiros resultados serão apresentados rapidamente

e discutidos em relação (i) aos interesses de compartilhar *corpora* por meio de bancos de dados internacionais, como o CHILDES, (ii) aos problemas relacionados à utilização de diferentes ferramentas para as análises (CLAN, PHON, PRAAT), (iii) à seleção dos indicadores para extrair e analisar, e (iv) à conciliação possível entre uma abordagem quantitativa e uma abordagem qualitativa.

### **Problemas de metodologia em uma pesquisa sobre prosódia e primeira sintaxe**

A prosódia é um dos primeiros níveis a se estabelecer no momento da aquisição da linguagem e, por essa razão, pode ser considerada um dos indicadores mais confiáveis do desenvolvimento da criança. Em primeiro lugar, ela pode fornecer padrões de entonação específicos aos bebês para transmitir as suas intenções aos adultos, em contextos específicos de interação. Em seguida, ela pode ajudar a determinar o formato de diferentes níveis de unidades funcionais da linguagem, fornecendo também o formato dessas primeiras unidades, bem antes de sua ocorrência real em produções vocais infantis. No entanto, se a aquisição da entonação e da estrutura rítmica da língua são indicadores mais confiáveis do desenvolvimento da criança, ainda continuam a ser um dos aspectos menos estudados na aquisição de linguagem e, em particular, no período de transição entre a proto-língua (balbucio, proto-língua) e a língua (primeiras palavras e surgimento de sintaxe).

Nosso estudo tem como objetivo demonstrar, em primeiro lugar, a importância da prosódia na transição do período pré-linguístico para o período linguístico e, em segundo lugar, o papel exato da prosódia na emergência das primeiras combinações de palavras e da primeira sintaxe. Mais especificamente, nossa hipótese é que a prosódia poderia fornecer indícios (pausas, acentuação das sílabas, entonação...) para a marcação de relações sintáticas e semânticas, antes da aparição das primeiras palavras gramaticais. Para tanto, começamos a analisar os **dados longitudinais** de 12 crianças monolíngues, entre as idades de 15 e 25 meses, em

três línguas diferentes (4 em francês, 4 em português brasileiro – doravante PB – e 4 em inglês). Essas crianças foram filmadas uma vez por mês, durante uma hora, em situação de interação natural com seus pais. Esses *corpora*, como dissemos anteriormente, fazem parte do banco de dados em aquisição e uma parte deles já pode ser encontrada no CHILDES, como o *corpus* de Paris<sup>4</sup>, em francês, do grupo de pesquisa liderado pela Profa. Dra. Aliyah Morgenstern (Universidade Paris III, Sorbonne Nouvelle) e o *corpus* NIMH de Providence em inglês americano. O *corpus* da equipe brasileira NALingua (CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Alessandra Del Ré (UNESP, Araraquara), em PB, encontra-se em fase final de organização para ser disponibilizado e compartilhado em breve no CHILDES.

## **Transcrição dos dados**

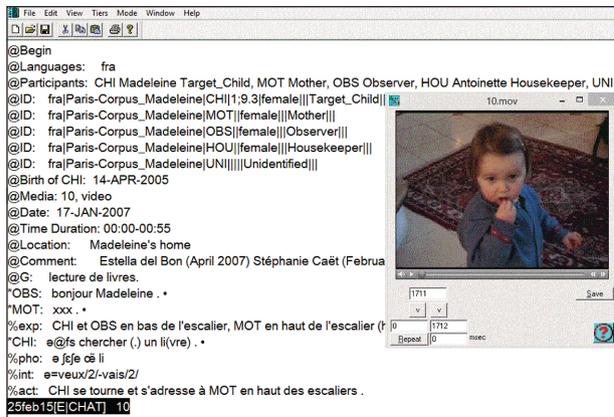
A transcrição dos dados orais é uma etapa essencial na pesquisa: ela fornece os dados secundários que constituem o material de base para as análises. É uma atividade de percepção e de interpretação, de significação (BILGER et al., 1997): o transcritor tem uma influência sobre o que é realmente produzido – ele pode omitir, adicionar, mudar a forma ou a ordem dos itens. Por isso, é necessário verificar a transcrição segundo seus próprios objetivos de pesquisa. O período entre 15 e 25 meses inclui muitos enunciados difíceis de se interpretar, principalmente entre 15 e 20 meses e, portanto, difíceis de serem transcritos. No caso de Madeleine (MAD), uma das criança francesas do *corpus* COLAJE, os enunciados se tornam interpretáveis só a partir de 18-19 meses. Por isso, é necessário usar uma **transcrição fonética**, para evitar o excesso de interpretação, especialmente para transcrever a linguagem das crianças mais novas, com menos de três anos. De fato, a tendência ao se fazer a transcrição ortográfica é segmentar os enunciados em unidades da linguagem adulta.

---

<sup>4</sup> ANR « COLAJE, *Communication Langagière chez le Jeune Enfant* » (<http://colaje.risc.cnrs.fr>) – Aliyah Morgenstern, Paris III-Sorbonne Nouvelle.

Os *corpora* usados em nosso estudo são transcritos com o programa CLAN, usando o formato CHAT, uma ferramenta fornecida no sítio CHILDES (MACWHINNEY; SNOW, 1990). Cada transcrição contém uma linha de transcrição ortográfica das produções completas dos pais e das crianças (\*CHI, \*MOT...) e no caso dos *corpora* COLAJE e NIMH, uma linha de transcrição fonética das produções das crianças (linhas %pho). Todos os eventos e as situações de comunicação são descritas com linhas adicionais (%act para ações, %sit para situações, Figura 1, abaixo).

**Figura 1** – Exemplo de uma transcrição em formato CHAT, com o programa CLAN produzido pela criança MAD aos 21 meses.



Fonte: Programa CLAN.

Os três grupos usam metodologias de transcrição similares (formato CHAT), mas com objetivos e abordagens teóricas diferentes (*corpus* de Paris: aspectos multimodais; NIMH: preenchedores; NALingua: abordagem dialógico-discursiva), o que vai influenciar na transcrição dos dados. Portanto, mesmo que tenhamos um bom conhecimento desses três *corpora* (já participamos desses três grupos de pesquisa), revisamos todas as transcrições utilizadas de acordo com os nossos próprios objetivos de pesquisa. A transição entre os períodos pré-linguístico e linguístico é muito difícil de se transcrever, seja no que se refere ao nível fonético, seja quanto ao nível

ortográfico, e as análises instrumentais ajudam muito nesta tarefa, como mostraremos a seguir.

Nunca devemos perder de vista que as transcrições são apenas dados indiretos que passaram pelo filtro do transcritor, e, portanto, não podem substituir o *corpus* de origem. Por isso, é problemático usar *corpora* já realizados, arquivados em bancos de dados como o CHILDES, sem passar por esta fase de revisão, o que só é possível se o *corpus* também estiver disponibilizado na forma de áudio ou vídeo.

### **Análises sintáticas e prosódicas**

A partir dessas transcrições, foi originalmente planejado extrair automaticamente todos os enunciados que contivessem combinações de duas palavras e rejeitar todas as produções palavra+preenchedor<sup>5</sup>. Ficou claro, a partir de nossas primeiras análises, que os recursos utilizados pelas crianças são tão ricos, que era demasiado simplista nos limitarmos apenas aos enunciados com duas palavras e ignorar os enunciados com preenchedores. A criança não passa gradualmente das holófrases aos enunciados com duas palavras, e em seguida, três palavras etc. A realidade é muito mais complexa. Há também a presença de elementos pré-linguísticos ou proto-linguísticos adicionais (preenchedores, proto-palavras) na produção das crianças e é muito interessante descrevê-los. Optou-se por codificar todos os enunciados produzidos pelas crianças de uma idade determinada. Essa codificação é muito mais abrangente (entre 300 e 500 enunciados por vídeo), mas nos permitirá descrever os vários recursos utilizados por crianças de diferentes idades, e, portanto, compreender melhor a transição entre os níveis pré-linguístico e linguístico.

Essa mudança na metodologia nos levou a utilizar um outro programa, mais adequado que o CLAN para estudar a prosódia e a fonologia. O programa PHON (ROSE et al., 2006; ROSE;

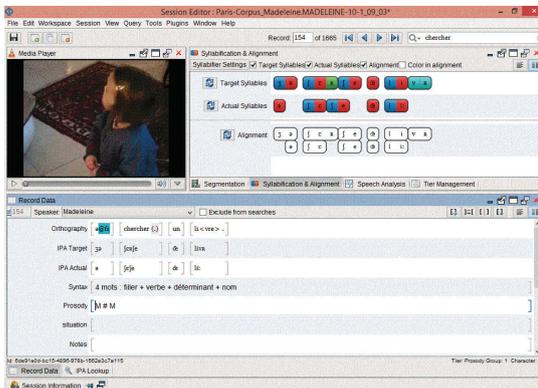
---

<sup>5</sup> Um “preenchedor” (*filler*, em inglês) é uma vogal ou uma sílaba que substitui um artigo, um pronome demonstrativo ou uma preposição antes de um verbo (“a *bébé*” por “*le bébé*”, por exemplo).

MACWHINNEY, 2014), fornece uma melhor interface entre a transcrição e o nível fonológico, permitindo a segmentação das diferentes unidades (enunciados, palavras, sílabas). Ele também oferece a possibilidade de realizar anotações fonéticas automáticas das produções alvo e de compará-las às produções reais da criança (ver Figura 2).

Todas as transcrições utilizadas para a nossa pesquisa foram convertidas do formato CLAN para o formato PHON, para facilitar a codificação das produções das crianças. Para cada enunciado, adicionamos duas linhas de código: uma linha “sintaxe” e uma linha “prosódia”. A linha “sintaxe” inclui as seguintes codificações: Preenchedor + proto-palavra, Preenchedor + palavra (nome, verbo, adjetivo, advérbio...), vários preenchedores + palavras<sup>6</sup> proto-palavras, uma palavra (nome, verbo, adjetivo, advérbio...), duas palavras, três palavras, etc., mista (enunciados com proto-palavras e palavras), onomatopéias, enunciados não analisados, excluídos da análise (não verbais, incompreensíveis).

**Figura 2** – Exemplo da mesma transcrição da figura 1, visualizado com o programa PHON, com a segmentação e a silabificação desse enunciado (acima).



**Fonte:** Programa PHON.

<sup>6</sup> Exemplo: [œ] [not] [œ] [koʃ] - Preenchedor + Adjetivo + Preenchedor + Nome

Na linha prosódica, os contornos de entonação são codificados por um músico treinado (a autora desse artigo). Nesse caso, essa análise consiste em categorizar a configuração global do contorno de entonação de cada enunciado em cinco grandes classes, seguindo a classificação desenvolvida por D'Odorico, Fasolo, Marchione (2009): contornos simples e unidirecional (A: ascendente, D: descendente, P: plano), contornos com uma inflexão só (AD ou DA), com duas inflexões (ADA ou DAD), com mais de duas inflexões (ADAD, DADA, ADADA, etc.) e contornos não determinados. Esses padrões de entonação se baseiam no número de inflexões e direção da curva melódica. Esse tipo de análise permite codificar rapidamente todos os enunciados produzidos pelas crianças.

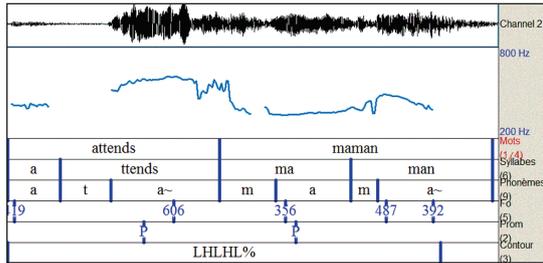
### **Análises acústicas**

As análises acústicas se restringem a um número mais limitado de enunciados, os enunciados com duas e três palavras. Elas nos permitem estudar a distribuição dos diferentes sinais prosódicos (duração de pausas, tipo de contorno de entonação, distribuição das proeminências e duração das várias unidades, incluindo sílabas) em enunciados com 2 e 3 palavras. Essas produções são extraídas do *corpus* inicial e importadas para o programa de análise acústica e fonética, Praat (BOERSMA; WEENINK, 2009), com uma frequência de amostragem de 44,1 kHz. A frequência fundamental (F0) é calculada usando uma técnica de autocorrelação (BOERSMA, 1993) e pós-processada com o Praat (remoção de saltos de oitava, alisamento, interpolação). Cada produção é anotada de acordo com: 1) suas palavras, 2) sílabas, 3) fonemas (transcrição em SAMPA<sup>7</sup>), 4) as inflexões de seu contorno de frequência fundamental (em Hertz), 5) suas proeminências e 6) a codificação da entonação (Figura 3).

---

<sup>7</sup> SAMPA (Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet), <<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/sampa/>>

**Figura 3** – Visualização da evolução da frequência fundamental em função do tempo (acima, linha azul) e das diversas anotações (abaixo) de uma produção de MAD (21 meses).



**Fonte:** Programa Praat.

Ao contrário da codificação da entonação feita no programa PHON, a codificação da entonação dos enunciados com duas e três palavras é baseada em uma análise acústica detalhada. Esse tipo de análise mostra a complexidade da prosódia em suas variações temporais e é difícil escolher um sistema de transcrição adaptado aos enunciados das crianças pequenas. Existem muitos sistemas de transcrição para reduzir a quantidade de informação fornecida pelas representações acústicas e aproximar a percepção dos fatores prosódicos. Os mais comuns incluem ToBI que se baseia em uma teoria fonológica subjacente, a teoria métrica auto-segmental, IVTS, que, por sua vez, se baseia também na teoria métrica auto-segmental, INTSINT, a qual opera através de reduções matemáticas da curva melódica, ou ainda o PROSOGRAM, que detecta valores perceptivos dos marcadores prosódicos em função de sua duração e da importância dos glissandos<sup>8</sup>. O grande problema é que todos os modelos de descrição da prosódia em que se baseiam esses sistemas de transcrição são desenvolvidos para adultos.

Nossas análises incluem enunciados pré-sintáticos que procuramos descrever. É problemático aplicar um modelo que foi criado para descrever uma língua madura, adulta. Além disso, com

<sup>8</sup> Um glissando é uma passagem suave de uma altura a outra, num movimento ascendente ou descendente.

esses modelos, os dados acústicos são transcritos e transformados por processos mais ou menos relacionados ao uso linguístico dos mesmos (por ToBI, a habilidade do transcritor é orientada). Então, como vemos, ainda é necessário criar um sistema de codificação simbólica verdadeiramente adequado para as características prosódicas da fala das crianças pequenas.

## **Análise dos dados**

Uma vez que os problemas de transcrição forem superados, uma outra questão a ser resolvida é a escolha do tipo de análise desses dados. Para a pesquisa que aqui relatamos, escolhemos fazer, em primeiro lugar, uma análise quantitativa, que vai permitir estudar as fases de evolução da sintaxe para cada criança e permitir uma comparação com outras crianças. Em segundo lugar, usamos uma análise qualitativa para descrever os detalhes das primeiras estruturas sintáticas e sua organização prosódica. Para ilustrar esses dois tipos de análises, vamos utilizar nesse artigo os dados de MAD, uma das crianças francesas do *corpus* COLAJE. Selecionamos dois vídeos, de uma hora cada um, aos 19 e 21 meses, bem no início da produção das primeiras combinações de palavras. 358 enunciados foram codificados aos 19 meses e 478, aos 21 meses, totalizando 686 enunciados (Tabela 1).

**Tabela 1** – Número de enunciados codificados por Mad, aos 19 e 21 meses (segunda coluna), número de enunciados produzidos por todos os participantes (terceira coluna) e porcentagem de enunciados codificados no vídeo (última coluna).

<b>MAD</b>	<b>Enunciados cofidicados</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
<b>19 meses</b>	358	1318	27,16
<b>21 meses</b>	478	1664	28,72
<b>TOTAL</b>	<b>836</b>	<b>2982</b>	<b>28,03</b>

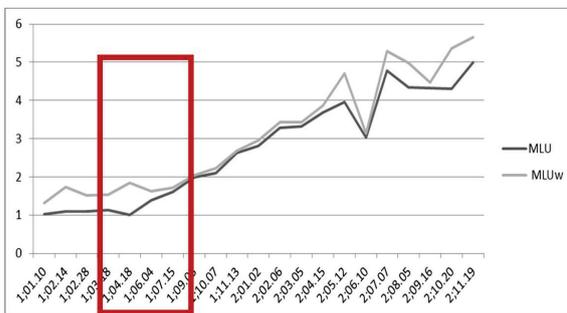
**Fonte:** Elaboração própria.

## Análise quantitativa

Quando estudamos o desenvolvimento sintático de uma criança, uma das medidas mais comum é a EME, que corresponde ao número médio de palavras ou morfemas que compõem os enunciados da criança (BROWN, 1973). É considerado como um «indicador bruto», mas bastante eficaz do desenvolvimento gramatical das crianças. Ele pode dar uma ideia ampla desse desenvolvimento e pode ser usado só como uma primeira aproximação do mesmo. Apesar dessa última limitação, a EME permite comparar várias crianças de acordo com seu grau de desenvolvimento da linguagem e não de acordo com sua idade. Ele ajuda a neutralizar o problema da variabilidade individual, que representa um grande problema em aquisição.

Na figura 4, podemos ver a evolução da EME de MAD entre 13 e 35 meses. Podemos observar que a EME de MAD começa subir aos 19 meses (1;7). Nossos dois vídeos correspondem às primeiras combinações de palavras, bem no início da sintaxe. De acordo com a evolução da EME nesse gráfico, o desenvolvimento de MAD parece muito regular.

**Figura 4** – Evolução da EME (MLU e MLUw) de MAD, entre as idades de 1;01 (13 meses) e 2;11 (35 meses).

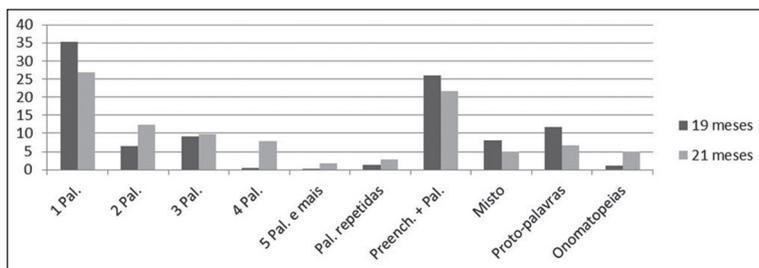


**Fonte:** Dados da pesquisa.

Mas se observarmos a distribuição dos diferentes enunciados em termos de estrutura sintática (Figura 5), perceberemos que

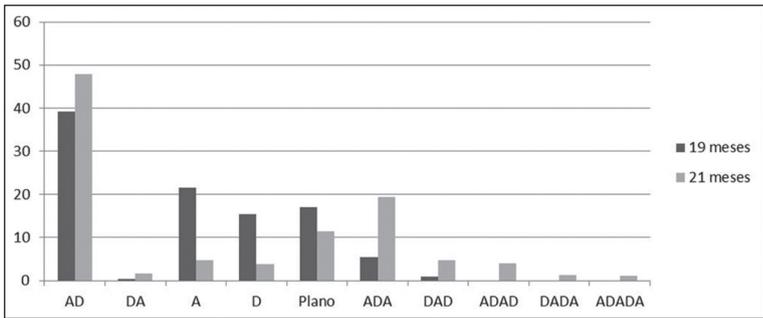
a realidade é muito mais complexa do que revela a EME, e os recursos usados por MAD, muito mais ricos. No gráfico a seguir, podemos notar que aos 19 meses (colunas em cinza escuro), os enunciados mais comuns são os seguintes: enunciado com 1 palavra (35%), enunciados com preenchedor e palavra (25,9%) e proto-palavras (11,7%). Ao mesmo tempo, há enunciados com 2 palavras (6,4%) e 3 palavras (9,2%). É interessante notar que ela produz enunciados mistos mesclando proto-palavras e palavras (8,1%). Aos 21 meses (colunas em cinza claro), podemos notar uma diminuição da proporção dos enunciados com 1 palavra (26,7 %) e preenchedor + palavra (21,7%), mas um aumento dos enunciados com 2 palavras (12,3%), 3 palavras (9,8%) e 4 palavras (7,7%). Há até mesmo enunciados com 5, 6 ou 7 palavras! Essa criança é capaz de produzir enunciados de vários tamanhos e, ao mesmo tempo, continua a usar elementos pré-linguísticos, como as proto-palavras. Esses resultados preliminares mostram uma diversidade dos recursos utilizados pela criança na entrada na sintaxe. Ela não passa gradualmente das holófrases aos enunciados com duas palavras, e em seguida, três palavras etc. Ao contrário, ela usa enunciados de vários tamanhos ao mesmo tempo e mistura preenchedores, proto-palavras e palavras. Assim, a realidade é muito mais complexa que descrita tradicionalmente e é necessário descrever em detalhes esses diferentes tipos de recursos.

**Figura 5** – Repartição das diferentes categorias dos enunciados produzidos por MAD aos 19 e 21 meses (com pal. por palavra).



**Fonte:** Dados da pesquisa.

**Figura 6** – Tipos de contornos de entonação produzidos por MAD aos 19 e 21 meses para todos os enunciados.



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Se olharmos o tipo de contornos de entonação utilizados por MAD (Figura 6), podemos ver que nas duas idades o contorno AD é o mais frequente e sua proporção aumenta (39 % aos 19 meses e 48% aos 21 meses). Aos 19 meses, MAD usa principalmente contornos de entonação de configuração simples (A, D, Plano). A situação muda aos 20 meses: a proporção dos contornos ADA aumenta (de 5 a 19%), bem como a proporção dos contornos mais complexos (DAD, ADAD, DADA...), com mais inflexões. Ocorre uma mudança na configuração entonativa entre 19 e 21 meses, que acompanha a complexificação sintática dos enunciados. O aumento da complexidade sintática dos enunciados é acompanhado também de uma maior complexidade entonativa, o que é consistente com a literatura sobre o tema. De fato, Snow e Balog (2002) também mostraram uma mudança dos contornos de entonação na ocorrência de enunciados com várias palavras.

### Análise qualitativa

Lançando mão de uma abordagem quantitativa, até agora tratamos dos dados de um ponto de vista mais amplo. Mas, à partir de agora, iremos aos detalhes adicionando um olhar qualitativo aos enunciados de MAD e à estrutura sintática deles. Queremos mostrar a riqueza desse tipo de análise e de que forma ela se comple-

menta às análises quantitativas apresentadas anteriormente. O problema imposto pelas análises qualitativas, conforme havíamos dito, é que demandam mais tempo para serem realizadas, por essa razão para este artigo, vamos nos limitar apenas a algumas observações sobre a organização sintática e prosódica dos enunciados com duas palavras, produzidos por MAD aos 19 meses.

Aos 19 meses, nesses enunciados com duas palavras, MAD respeita a ordem das palavras da língua adulta. A estrutura mais frequente é a do tipo Verbo + Nome (“*Ouvre porte*” por exemplo, em 13 de 20 enunciados). Outras estruturas menos frequentes são usadas, do tipo Advérbio + Advérbio (“*Par là*”), Determinante + Nome (“*Un pied*”), Adjetivo + Nome (“*Petit poussin*”) ou Pronome + Verbo (“*On ouvre*”). Como se pode ver, podemos encontrar vários tipos de enunciados, mas em todos, o uso da prosódia já está bem desenvolvido. Assim, nos enunciados do tipo Determinante + Nome, Adjetivo + Nome, Pronome + Verbo ou Verbo + Nome, há uma grande coesão prosódica entre as palavras: um contorno de entonação único, uma proeminência final junto a um alongamento final na última palavra. Este último fator é muito importante porque corresponde ao acento de fim de grupo em francês, o qual é definido por um alongamento da sílaba final, que a criança estabelece entre 13 e 16 meses (KONOPCZYNSKI, 1990). MAD opera espontaneamente um agrupamento dos constituintes em um único grupo prosódico. Essa coesão prosódica reforça a coesão sintática e semântica dentro do grupo. Ao contrário, há enunciados em que a criança marca, prosodicamente, a individualidade de cada palavra, do tipo “*Attends, maman*”. Nessas sequências, as duas palavras são produzidas com dois contornos distintos e um alongamento final, além de uma proeminência no final de cada palavra. Em alguns enunciados como “*S’asseoir # maman*”, ela adiciona uma pausa, o que aumenta ainda mais a separação entre as duas palavras. Nesse exemplo, a duração da pausa é de 680 ms, medida que vai além do limiar temporal fixado por Branigan (1979, 400 ms) e Veneziano, Sinclair e Berthoud (1990, 500 ms). Essas duas palavras, então, não fariam parte da mesma unidade. Portanto, MAD usa sinais prosódicos (alongamento silábico, proeminência, tipo de contor-

no de entonação e pausa) para marcar a coesão ou não entre duas palavras consecutivas. O que é muito surpreendente é que o uso por MAD dos diferentes índices (pausas, contornos de entonação, alongamento silábicos, proeminências) já está muito desenvolvido desde 19 meses. Estes resultados preliminares são de fato interessantes. São coerentes com nossa hipótese de que a prosódia poderia fornecer um marcador “sintático” das relações entre as palavras, na ausência de palavras gramaticais, durante as primeiras combinações de palavras.

## **Conclusão**

A partir desses dados, o objetivo foi descrever a influência da estrutura prosódica sobre o aparecimento da primeira sintaxe e da sua estabilização. Esses dados serão depois comparados com os dados das outras crianças monolíngues em português e inglês. Esperamos que este estudo possa servir de base para a descrição do desenvolvimento prosódico e morfológico por crianças sem desvios de linguagem, em francês, inglês e português. Essa base irá estabelecer uma cronologia das fases de desenvolvimento, incluindo a aquisição da linguagem em três línguas. Essa cronologia vai levar em conta as variações individuais das crianças, mas também fornecer parâmetros de comparação que permitirão a identificação precoce dos distúrbios de linguagem.

Optamos por realizar, em primeiro lugar, uma análise quantitativa que vai permitir estudar as fases de evolução da sintaxe por cada criança (e permitir uma comparação com outras crianças mais tarde). Em segundo lugar, usamos uma análise qualitativa, para descrever os detalhes das primeiras estruturas sintáticas e a organização prosódica delas. As análises quantitativas têm por objetivo a descrição das diferentes fases de desenvolvimento, enquanto as análises qualitativas centram-se na descrição do processo de aquisição. Com já vimos, é possível haver uma complementaridade entre elas (DEMUTH, 2008) e é importante cruzar os resultados de várias fontes. Acreditamos, em concordância com Bornstein e Haynes (1998, p.654), que «[...] cada aborda-

gem contribui de forma única e confiável ao retrato que se pode fazer do desenvolvimento da linguagem nas crianças, mas cada abordagem usa também uma perspectiva diferente com as suas próprias limitações e implicações.»

## REFERÊNCIAS

BASSANO, D. et al. Le DLPF: un nouvel outil pour l'évaluation du développement du langage de production en français. **Enfance**, Evry, v.57, n.2, p.171-208, 2005.

BILGER, M. et al. Transcription de l'oral et interprétation : illustrations de quelques difficultés. **Recherches sur le Français Parlé**, Montpellier, n.14, p.55-85, 1997.

BLOOM, L. **One word at a time**. The Hague: Mouton, 1973.

\_\_\_\_\_. **Language development: form and function in emerging grammars**. Cambridge: MIT, 1970.

BOERSMA, P. Accurate short-term analysis of the fundamental frequency and the harmonics-to-noise ratio of a sampled sound. **Proceedings of the Institute of Phonetic Sciences**, Amsterdam, n.17, p.97-110, 1993.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer**. Version 5.1.05. Amsterdam: [s.n.], 2009. Disponível em: <[http:// www.praat.org/](http://www.praat.org/)>. Acesso em: 1 jan. 2011.

BORNSTEIN, M. H.; HAYNES, O. M. Vocabulary competence in early childhood: measurement, latent construct and predictive validity. **Child Development**, Chicago, n.69, p.654-671, 1998.

BRANIGAN, G. Some reasons why successive single word utterances are not. **Journal of Child Language**, Cambridge, n.6, p.411-21, 1979.

BROWN, R. **A first language:** the early stages. Cambridge: Harvard University Press, 1973.

CANUT, C.; VERTICALIER, M. Des données représentatives... de quoi, en acquisition du langage? Constitution de données à observer et objectifs d'analyse. **Verbum**, Nancy, p.150-154, 2010.

COOLEY, C. H. A Study of the early use of self-words by a child. **Psychological Review**, Washington, v.15, n.6, p.339-357, 1908.

DARWIN, C. A biographical sketch of an infant. **Mind**, Oxford, n.2, p.285-294, 1877.

DEL RÉ, A.; HILARIO, R. N. Limites e contribuições do uso da EME para pesquisas de cunho qualitativo na aquisição do PB. **Prolíngua**, João Pessoa, v.8, n.2, p.121-144, jul./dez. 2013.

DEMUTH, K. Exploiting corpora for language acquisition research. In: BEHRENS, H. (Org.). **Corpora in language acquisition research:** history, methods, perspectives. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p.199-205.

D'ODORICO, L.; FASOLO, M.; MARCHIONE, D. The prosody of early multi-word speech: word order and its intonational realization in the speech of Italian children. **Enfance**, Evry, n.61, n.3, p.317-327, 2009.

FENSON, L. et al. **MacArthur communicative development inventories:** user's guide and technical manual. San Diego: Singular Publishing Group, 1993.

GRAMMONT, M. **Mélanges linguistiques offerts à M. Antoine Meillet.** Paris: Klincksieck, 1902.

GREGOIRE A. **L'apprentissage du langage:** les deux premières années. Paris: Droz, 1937.

HAARMAN, L.; MORLEY, L.; PARTINGTON, A. Habeas corpus: methodological reflections on the creation and use of a specialised corpus. In: CAGLIARDI, C. (Org.). **Quantity and quality in English linguistic research**: some issues. Pescara: Libreria dell'Università Editrice, 2002. p.55-119.

INGRAM, D. **First language acquisition**: method, description and explanation. New York: Cambridge Press University, 1989.

INGRAM, D.; LENORMAND, M. T. A diary study on the acquisition of middle French: a preliminary report on the early language acquisition of Louis XIII. In: BOSTON UNIVERSITY CONFERENCE ON LANGUAGE ACQUISITION, 20.,1995, Boston. **Proceedings...** Boston: Boston University, 1995. p.352-363.

KERN, S. **Inventaire Français du développement communicatif chez le nourrisson**: mots et gestes. Lyon: Institut des Sciences de l'Homme, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Inventaire Français du développement communicatif chez le nourrisson**: mots et phrases. Lyon: Institut des Sciences de l'Homme, 1999b.

KONOPCZYNSKI, G. **Le langage émergent I**: caractéristiques rythmiques. Hambourg: Buske Verlag, 1990.

LEOPOLD, W. **Speech development of a bilingual child**. Evanston: Northwestern University Press, 1939-1949. 3v .

MACWHINNEY, B.; SNOW, C. E. The child language data exchange system: an update. **Journal of Child Language**, Cambridge, n.17, p.457-472, 1990.

MORGENSTERN, A. **L'enfant dans la langue**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2009.

PARISSE, C.; MORGENTERN, A. Transcrire et analyser les corpus d'interactions adulte- enfant. In: BERNICOT, J. et al.

(Org.). **Interactions verbales et acquisition du langage**. Paris: l'Harmattan, 2010. p.201-222.

PREYER, W. **Die seele des kindes**: beobachtungen über die geistige entwicklung des menschen in den ersten lebensjahren. Leipzig: Grieben, 1882.

ROSE, Y. et al. Introducing phon: a software solution for the study of phonological acquisition. In: BOSTON UNIVERSITY CONFERENCE ON LANGUAGE DEVELOPMENT, 30, 2006, Somerville. **Proceedings...** Somerville: Cascadilla Press, 2006. p.489-500.

ROSE, Y.; MACWHINNEY, B. The phonbank project: Data and software-ssisted methods for the study of phonology and phonological development. In: DURAND, J.; GUT, U.; KRISTOFFERSEN, G. (Org.). **Handbook of corpus phonology**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.380-401.

ROUX, G. **Prélinguistique et linguistique dans la période des premiers mots**: approches historique, épistémologique et expérimentale. 2013. 389f. Thèse (Doctorat en Sciences du Langage) – Universidade Paul Valéry, Montpellier 3, Montpellier, França, 2013.

SMITH, M. An investigation of the development of the sentence and the extent of vocabulary in young children. **University of Iowa Studies in Child Welfare**, Iowa, v.3, n.5, p.92, 1926.

SNOW, D.; BALOG, H. L. Do children produce the melody before the words? a review of developmental intonation research. **Lingua**, Amsterdam, n.112, p.1025-1025, 2002.

STERN, W.; STERN, C. **Le langage de l'enfant**: une etude psychologique et linguistique. Paris: Universite de la Sorbonne Nouvelle, 1907.

TAINÉ, H. Notes sur l'acquisition du langage chez les enfants et dans l'espèce humaine. **Revue Philosophique de la France et de l'Étranger**, Paris, n.1, p.5-23, 1876.

THEAKSTON, A. L. et al. The role of performance limitations in the acquisition of verb-argument structure: an alternative account. **Journal of Child Language**, Cambridge, n.28, p.127-152, 2001.

TEMPLIN, M. C. **Certain language skills in children, their development and interrelationships**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1957. (Institute of Child Welfare, Monograph Series, n.26).

TOMASELLO, M.; STAHL, D. Sampling childrens spontaneous speech: how much is enough? **Journal of Child Language**, Cambridge, n.31, v.1, p.101-121, 2004.

VENEZIANO, E.; SINCLAIR, H.; BERTHOUD, I. From one word to two words: repetition patterns on the way to grammatical morphology. **Journal of Child Language**, Cambridge, n.17, p.61-82, 1990.

WATSON, J. B. **Behavior**: an introduction to comparative psychology. New York: H. Holt, 1914.



# OPÇÕES E SOLUÇÕES METODOLÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DO DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL – SÉCULOS XVI, XVII E XVIII

**Clotilde de Almeida Azevedo MURAKAWA**

## **Introdução**

O dicionário, como é sabido, “[...] é uma obra de consulta que consiste numa descrição atomística do léxico.” (PORTO DAPENA, 2002, p.42). Segundo o autor da citação, o dicionário é determinado por 4 fatores: 1) o número e a extensão de suas entradas ou lemas; 2) o modo de estudá-las; 3) a organização que se dá a elas; 4) o suporte da sua descrição. Estes princípios fundamentais estabelecidos por Porto Dapena, serviram de orientação para que a Prof<sup>a</sup> Maria Tereza Biderman, idealizadora do *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII (DHPB)*, propusesse ao CNPq a construção de um dicionário histórico a partir de uma base textual constituída de documentos sobre o Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII. O DHPB, como passou a ser conhecido, assim idealizado e pertencente à classe dos dicionários históricos, opera no léxico do português um recorte de 3 séculos correspondente ao período do Brasil Colônia.

A partir dessas considerações iniciais, apresentam-se neste texto as opções e soluções metodológicas que foram adotadas para a elaboração do DHPB, sempre tendo por ponto de partida a base textual para ele construída, ancorada nas teorias propostas pela Lexicografia contemporânea.

### **A construção do banco de dados.**

O banco de dados começou a ser construído a partir da “carta de achamento do Brasil”, de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1º de maio de 1500. Este documento em transcrição feita por Jaime Cortesão, em edição de 1943, da Coleção Clássicos e Contemporâneos, foi o que deu início ao banco. A data-limite para a inserção dos textos foi o ano de 1808, quando da vinda da Família Real portuguesa para o Brasil. Foram selecionados documentos dos 3 séculos, reunindo um conjunto representativo de vários gêneros e natureza, a saber: obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram; diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa; cartas de sesmarias; roteiros descritivos da flora e fauna brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Pe. Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram e que tiveram sua correspondência reunida em obras esparsas; obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina; cartas comerciais trocadas entre comerciantes da colônia com outros de Portugal; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; anais de câmaras de diversos municípios brasileiros; documentos cartoriais; autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; estatutos de sociedades; constituições dos bispados do Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração, além da produção literária do barroco e arcadismo no período.

## **Processamento informático dado aos textos.**

Para que o conjunto anterior pudesse ser inserido no banco, houve a necessidade de submeter os textos a um processamento informático, para deixá-los em formato especial para que pudessem ser trabalhados com o auxílio do programa computacional *Philologic* para este fim adaptado. A ordem obedecida foi a seguinte:

- a) escaneamento dos textos e edição das imagens;
- b) organização das pastas onde cada pasta corresponde a uma obra;
- c) a partir da leitura ótica (*Optical Character Recognition – OCR*) correção pelo programa ABBYY Fine Reader, fez-se a transferência das imagens de textos TIFF (*Tagged Image File Format*) para Doc;
- d) inclusão da ficha catalográfica nos textos já corrigidos;
- e) conversão para arquivos texto (TXT);
- f) marcação XML (*eXtensible Markup Language*);
- g) inserção dos textos no programa *Philologic*.

## **Base teórica**

Sobre a base teórica que deu suporte à elaboração do DHPB, relacionam-se, neste artigo, apenas os principais estudos e obras de lexicógrafos de linha francesa e espanhola que auxiliaram na construção de um aparato teórico que permitisse a redação dos verbetes e desse conta de toda a variedade linguística encontrada na base de textos do DHPB. Foram eles: Imbs (1960), Dubois & Dubois (1971), Bosque (1982), Rey-Debove (1984), Porto-Dapena (2002), Garriga Escribano (2003), Castillo Carballo (2003) somando-se a eles os autores que compõem a obra *La Lexicografía – de la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica* (1982), em especial Haensch. A tipologia da definição lexicográfica proposta por I. Bosque (1982) em seu clássico artigo “Sobre la teoria de la defi-

nición lexicográfica” foi a que melhor suporte teórico deu para a redação da definição no DHPB.

Completaram a orientação teórica, as obras lexicográficas produzidas entre os séculos XVIII a XX como: *Vocabulario* de Raphael Bluteau (1712-1728); *Diccionario* de Antonio de Moraes Silva em suas várias edições : 1ª ed.1789; 2ª ed;. 1813; 6ª ed. 1858; 9ª ed. [198-?] e 10ª, de 1949; o *Thesaurus* de Fr. Domingos Vieira (1871-1874); e mais os dicionários etimológicos de Nascentes (1932) e Cunha (1996).

### Opções e soluções metodológicas

Estabelecido o arcabouço teórico a ser empregado na construção dos verbetes, principalmente no que diz respeito à definição lexicográfica, elemento essencial da microestrutura, foram definidas as **informações obrigatórias** e as **facultativas** que integraram o verbete. São informações obrigatórias no DHPB, ou seja, aquelas que devem constar de todos os verbetes: 1) a palavra-entrada ou lema que teve sua grafia de acordo com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), de 2009. A grafia atualizada facilita a consulta no DHPB. Na grande maioria, o banco de dados registrou a grafia do VOLP, mas houve alguns casos em que o banco não a contemplou. Em casos desta natureza, prevaleceu a grafia do VOLP e as grafias registradas no banco de dados foram consideradas variantes; 2) a palavra-entrada veio sempre seguida da classe gramatical substantivo, adjetivo e verbo. Cabe aqui anotar que foram apenas essas classes de palavras objeto de pesquisa no banco de dados do DHPB; 3) todas as acepções ou valores polissêmicos que o lema tem nos diversos contextos do banco, **obrigatoriamente**, vieram acompanhados do contexto com a referência bibliográfica completa; 4) registro da datação, ou seja, documentou-se o texto mais antigo do banco de dados onde a palavra-entrada estava inserida.

Foram consideradas informações facultativas aquelas que ficaram na dependência de estarem ou não registradas no banco: 1) variantes gráficas, morfológicas ou fonéticas integraram ou não o

verbetes. Em caso de o banco registrar, elas foram colocadas logo a seguir ao lema; e foram sempre acompanhadas do contexto; 2) sentido figurado; 3) a palavra-entrada pode integrar uma locução; neste caso a locução foi substantiva, adjetiva, verbal, prepositiva, conjuntiva e adverbial; 4) a palavra-entrada formou com outra um sintagma nominal (substantivo ou adjetivo) ou verbal; neste caso o verbete a registrou-a sob o rótulo de expressão sintagmática; 5) informação enciclopédica; toda vez que uma informação histórica foi interessante para tornar mais clara a definição lexicográfica, ela foi registrada em forma de nota; 6) uso de remissiva quando se fez necessário remeter o leitor a um outro verbete com objetivo de esclarecer uma informação.

Apesar de terem sido estabelecidos princípios fundamentais para a organização dos verbetes, ao longo da busca no banco de dados, algumas outras opções e soluções tiveram de ser tomadas, tendo em vista a relevância da informação em virtude de ser um dicionário histórico.

Os verbetes a seguir exemplificam algumas das soluções adotadas para os casos de homonímia, contexto e definição, datação e fraseologismos, mostrando que a base de textos do DHPB foi a origem de toda a sua construção:<sup>1</sup>

**Homonímia-** para as palavras homônimas – homófonas e homógrafas – foram adotados os 3 critérios estabelecidos pela prática lexicográfica para serem inseridas em entradas separadas: critério etimológico, gramatical ou funcional e semântico. Destes 3 critérios o mais frequente e usual nos dicionários é o etimológico; entretanto o gramatical ou funcional foi muito produtivo e o banco de dados mostrou isso. Vêm a seguir dois exemplos de homonímia funcional:

---

<sup>1</sup> Os exemplos deste artigo foram extraídos do *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (CNPq) [20-].

**melado**<sup>1</sup> *adj.*

variante: mellado.

Untado com mel.

Para enrolar o Tabaco, dobraõ a corda já curada, & **melada**, de comprimento de tres palmos, fobre hũa estaca, naõ muito grossa, & leve, que nas extremidades tem quatro taboinhas em cruz: [...]. ANDRÉ JOÃO ANTONIL (1711) [1711], SEGUNDA PARTE – NA LAVRA DO TABACO [A00\_2579 p.113]<sup>2</sup>.

**1ª. datação [1618]**

A ordem é esta: depois do açúcar limpo e **melado** nas caldeiras, se passa a umas tachas também de cobre, aonde à fôrça de fogo o fazem pôr no ponto necessário para haver de coallhar [...]. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], DIÁLOGO TERCEIRO – EM QUE SE TRATA DAS MERCANCIAS DO AÇÚCAR, PAU, ALGODÃO, MADEIRA [A00\_1583 p.85].

**melado**<sup>2</sup> *s.m.*

Calda grossa e escura feita de cana-de-açúcar que depois de cozida se apura para ir às tachas.

[...] porq. o tempo me não da lugar p.<sup>a</sup> regallos, as seias paço com hum prato de milho cozido em agoa com huma colher de **mellado**, cujo prato lhe dão qua de quangiua [...]. FRAN. co DA CRUZ (1973) [1726], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS [A00\_0437 p.288].

ver: tacha.

**cordial**<sup>1</sup> *adj.*

variante: cordeal.

1. Diz-se do remédio que conforta o coração.

---

<sup>2</sup> A informação bibliográfica traz o autor, data da edição utilizada entre parênteses, data ou século em que o autor escreveu a obra entre colchetes e em negrito, título da obra ou capítulo e numeração do arquivo e página conforme o banco de dados do DHPB.

No que baile de agua cofaó madre perola por eſpaço de meya hora, e depois fe faça em pó, e fe de a beber ao doente eſte pó em qualquer licor de aguas **cordeaes**, ou caldo de gallinha a toda a hora que quizerem. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERſAS ENFERMIDADES [B00\_0031 p.112].

2. Afetuoso, sincero.

[...] e a primeira eſtimação pela ſua admirável eſicácia, mas também a primeira, e maior veneração pela peſſoa, é ãa **cordial** devoção ao venerável Padre Joſé de Anchieta da Companhia de Jeſus, [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA – CAP. 29º – DE ALGUNS ANTÍDOTOS CONTRA A PRAGA DAS COBRAS [A00\_1831 p.190].

#### 1ª. datação [séc. XVIII]

Rendo a V. S. com o mais **cordial** affecto a minha ſincera e conſtante veneração, e eſtimando a feliz diſpoſição em que ſe conserva, deſejo lhe continue com felicidades, e que me dê muitas occaſões de ſervil-o. FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO (1872) [séc. XVIII], RELAÇÃO GEOGRAPHICA HISTORICA DO RIO BRANCO DA AMERICA PORTUGUEZA. COMPOSTA PELO BACHAREL FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO [A00\_0713 p.232].

#### **cordial**<sup>2</sup> *s.m.*

Bebida que reſtaura as forças.

Serve eſte **cordeal**, ou emulſão freſca para onde houver pobreza, ou por neceſſidade de não haver botica, aonde ſe poſſa mandar buſcar, que havendo-a, e querendo-fe mandar buſcar a ella, fe pedirá neſta forma. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E [UAS OBSERVAÇOENS [B00\_0029 p.34].

Nos verbetes **bago** e **cabido** abaixo, tem-se casos de homonímia por etimologia:

**bago**<sup>1</sup> *s.m.*

1. O grão sucoso do cacho de uva ou de qualquer outra fruta. A sua árvore é grande, o seu fruto são cachos, cujos **bagos** são azeitonas miúdas [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA – DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS – TRATADO QUINTO – DO PRINCIPAL TESOURO DO RIO AMAZONAS – CAP. 2º – PROSEGUEM-SE OS MAIS GÊNEROS DO AMAZONAS [A00\_1869 p.391].

2. Qualquer grão miúdo ou esférico.

[...] São saborosos: o mesmo se encontra nos Pulgões do tamanho de hum **bago** de monição. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) [1765], [IX]. NOTICIA DE VARIOS PEIXES1 DE MAR E DE RIOS, Q' SE TEM CONHECIDO NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO, E CIRCUNSTCAS Q' SE TEM DE CADA HUM DELES [A00\_2216 p.196].

**1ª. datação [1587]**

Esta herva dá o fruto em cachos cheios de **bagos**, tamanhos como avelãs, todos cheios de bicos, cada um d'estes bagos tem dentro um grão pardo, [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DAS HERVAS MEDICINAIS (PARTE SEGUNDA – TITULO 7) [A00\_0183 p.233].

**bago**<sup>2</sup> *s.m.*

1. Bastão alto, de extremidade curva, usado pelos bispos como insígnia de sua missão.

[...] lhe pareceu bem, e determinou, trocar o **bago** com a lança, e o roquete com a sáia de malha, e de prelado eclesiástico fazer-se capitão de soldados. PADRE ANTONIO VIEIRA (1925) [1626], ÂNUA DA PROVÍNCIA DO BRASIL (1926) – CARTA I – AO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS – 1626 – SETEMBRO 30 [A00\_0096 p.25].

2. Jurisdição eclesiástica superior.

[...] & fendo avifados fe reveltiraõ có pluviaes o Reverendo Deaõ Presbytero afflitente, oReverendo Arcediago do **Bago**,

& todos os demais Capitulares, excepto os Reverêdos Dignidades, [...]. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], RELAÇAM DA PROCISSAM, & SESSOENS DO SYNODO DIECEFANO, Q SE CELEBROU NA SANTA SÉ METROPOLITANA DA CIDADE DA BAHIA EM 12 DE JUNHO DE DE 1707 [A00\_2467 p.599].

ver: báculo.

### **1ª. datação [1583]**

A esta urgente necessidade lhes acudiu Nosso Senhor com sua misericórdia, por meio de um abbade de **bago**, isento administrador eclesiastico, irmão do nosso padre Dessa, que era como bispo daquela terra [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83, – OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA [A00\_0751 p.180].

**cabido**<sup>1</sup> *s.m.*

variante: cabbido.

Corporação dos clérigos seculares, ou seja, dos cônegos de uma catedral.

A Cópia da Carta que escreveo o **Cabbido** da Sê da Cidade de S. Paulo ao de Marianna, com a occazião deste ultimo, tomar posse das Igrejas descubertos, em que se deduz toda a materia referida das devizões. LUIZ ANTONIO DE SOUZA BOTELHO MOURÃO (1952) [1766], RESUMO DE CARTAS [A00\_1610 p.111].

### **1ª. datação [1555]**

E estamdo isto asy, Francisco de Vacas, chantre que hé no Reyno, fez huma petição ao **Cabido** em como o Bispo nom podia entrar na igreja nem celebrar os officios devinos por estar escomunguado e irregular [...]. D. DUARTE DA COSTA [1555], CARTA DE D. DUARTE DA COSTA GOVERNADOR DO BRASIL A D. JOÃO III REI DE PORTUGAL, SALVADOR [BAÍA] 8 DE ABRIL 1555 [A00\_0015 p.218].

**cabido**<sup>2</sup> *adj.*

Que tem entrada, acolhimento.

[...] remediou-se isto com a industria do padre Reitor, porque acabou com o Governador, que, ao uso de Roma, quizesse aceitar o cargo de protector maior dos cathecumenos com duas pessoas honradas, dizendo-lhe que o Cardeal Crescencio, tao **cabido** com S. Santidade, tivera lá em Roma este officio: [...]. ANTONIO BLAZQUEZ (1885) [1557], CARTA DE ALGUMAS COUSAS QUE IAM EM A NAU QUE SE PERDEU DO BISPO, PARA NOSSO PADRE IGNACIO: COPIADA DO REGISTRO DAS CARTAS JESUITICAS, MS. DA BIBLIOTHECA PUBLICA DO RIO DE JANEIRO: PELO PADRE ANTONIO BLASQUES [A00\_0688 p.236].

## Contexto e definição lexicográfica

Como o DHPB pode ser classificado como um dicionário documental de sincronias passadas, o contexto é elemento essencial para auxiliar na definição ou definições da palavra-entrada, principalmente se ela se referir à flora e à fauna brasileiras, ou a usos e costumes do Brasil colonial. A base de dados do DHPB ofereceu material vastíssimo para a redação da definição a partir dos contextos. Vejam-se os exemplos de contextos que auxiliam na definição:

**Naná** — Esta erva he muito commum, parece-se com erva babosa, e assi tem as folhas, mas não tão grossas e todas em redondo estão cheia de huns bicos muito crueis; no meio desta erva nasce huma fructa como pinha, toda cheia de flôres de varias côres muito formosas, [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR. [A00\_0749 p.41].

**Acuti** — Estas **Acutis** se parecem com os coelhos de Espanha, principalmente nos dentes: a côr é loura, e tira a amarella; são animaes domesticos, e tanto que andão por casa, e vão

fóra, e tornão a ella; quando comem tudo tomão com as mãos [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR. [A00\_0749 p.26].

Os contextos acima, ambos do Pe. Fernão Cardim, mostram as possibilidades que o banco oferece ao redator. Veja-se, a seguir, a expressão sintagmática **sabiá-vermelho** definido com o auxílio do contexto.

### **Sabiá-vermelho**

Sabiá de cor preta, de peito vermelho, que anda em casais e tem canto suave.

O **Sabeá vermelho** assim chamado hé preto pelas costas, o peito encarnado, anda em cazaes, pastão no chão; tem hum canto suave, alegre, e pouco aturado. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) [1765], [VIII] NOTICIA DAS AVES, Q' SE CONHECEM NO BRAZIL, COM A DISTINÇÃO, E CIRCUNSTCAS DE CADA HÚA DELAS [A00\_2215 p.172].

O verbete **mata**, nas expressões sintagmáticas, documenta que informações do contexto podem ser usadas na redação da definição, já que os dicionários não registram tais expressões:

### **Mata brava**

Aquela que não está cultivada; o mesmo que *mata virgem*.

Anil. É a sua planta um arbusto tão abundante, e universal, que é mata, e **mata brava**; porque sem cultivo algum, mas por si mesmo nasce em qualquer parte, especialmente nas terras, onde se colheo maniba, [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA – DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS – TRATADO ÚLTIMO – DAS TINTAS MAIS ESPECIAES DO RIO AMAZONAS – CAP. 1º – DA TINTA AZUL ANIL, E OUTRAS [A00\_1875 p.424].

### **Mata capoeira**

Mata pequena, de pouca extensão.

[...] nem em todas as paragens a mesma abundância mas só em certos tempos do ano, e nas **matas capoeiras**, isto é pequenas. O seu efeito peor é que quando os querem tirar do corpo, por estarem fortemente agarrados, [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA – CAP. 25º – DAS SEVANDIJAS TERRESTRES DO MESMO RIO [A00\_1827 p.172].

### **Mata virgem**

Aquela que ainda não foi desbravada ou explorada pelo homem.

[...] como he o marmeleiro, velame, Broterea velame, e tem-se generalizado tanto este nome, que até chamão hoje catin-ga em algumas partes tudo o que não he vargem, inda que seja cuberto de **mata virgem**: [...]. MANUEL ARRUDA DA CAMARA (1799) [1797], CAPITULO III – DA TERRA MAIS PROPRIA, OU MAIS CONVENIENTE PARA A CULTURA DOS ALGODOEIROS [A00\_2253 p.23].

## **Datação**

Dentre as várias opções metodológicas, a datação teve um tratamento diferenciado. Estabeleceu-se que o contexto mais antigo inserido no banco de dados deveria ser usado como a datação mais antiga, mesmo sendo uma variante da entrada, estando no singular ou plural em se tratando dos substantivos e adjetivos. Entretanto, para a datação dos verbos optou-se por documentar com o infinitivo, já que, muitas vezes, a forma mais antiga era a conjugada (variando tempo, modo e pessoa); e também em virtude de ser impossível percorrer todas as formas conjugadas de um verbo em todos os tempos, modos e pessoas no banco de dados. Abaixo o contexto do verbo **deixar** com a variante **leixar**; a variante **deichar** também foi encontrada mas com data posterior.

**1ª. datação [1500]**

[...] e tamto que aconcrusam foy tomada. Pregumtou mais se seria boo tomar aquy per força huñ par destes homeẽs. Pêra os mandar a vosa alteza e **leixar** aquy por eles outros dous destes degradados. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA [A00\_0335 p.6].

[...]não convem por amor da rezidencia q. de mim se a de tirar q. não tomara sair culpado em couza alguma, e a outra q. tambem portendo dar sastifação de minha peçoa porq. se **deichar** a despozição de hum cacheiro não convem porq. elles fogem quando lhe parece p.<sup>a</sup> os corais e se pação p.<sup>a</sup> a Bahia e os q. vivem nesta terra fazem grandes gastos com a sua pecoa e outros q. os d.<sup>os</sup> fazem no q. furtão . FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS [A00\_0434 p.261].

Ainda com relação à datação ocorreu que o sentido figurado de uma entrada foi o mais antigo como no caso abaixo, no verbete **lima**<sup>1</sup> (ferramenta); neste caso, marcou-se como figurado e a indicação da datação ficou ao final do contexto:

*fig.*

Aperfeiçoamento, apuro, correção.

O comer estaa já [feito, hoc est: a doutrina e o necessario, que se po]de pregar, passado huma [e muytas vezes pola **lima** dos letrados de quá], porque sobre ysto se des[velou assás [...]]. P. ANTÓNIO PIRES (1956) [1560], CARTA DO P. ANTÓNIO PIRES AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL, [ALDEIA DE SANTIAGO] BAÍA 22 DE OUTUBRO 1560 [A00\_0046 p.308-309]. (1ª. datação)

## **Fraseologismos**

Conforme a busca ao banco de dados foi progredindo, percebeu-se a importância e a necessidade de se registrar expressões sintagmáticas e locuções. Num primeiro momento, tal informação não tinha sido levada em conta, mas ao longo da pesquisa, verificou-se que o registro dos fraseologismos era um resgate que se fazia

de formas linguísticas já desusadas, de outras desconhecidas e de tantas outras tão usuais ainda, que fazem pensar que são expressões recentes mas que na verdade já estavam documentadas nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Exemplificam as expressões sintagmáticas verbais do tipo:<sup>3</sup>

► assinar a rogo, pregar no deserto, virar a casaca, chupar o dedo, pagar o pato, fechar os ouvidos, ficar no tinteiro (deixar de realisar algo por esquecimento ou omissão), passar revista, meter alguém na dança (envolver alguém em negócio por meio de fraude), aguentar a bucha, meter a foice em seara alheia, meter-se como piolho em costura, deitar água na fervura, estar na prancha da língua (estar prestes a ser dito), cozinhar gato por lebre ou vender gato por lebre, falar aos cotovelos, fazer das tripas coração, dar couro, meter na cabeça, não fazer bom cabelo (desagradar), doer o cabelo (ter receio de algum mal), estar muito ao cabo (estar próximo da morte), dar jus a, criar corpo, furtar o corpo.

Os exemplos, a seguir, fazem parte dos verbetes **rogo**, **deserto**, **foice**, e **gato**:

#### **Assinar a rogo**

Assinar no lugar de alguém que não sabe ler ou escrever.

[...] **asino a rogo** de minha filha Dom simão de toledo d frano de Rendon pizza de quevedo termo dos avaliadores [...]. MARIA DA SILVA [1654], INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654) [A00\_0757 p.264].

#### **Pregar no deserto**

Falar em vão; não ser atendido pelas pessoas a quem se dirige. Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé **pregar em deserto** ha pedras.

---

<sup>3</sup> O significado de algumas expressões foi colocado entre parênteses em virtude de já estarem em desuso.

P. MANUEL DA NÓBREGA (1956) [**séc. XVI**], DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIL DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA [BAÍA 1556 – 1557] [A00\_0022 p.320].

### **Meter a foice em seara alheia**

Intrrometer-se em algo.

Tudo o que tenho dito, não he por **meter a fouce na feara alheya**, mas sim he para remediar alguns enfermos, que vivem metidos pelos matos das Minas, aonde nao he possível chegar Medico, nem Cirurgiaõ perito. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [**1735**], DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS [B00\_0029 p.54].

### **Cozinhar gato por lebre**

Enganar-se.

[...] porque muitas vezes se aplicam nas ocasiões ãas por outras com notável damno dos enfermos, os quaes se deviam acautelar nos herbulários, fazendo especial estudo em declarar os diversos nomes, que tem em diversas regiões as ervas, e plantas, de que tratam, para que não se **cozinhe gato por lebre**. PE. JOÃO DANIEL (1976) [**1757**], PARTE TERCEIRA – DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS – TRATADO TERCEIRO – DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA – CAP. 6º – DE ALGUMAS ERVAS MAIS NOTÁVEIS DO AMAZONAS [A00\_1866 p.375].

### **Vender gato por lebre**

Dar uma coisa por outra de modo fraudulento.

[...] e a repartio dando ao Rio Real 14 pessoas q. trouse a esta, o na verde que me da em que entender as compras q. VM. fazem nessa deixando sse enganar de qm **vende gato por lebre** como vi na Rabeca q. tinha os ossos mais galeiados q. os meus; [...]. B.ar ALVREZ DE ARAUJO (1973) [**1716**], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-BAHIA [A00\_0420 p.71].

Algumas das expressões sintagmáticas nominais selecionadas, a seguir, ainda estão em uso; entretanto os contextos confirmam a sua existência em séculos anteriores:

► **camisa de onze varas**, **carta de marear**, **carta de sangrar**, **pé de boi** (homem prudente, seguro), **roupa de franceses** (coisa comum ou que não tem dono), **roupa branca**, **roupa de cama**, **pé de moleque** (doce feito a base de farinha de milho, melado e amendoim), **moleque de assentar** (pau grosso que serve de rasoura para igualar o açúcar dentro das caixas, nos engenhos de açúcar), **moleque de quebrar** (utensílio semelhante a uma pá usado para quebrar os pães nos engenhos de açúcar), **coroa de areia** (aglomeração de areias acima do nível das águas), **grosso de gente**, etc.

Os exemplos, a seguir, integram os verbetes **camisa**, **carta** e **grosso**:

#### **Camisa de onze varas**

Situação muito embaraçosa; grande dificuldade.

Pobre tonto, Quem te mete em **camisas de onze varas!** Tu só podes cantar em coxos versos, E ao som da má rabeça, com que atroas Os feitos de teu Amo, e os seus Despachos. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000) [1789], CARTA 1a [A00\_1213 p.55].

#### **Carta de marear**

Mapa em que se marca diariamente a posição do navio, tomando a latitude e a longitude.

[...] os mappas abreviados em **cartas de marear** deve-os o mundo á invenção dos portuguezes; as nações estrangeiras o reconhecem e nol-o confessou um sabio geographico genovez. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1772], VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (CONTINUAÇÃO DO TRIMESTRE ANTERCEDENTE) [A00\_0742 p.182].

#### **Carta de sangrar**

Documento que autoriza a se lançar sanguessugas e ventosas em pessoas doentes.

E tomou o juramento na forma da mesma carta dentro dos três meses. Cristóvão Machado de Miranda, escrivão da Câmara, escrevi **carta de sangrar**, primeira apresentada e registrada em Guimarães. 4 de dezembro de mil setecentos e cinqüenta. Gomes. Cumpra-se e registre-se, Mariana, em Câmara de quinze de novembro de mil setecentos e sessenta. FRANCISCO TEIXEIRA TOMES (2004) [1761], II – TRANSCRIÇÕES COMENTADAS – REGISTRO DE UMA CARTA DE EXAMES DE SANGRAR, LANÇAR VENTOSAS E SANGUESSUGAS DE MANUEL DE SOUSA [A00\_0798 p.143].

### **Grosso de gente**

Número copioso de pessoas.

[...] veyo auizo pellas sentinellas do Sargento mór Antonio Dias Cardoso, que o inimigo tinha occupado o dito posto, & o estaua fortificando cõ **grosso de gente**; [...]. desconhecido (1899) [1653], BREVE | RELAÇAM | DOS VLTIMOS | SVCESSOS DA GVERRA | DO BRASIL, RESTITUIÇÃO DA CIDADE MAU- | RICIA, FORTALEZAS DO RECIFE DE PER- | NAMBUCO, & MAIS PRAÇAS QUE OS | OLANDESES OCCUPAUAÓ NA- | QUELLE ESTADO [A00\_1127 p.171].

Integram também a informação linguística dos verbetes as locuções prepositivas, conjuntivas e adverbiais:

► pelos cabelos, com unhas e dentes, de corrida, a queima roupa, a olho, com olho sobre o ombro (com desprezo), a olhos vistos, de mão em mão, fora de mão, por mão de, de mão armada, com mão larga, a mão, em coro, a coros (alternadamente), ao cabo de (no fim ou ao término), ao cabo (no fim), de permeio, de cor, (cor da pele –1801) e de cor (de memória- 1557). Nesta última, houve a necessidade de se abrir uma entrada, onde apenas aparece a locução, já que a palavra **cor**, significando memória, só aparece nesta locução, o mesmo ocorrendo com **de permeio**.

Vejam-se algumas das locuções, a seguir, que estão nos verbetes **cabelo**, **unha** e **olho**:

### **Pelos cabelos**

À custa de trabalho ou sacrifício.

Gastar as noites com Dalila, e de dia ser Samsão, ainda que seja levar a victoria **pelos cabellos**, só por milagre será possível. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1638], SERMÃO DA SANTA CRUZ [A00\_0927 p.12].

### **A unhas de cavalo**

A toda pressa, apressadamente.

[...] e ficava de posse de tudo o d.o M.el Nogr.a que tambem nesta fez hua morte que ezcapou a **unhas de cavalo**; e não sei se era melhor hirem os bens aos auz.tes q. sirva de avizo a VM. pera seu governo [...]. B.ar ALZ DE ARAUJO (1973) [1717], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-BAHIA [A00\_0422 p.77-78].

### **Com unhas e dentes**

Ferozmente; de todas as formas possíveis; com todos os recursos, com todas as forças.

[...] porque a fera surgindo acima investe com tal fúria, que para lhe escapar é preciso remar para terra **com unhas, e dentes**; porque como a fera é de monstruosa grandeza demanda ágoa muito funda para poder nadar [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA – CAP. 28º – DAS COBRAS DO AMAZONAS [A00\_1830 p.189].

### **A olho**

Sem peso nem medida; a esmo.

[...] o contrato alto fazem o regimento caro em prejuízo do povo, como é: de marcar somente uma balança e marco uma oitava e meia e de revista uma oitava e de tirar **a olho** a balança uma oitava, fazendo mais milagres que santa Luzia, [...]. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1749], 32 – CÓPIA DO QUE O POVO DAS MINAS, AMOTINADO, PEDIU AO SENHOR GENERAL [A00\_0972 p.373].

### **A olhos vistos**

Claramente; a maneira que todos veem.

[...] amansou a furia do vento e mar, que **a olhos vistos** de hum bocado nos queria engulir; e tomando o vento en popa derão volta e fomos tomar a Capitania dos Ilheos, que

hé abaixo da Baya 30 legoas, [...]. P. RUI PEREIRA (1956) [1561], CARTA DO P. RUI PEREIRA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL, PERNAMBUCO 6 DE ABRIL 1561 [A00\_0047 p.326].

## **Consideração final**

Nestas linhas finais, dando fecho a este artigo, deve-se destacar o resultado obtido com a conclusão do DHPB. Construído seguindo uma prática lexicográfica das mais atuais, utilizando recursos da Linguística de *corpus*, o DHPB deve ser visto como uma obra original que recupera documentos de 3 séculos da vida colonial brasileira na construção de seu banco de dados. A partir desta base de textos com 7.492.472 ocorrências, extraídas de 23.858 páginas de documentos escaneados, o DHPB apresenta uma nomenclatura de 10.470 verbetes em 11.051 páginas, reunidos em 19 volumes, em A4, e em formato PDF, com 3 cores destacando os pontos importantes da redação do verbete.

Muito embora ainda necessite de uma nova revisão mais acurada, corrigindo alguns erros ou enganos cometidos, tem-se plena convicção de que o DHPB irá servir de modelo para a construção de outras obras lexicográficas que busquem registrar uma língua num período de tempo determinado, a partir de documentos relativos à época escolhida. No caso do DHPB, o léxico da língua portuguesa registrado em documentos dos séculos XVI ao XVIII e primeiros 8 anos do século XIX, traz em si não só a língua mas também a história do Brasil desse período.

## **REFERÊNCIAS**

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. **Dicionário histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. [S.l.: s.n., 20-].

BLUTEAU, R. **Vocabulário portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 10v.

BOSQUE, I. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. **Verba**, Santiago de Compostela, n.9, p.105-123, 1982.

CASTILLO CARBALLO, M. A. La macroestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, A. M. (Coord.). **Lexicografía española**. Madrid: Ariel, 2003. p.79-101.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DUBOIS, J.; DUBOIS, C. **Introduction à la lexicographie**: le dictionnaire. Paris: Librairie Larousse, 1971.

GARRIGA ESCRIBANO, C. Microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, A. M. (Coord.). **Lexicografía española**. Madrid: Ariel, 2003. p.103-126.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p.95-187.

IMBS, P. Au seuil de la lexicographie. **Cahiers de lexicologie**, Paris, v.2, p.3-17, 1960.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1932.

PORTO DAPENA, J.- A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid, Arco/Libros, 2002.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. **Revista Alfa**, São Paulo, v.28 supl., p.45-69, 1984.

SILVA, A. de M. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado (Org.). Lisboa: Editorial Confluência, 1949. 12v.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da língua portuguesa**. 9.ed. Lisboa: Empresa Litteraria Fluminense de Santos, Vieira & Commandita, [188-?]. 2v.

\_\_\_\_\_. **Diccionario da língua portugueza.** Agostinho de Mendonça Falcão. (Org.). Lisboa: Typographia de Antonio José da rocha, 1858. 2v.

\_\_\_\_\_. **Diccionario da língua portugueza.** Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2v.

\_\_\_\_\_. **Diccionario da língua portugueza.** Lisboa: Typographia de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2v.

VIEIRA, D. **Grande diccionario Portuguez ou thesaurus da lingua portugueza.** Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874. 5v.

VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa [VOLP]. 5.ed. Rio de Janeiro: Global Ed., 2009.



## **SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES**

### **MARIA CRISTINA PARREIRA**

Docente do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em São José do Rio Preto (IBILCE/UNESP). E-mail: cristinaparreira@sjrp.unesp.br

### **SUZI MARQUES SPATTI CAVALARI**

Docente do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em São José do Rio Preto (IBILCE/UNESP). E-mail: suzi@ibilce.unesp.br

### **ODAIR LUIZ NADIN**

Docente do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em Araraquara (FCLAR/UNESP). E-mail: odairnadin@fclar.unesp.br

### **LÍLIA SANTOS ABREU-TARDELLI**

Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em São José do Rio Preto (IBILCE/UNESP). E-mail: lilia@ibilce.unesp.br

### **DANIEL SOARES DA COSTA**

Docente do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade

Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em Araraquara (FCLAR/UNESP). E-mail: daniel@fclar.unesp.br

### **ROBERTO GOMES CAMACHO**

Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em São José do Rio Preto (IBILCE/UNESP). E-mail: camacho@ibilce.unesp.br.

### **RAQUEL MEISTER KO. FREITAG**

Docente do Departamento de Letras Vernáculas. Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de Sergipe – UFS. Sergipe. E-mail: rkofreitag@uol.com.br

### **MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA**

Docente do Programa em Pós-Graduação em Letras da PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Belo Horizonte. E-mail: maoliverbr@gmail.com.

### **MARISELA COLÍN RODEA**

Docente do Departamento de Linguística Aplicada, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Ciudad de México, México. E-mail: marisela.colin@cele.unam.mx.

### **ROBERTO LEISER BARONAS**

Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e no Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e um dos coordenadores do Instituto Mattoso Câmara de Estudos Interdisciplinares da Linguagem – IMC – www.ufscar.br/imc. São Carlos. E-mail baronas@ufscar.br

### **SIMONE RIBEIRO DE AVILA VELOSO**

Doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Pós-

doutoranda do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara. E-mail: simoneribeiro-[vls@gmail.com](mailto:vl@gmail.com).

### **CHRISTELLE DODANE**

Laboratório Praxiling, CNRS 5267, Institut des Technosciences de l'Information et de la Communication (ITIC), Université Paul Valéry, Montpellier 3, 34199 Montpellier, France, email : [christelle.dodane@univ-montp3.fr](mailto:christelle.dodane@univ-montp3.fr) – Bolsista do Programa de Professor Visitante do Exterior, da CAPES (Ofício 280/2013).

### **CLOTILDE DE ALMEIDA AZEVEDO MURAKAWA**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em Araraquara (FCLAR/UNESP). E-mail: [jtm.jau@uol.com.br](mailto:jtm.jau@uol.com.br).



## SOBRE O VOLUME

Série Trilhas Linguísticas, n.27

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10 x 18,5 cm

Tipologia: Garamond 11/13,5

Papel: Pólen Bold 90 g/m<sup>2</sup> (miolo)

Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)

1ª edição: 2015

Para adquirir esta obra:

STAEPE – Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

Laboratório Editorial

Rodovia Araraquara-Jaú, km 01

14800-901 – Araraquara

Fone: (16) 3334-6275

E-mail: [laboratorioeditorial@fclar.unesp.br](mailto:laboratorioeditorial@fclar.unesp.br)

Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

